

THAIS LUZIA COLAÇO

O CARNAVAL NO DESTERRO

Século XIX

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA.

Florianópolis

1988

O CARNAVAL NO DESTERRO
Século XIX

THAIS LUZIA COLAÇO

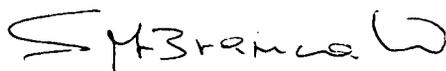
PROF. DR. CARLOS HUMBERTO P. CORRÊA
Orientador

PROF^ª DR^ª ONDINA PEREIRA BOSSLE
Coordenadora do Curso

ESTA DISSERTAÇÃO FOI APROVADA NA FORMA ORIGINAL PELA
BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Humberto P. Corrêa

Prof. Dr. Walter Fernando Piazza



Prof^ª Dr^ª Sandra Lubisco Brancato

FLORIANÓPOLIS •
SANTA CATARINA-BRASIL

1988 .

Ao Pick e Dirceá

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que direta ou indiretamente auxiliaram na elaboração deste trabalho.

Em especial:

- . Ao Prof. Dr. Carlos Humberto P. Corrêa - Orientador
- . Ao Prof. Dr. Walter Fernando Piazza
- . À Arqueóloga Teresa Domitila Fossari

RESUMO

R E S U M O

O presente trabalho refere-se ao estudo histórico do carnaval na cidade de Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, no século XIX.

Primeiramente, ter-se-á uma noção geral da origem do carnaval no mundo e do entrudo em Portugal.

Posteriormente, um breve histórico de Nossa Senhora do Desterro, desde a sua fundação até o século XIX, e a introdução do entrudo e do carnaval, nesta cidade.

O entrudo será destacado como a primeira manifestação carnavalesca no Desterro, inclusive com toda a série de restrições a que foi submetido.

A seguir serão analisadas as sociedades carnavalescas que se fizeram manifestar nesta época, com todas as suas características.

Finalmente, se abordará o reflexo do carnaval na sociedade desterrense.

O comércio que se desenvolveu em consequência do carnaval; a repressão legal e ideológica que este recebeu; a manifestação satírica e crítica que se caracterizou; a influência externa que este recebeu, da Europa e da Corte; a divulgação do abolicionismo.

Estes serão assuntos tratados que mostrarão a importância do estudo do carnaval, englobando vários fatores da sociedade desterrense de então.

ABSTRACT

The present paper is related to the historical study of carnival in the town of Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, in the nineteenth century.

Firstly, we will give a general notion of the origin of carnival in the world and of the festivities of carnival season in Portugal.

After that, we will present a brief history of Nossa Senhora do Desterro, since its foundation until the nineteenth century, and the introduction of the festivities of carnival in this town.

The festivities of carnival season will be focused as the first manifestation of carnival in Desterro, including the whole set of restrictions to which it was subjected.

Then, we will analyse the carnival societies which appeared at that time, with all of their characteristics.

Finally, the influence of carnival on the society of Desterro will be approached. We will be considering the trade which developed as a consequence of carnival; the legal and ideological repression to which it was submitted; the satirical and critical manifestations that were characteristic; the external influences that it received from Europe and from the Portuguese Court; the propagation of abolitionism.

These will be the subjects dealt with in this paper which will point out the importance of the study of carnival, gathering several aspects of the society of Desterro at that time.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - Carnaval e Entrudo	
1. Origem do Carnaval	7
2. O Entrudo em Portugal e no Brasil.....	10
CAPÍTULO II - O Carnaval no Desterro I	
1. Nossa Senhora do Desterro	14
2. O Entrudo	18
CAPÍTULO III - O Carnaval no Desterro II	
1. Aspectos Gerais	35
2. As Sociedades Carnavalescas	46
3. As Sociedades Carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos"	60
3.1. "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro"	64
3.2. "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos".....	89
3.3. Relacionamento das duas sociedades	107
4. Alguns elementos das sociedades carnavalescas	115
4.1. "Sociedade Carnaval Desterrense"	115
4.2. "Sociedade União Carnavalesca"	117
4.3. "Sociedade Carnavalesca União Improvisada	117
4.4. "Sociedade Recreio Carnavalesco".....	118
4.5. "Sociedade Beduínos Carnavalescos".....	119
4.6. "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro".....	120

4.7. "Sociedades Carnavalescas Diabo a Quatro e Bons Arcanjos"	126
4.8. "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos".....	127
5. Itinerário dos desfiles das sociedades carnavalescas	132
 CAPÍTULO IV – O Carnaval no Desterro III	
1. O caráter comercial do carnaval	136
2. O carnaval e os Bons Costumes.....	151
2.1. Repressão e Controle	151
2.2. Posicionamento da Igreja Católica	178
3. Influência externa no carnaval.....	179
4. Carnaval como meio de Crítica e Sátira	184
5. Participação do escravo no carnaval e o abolicionis- mo.....	193
6. Tempos de Monotonia	201
7. Os Mascarados	203
8. Participação da Criança	206
CONCLUSÃO.....	209
FONTES	
Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.....	214
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina	215
BIBLIOGRAFIA.....	217
ÍNDICE DE GRAVURAS.....	219

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Uma grande manifestação da cultura popular catarinense, atualmente um dos melhores carnavais do país (pelo menos o florianopolitano assim o considera), o carnaval de Florianópolis, ou Desterro, como era denominada a cidade no século passado, tem sido pouco ou nada estudado. Talvez por descaso ou preconceito*, não mereceu ao largo de todos esses anos de sua existência, maior atenção por parte dos pesquisadores catarinenses.

A bibliografia sobre o carnaval florianopolitano é bastante reduzida, o que não ocorre, porém, com a de outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo etc. Os trabalhos sobre o carnaval no Brasil, dão em sua maioria um enfoque sociológico, antropológico, artístico, folclórico e jornalístico, sendo poucos os que tecem uma visão e interpretação histórica.

Esta pesquisa é uma tentativa de recuperar os aspectos do carnaval desterrense do século passado, para que não se dissolva no tempo e caia no esquecimento.

A primeira documentação encontrada com informações sobre o carnaval foi um ofício de 1832, remetido pela Câmara Municipal ao Presidente da Província, proibindo o entrudo. Limita-se este trabalho ao período de 1832 a 1900, concentrando-se no século XIX, enfocando uma sociedade imperial na capital da Pro-

* ARAUJO, Marcos Goursand de. O carnaval como fenômeno comportamental de comunicação. Florianópolis, UFSC, 1980. p.6-7./

"No caso específico do carnaval, temos notado atitudes preconceituosas de muitos colegas contra o mesmo, por não considerá-lo suficientemente sério para merecer maior atenção!"

víncia de Santa Catarina.

A pesquisa foi realizada, em sua maior parte, através de consultas feitas nos jornais do Desterro do século XIX, localizados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina - Setor Catarinense - Jornais. A partir de 1855 encontra-se a primeira referência jornalística do evento.

Dentre os jornais pesquisados, os que continham notícias referentes ao carnaval, foram: "O Argos", "O Cacique", "O Catharinense", "Commercial", "O Conservador", "Correio da Tarde", "O Cruzeiro do Sul", "O Despertador", "O Estado", "Jornal do Commercio", "Matraca", "Mercúrio", "O Moleque", "O Mercantil", "Polyantea", "A República" e "O Ronco".

Concentra-se o maior número de informações no período de 1879 a 1888.

Através destes, nota-se que o carnaval era um acontecimento que não passava despercebido na sociedade local, uma vez que inúmeros são os artigos neles encontrados a seu respeito, fornecendo-nos subsídios para a elaboração desta dissertação.

Justamente por esta pesquisa ser fundamentada em informações da imprensa do século XIX, é que se tem o cuidado de esclarecer alguns aspectos.

O jornal era o único meio de comunicação de massa da época. Exercia forte influência sobre a população, ditando, aprovando, ou desaprovando normas, sempre aliado a determinados interesses "da população, do Estado, do Governo, da Igreja, dos Partidos Políticos, dos grupos de pressão e das personalidades

mais destacadas da capital"¹.

A título de ilustração, seguem alguns destaques que permitem inferir nesse sentido.

A imprensa da época, no que diz respeito às brincadeiras de carnaval, era a própria censura interferindo nos divertimentos do povo. "Órgão da imprensa assiste-nos o direito de censurarmos todo e qualquer ato público, assim como somos livres e imparciais que fizemos de tais atos"².

O carnaval, com características européias, tinha grande importância diante de uma visão progressista e civilizadora.

Mocidade desterrense amante do progresso e das grandes evoluções sociais que não poupou esforços, nem sacrifícios para que este ano o carnaval fosse solenizado com toda a pompa e magestade, reinando em todos os corações a animação, a vida e o entusiasmo que quase atingiu a meta do delírio. Filha desta virgem da América em cujo céu cintila a constelação do Cruzeiro onde a civilização e a liberdade parecem abrir, em cada dia que surge, novos horizontes à atividade humana, a nossa mocidade não podia ser indiferente, mostra-se mesmo refratária, a essa festa da civilização e do progresso.

O jornal assumia a posição de defensor do carnaval.

Se há fato que demonstra quanto estamos adiantados em civilização, é

¹ SILVEIRA, Adélia dos Santos. Catálogo analítico descritivo dos jornais do Desterro: 1850-1894 o jornal como fonte histórica. Florianópolis, UFSC, 1981. p.48./Dissertação de Mestrado em História.

² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

³ Ibid.

sem dúvida as festas que rendemos to
dos os anos ao Deus Momo. Assim não
pensão muitos que se diz progresso,
que enxergão no carnaval um esbanja-
mento de dinheiro, uma orgia e ou-
tras coisas mais próprias de cére-
bros escuros ⁴.

Mais uma vez aparece a idéia de orgulho do carnaval desterrense como parâmetro para classificação de um povo civilizado e progressista, "Se pelo critério, ordem e pujança de um divertimento público, pode-se aferir o quilate da civilização de um povo - os 4, 5 e 6 do corrente, colocão a capital de Santa Catarina à direita das mais adiantadas do sul americano"⁵.

Como se vê, a importância da imprensa, na época, é grande, tanto no sentido da censura dos atos públicos, quanto no direcionamento do gosto popular. Conseqüentemente, este trabalho irá espelhar, dentro das limitações impostas pela pesquisa, a própria visão da imprensa sobre o carnaval.

Esta dissertação abordará os vários aspectos do carnaval.

No primeiro capítulo será feito um rápido histórico do carnaval e do entrudo, desde a sua origem até a chegada ao Brasil, com ênfase no início do século XIX, quando da vinda da família real portuguesa.

No segundo capítulo será abordado a cidade de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, e o entrudo. Apesar dele se manifestar no período carnavalesco, vai apresentar características

⁴ Jornal MERCÚRIO. Desterro, n. 7, 7 fev. 1886.

⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883.

diferentes do carnaval de origem franco-italiano, com fantasias, máscaras, etc.

Este tipo de carnaval será tratado no terceiro capítulo, com as diversas sociedades carnavalescas que vão aparecer no Desterro, no século XIX. O carnaval de rua e de clube será salientado.

Finalmente o último capítulo, destina-se à análise do caráter comercial do carnaval, dos aspectos dos costumes, a repressão legal e ideológica, a crítica e a sátira, as influências externas sobre o divertimento, a relação com a escravidão e outros.

Este carnaval pelo que foi possível levantar, aparece com resquícios fortemente enraizados do carnaval lusitano e também com influências ítalo-francesas, que nesta época começam a ser introduzidas.

CAPÍTULO I
CARNAVAL E ENTRUDO

1. - ORIGEM DO CARNAVAL

A origem do carnaval ainda não está bem definida. Geralmente ela se encontra envolvida por explicações mitológicas, ligadas à figura de deuses apaixonados, à tragédia e a cultos, como o da fertilidade da natureza.

Segundo José Carlos SEBE, existe uma corrente que procura mostrar o carnaval como uma das festas mais antigas da humanidade.¹

Alguns autores dizem-no originário das festas do paganismo de Ísis e do Boi Ápis entre os egípcios; outros, entre os hebreus e nos bacanaís, lupercais e saturnais romanos; afirma-se, também, que teve seu berço na Idade Média².

De acordo com SEBE, as lupercais celebravam-se em honra do deus grego Pã (Fauno para os romanos), repetindo-se anualmente no dia 15 de fevereiro. As saturnais ocorriam no mês de dezembro. Este tempo estaria sob a égide de Saturno, deus protetor da agricultura³.

ENEIDA relata que a Igreja Católica tolerou esta festa pagã e regularizou-a.

Alguns para combaterem o carnaval, como Tertuliano, São Cipriano, São Clemente de Alexandria e o papa Inocêncio III⁴.

¹ SEBE, José Carlos. Carnaval, carnavais. São Paulo, Ática, 1986. p.9.

² ENEIDA. História do carnaval carioca. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1958. p. 21-2.

³ SEBE, José Carlos. Op. cit., p.14-5

⁴ ENEIDA. Op. cit., p.22.

Melo MORAIS FILHO diz que:

São João Crisóstomo condenou os deboches e as mascaradas nas igrejas; e o papa Inocência III as verberava por meio de um Decreto "Dão-se algumas vezes nas igrejas espetáculos e divertimentos de teatro, e não somente introduzem espetáculos e nesses divertimentos, monstros mascarados, mas ainda certas festas os diáconos, os padres e os subdiáconos permitem-se a liberdade de fazer toda a casta de loucuras e palhaçadas(...)

Eu vos conjuro a exterminar este costume" ⁵.

SEBE confirma que no século XV o papa Paulo II incorporou o carnaval no calendário cristão. Patrocinou uma rica celebração antes do advento da Quaresma. Em Roma escolheu a Via Láctea para adorná-la com tochas e grinaldas, e permitiu danças, corridas de anões e corcundas.

O carnaval romano ainda que promovido pela Igreja, era violento. Não apenas as práticas medievais de "buffonerie", espécie de batalha de confetes, ovos, urina e farinha, mas também, jogos e disputas.

Paulo IV promoveu, numa terça-feira-gorda, um farto jantar, com a presença do Sacro Colégio Romano. Tal festim pode ser considerado uma das primeiras celebrações em salão fechado ⁶.

⁵ MORAIS, Mello Filho. Festas e tradições populares do Brasil. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1946. p.28.

⁶ SEBE, José Carlos. Op. cit., p.25.

Segundo ENEIDA, na Idade Média, se manifestaram as festas dos "inocentes" e dos "doidos"; na Espanha realizavam-se batalhas de flores; na França aparecem os bailes de máscara ⁷.

Nos séculos XV e XVI, especialmente na França e na Itália, os bailes de máscaras começaram a fazer sucesso.

Marcos Goursand de ARAUJO, cita o poeta BYRON em uma descrição do carnaval de Veneza:

De todos os lugares da terra, Veneza era o que oferecia o carnaval mais divertido e o mais célebre, pelos cantos e danças, pelos bailes, serenatas e mascarados.

Grande multidão de forasteiros acorria à Veneza de outrora, atraída pelo seu carnaval.

Dos balcões ornamentados, choviam confetes sobre os mascarados, enquanto nas mesas e praça pública até os magistrados tomavam parte. À noite, então, o espetáculo assumia aspectos mirabolantes. As gôndolas, iluminadas com lanternas chinesas e luzes multicores, percorriam os canais e as águas da Laguna. Os mascarados penetravam, mesmo nas casas das pessoas desconhecidas e ali eram amavelmente recebidos, ou se encontravam todos na Praça São Marcos, transformada numa imensa sala de recepção ⁸.

No século XIX foi famoso o baile de máscara em Londres.

De acordo com ENEIDA, no fim do século XIX e começo do século XX, quase desaparece o carnaval na Europa ⁹.

Em Portugal, o carnaval se manifestava, através do entrudo, cuja origem possivelmente esteja na prática da "buffonerie" medieval. Esta festa prosseguiu na Península Ibérica sem muita variação até o século XIX. Chegando ao Brasil, o entrudo inten-

⁷ ENEIDA. Op. cit., p.24.

⁸ ARAUJO, Marcos Goursand de. O carnaval como fenômeno comportamental de comunicação., op. cit., p.13.

⁹ ENEIDA. Op. cit., p.25.

sificou-se com a vinda da família real¹⁰. (1808)

2. - O ENTRUDO EM PORTUGAL E NO BRASIL

Conforme Edigard de ALENCAR, têm-se notícias do entrudo em Portugal desde o século XV, sendo que nos séculos XV e XVI foi mais avassalador¹¹.

Segundo o jornal lisboense "Diário de Notícias", datam de 1817 os primeiros editais proibindo os abusos e aconselhando prudência aos foliões mais agressivos, procurando-se, desta forma, disciplinar este tipo de divertimento. Mesmo com as dezenas e centenas de prisões, o povo não deixava de divertir-se¹².

De acordo com o "Diário de Notícias", o entrudo se passava da seguinte forma:

(...) eram cartuchos de goma a emporem-lhe o cabelo, eram papelinhos picados, eram os doces fingidos, era a centopéia de cera espetada na parede e se o tolo caía, ou se deixava cair no engano eram surriadas, eram puxões, eram empurrões, que por menos ia dantes um pobre diabo figurar na folhinha ! (...)
As raparigas, auxiliadas pelas criaditas, tornavam-se uns verdadeiros "diabretes".

¹⁰ ARAUJO, Marcos Goursand de., op.cit., p. 17.

¹¹ ALENCAR, Edigard de. O carnaval através da música. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1965. p.44.

¹² CALIXTO, Vasco. O carnaval lisboeta no tempo de nossos avós. Diário de Notícias. Lisboa, fev. 1984.

Depois, de janela em janela, estabelecia-se um tiroteio de laranjas e de cascas de ovos com gesso, que chegava a rua a tornar-se intransitável "Sob pena de ficarem os transeuntes com um olho a menos". As cabacinhas de cera pintada com água-de-cheiro, as seringas de cana a esguicharem líquido sobre quem tinha a infelicidade de ser pilhado como vítima, as mãos cheias de tremoços arremessados à cara e quando faltava o tremoço, eram os feijões: e quando se acabava o feijão, era o grão; e quando se acabava o grão ia mesmo a alcofa que o continha (...)

Eram pós de sapatos com claras de ovos, era grude com que lhe besuntavam as mãos, era no fim de tudo um pote velho de barro, que lhe deixava cair aos pés no meio da rua, lá do alto da janela, quando o infeliz ia a sair da porta; às vezes o projétil errava o caminho e acertava-lhe na cabeça(...)mas a intenção havia sido divertida, e por se não ter pontaria infalível não se ficava proibida de brincar(...) ¹³.

Em Portugal, no século passado e começo deste, existia uma polémica em torno da validade do entrudo.

Em 1879, Xavier da CUNHA, popular colunista de "O Ocidente", cronicava sobre o entrudo português em termos saudosistas, se posicionando a favor. Argumentava que chamavam ao carnaval, entrudo, e que bastava essa denominação essencialmente clássica e nacional para demonstrar a vantagem das festas portuguesas "acima de quanta mascarada veneziana, acima de quanto de lírio parisiense (...) "¹⁴

¹³ CALIXTO, Vasco. Há cem anos já se notava a diferença: carnaval de Lisboa em 1885. Diário de Notícias. Lisboa, fev. 1985.

¹⁴ CALIXTO, Vasco., op.cit. 20.02.1984.

No entanto, Júlio DANTAS comentava na "Gazeta de Notícias", em 1909, críticas ao entrudo português e elogio ao carnaval ítalo-francês.

Nós, portugueses, nunca compreendemos que o entrudo pudesse ser uma festa d'arte como na Itália da Renascença, ou uma festa de espírito como na França de Luiz XIV, o nosso entrudo, o santo entrudo lisboeto, foi sempre fundamental e caracterizadamente porco. O século XVIII, então excedeu todos os outros. Foi o século do entrudo nacional¹⁵.

ENEIDA, referindo-se ao carnaval carioca, afirma:

Foi esse medonho entrudo português trazido pelos colonizadores e por eles aqui implantado que durante três séculos imperou em nosso país, nesta cidade. Com ele começamos os festejos de Momo e não apenas nós, mas também todos os povos da América espanhola, pois que as calamidades do entrudo "porco e brutal" eram comuns à Península Ibérica¹⁶.

O entrudo aqui no Brasil, recebeu um reforço com a vinda de D. João VI. Conforme citação de ARAÚJO, referindo-se à afirmação de Vieira FAZENDA, "o entrudo tocou o seu auge por vir o exemplo de cima: o primeiro imperador, dizem, era louco por essa brincadeira. O segundo seguiu-lhe as pegadas"¹⁷.

Também na época imperial, vão aparecer no Brasil, outras manifestações carnavalescas de origem ítalo-francesas.

¹⁵ ENEIDA. Op. cit. p.26.

¹⁶ ENEIDA. Op. cit. p.30.

¹⁷ ARAÚJO, Marcos Goursand de., op. cit. 14-5.

CAPÍTULO II
O CARNAVAL NO DESTERRO I

1. - NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Para melhor posicionar o leitor, é necessário fazer-se um breve histórico do desenvolvimento do Desterro até o final do século XIX.

Conforme Oswaldo Rodrigues CABRAL, Nossa Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catarina, foi fundada pelo paulista Francisco Dias Velho, entre 1650 e 1673, que trouxe consigo além de filhos, agregados, escravos e índios¹.

A póvoa tornou-se, assim, uma pequena comunidade de pescadores à beira da praia. Em 1712, a sua população ascenderia a 147 moradores portugueses, com exceção dos negros e índios.

A população era paupérrima. Dinheiro não tinha utilidade, pois usava-se o sistema de troca².

Segundo Nereu do Vale PEREIRA, desde o início até 1738 a vila pouco se desenvolveu. Nesta data, com a chegada do Brigadeiro José Silva Paes, 1º Governador da Capitania, iniciou-se o primeiro surto de desenvolvimento da cidade que se estendeu até 1770, após o qual se solidificou amparada na construção civil. Construíram-se fortificações, Palácio do Governo,

¹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro: memória I e II, notícia I e II. Florianópolis, Imprensa Universitária, 1971. p. 11.

² CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p.15.

Igreja Matriz (atual catedral), Paço Municipal (atual prefeitura), Hospital de Caridade, e outros estabelecimentos³.

Pela localização estratégica a que se situa a Ilha de Santa Catarina, foram implantados serviços de defesa contra os espanhóis que se fixaram no Rio da Prata.

De acordo com Laura Machado HUBENER, a ilha e a costa catarinenses foram povoadas em função das necessidades estratégicas da Coroa Portuguesa e não em função de objetivos econômicos. As necessidades militares e administrativas sobrepujaram, inicialmente, aos interesses de ordem econômica⁴.

Entre 1748 e 1756 chegaram à Ilha de Santa Catarina, povoadores dos Açores e da Madeira.

Afirma PEREIRA que entre 1785 e 1808, Desterro em nada se modificou. Nada houve que pudesse caracterizar um período, mesmo débil, de "modernização" ou de substancial mudança⁵.

Ainda conforme PEREIRA, a cidade, de economia fraca, voltada à subsistência, tornava-se mais dinâmica à proporção que ao porto chegassem navios de outras bandeiras desejando ví-

³ PEREIRA, Nereu do Vale. A modernização em Florianópolis. Florianópolis, UFSC, 1974. p.42. Tese submetida para a obtenção do Título de Livre Docente em Sociologia.

⁴ HUBENER, Laura Machado. O comércio da cidade do Desterro no século XIX. Florianópolis, UFSC, 1981. p.15.

⁵ PEREIRA, Nereu do Vale., op.cit., p.44.

veres e comércio⁶.

No início do século XIX já percebe-se transformações como o destaque e o prestígio de cidadãos locais, quando os altos comandos militares passaram a ser substituídos pela autoridade civil, escolhida entre os elementos mais expressivos da sociedade local. Estes elementos eram comerciantes. O grupo social mais importante passou a se constituir de comerciantes. Estes, em geral, eram proprietários de embarcações que efetuavam o comércio de pequena cabotagem entre os diversos pontos do litoral catarinense⁷.

De uma maneira geral, o comércio não permitiu a acumulação contínua de capital, haja vista a dependência dos comerciantes do Desterro aos do Rio de Janeiro. Por outro lado, os lucros obtidos pelos comerciantes eram transformados em gastos de consumo próprio e, por isso, era muito pequena a capitalização. A consequência disto foi a permanência de uma situação financeira e econômica até certo ponto estacionária na Província. O comércio viu-se pouco estimulado pela ineficácia da função intermediária do Porto do Desterro e por um desenvolvimento bastante lento do mercado local⁸.

PEREIRA acrescenta que somente em 1823 nova fase de prosperidade surge para a Vila de Nossa Senhora do Desterro. A capital da Província era elevada à categoria de cidade, por decreto de Dom Pedro I. O período iniciado vai ser caracterizado, principalmente, pela modernização e pelo surgimento de atividades literárias e culturais. Acontecimentos marcantes são os preparativos, mais tarde, para a recepção da Família Imperial, de D. Pedro II que visitaria Desterro. Várias obras públicas rea-

⁶ PEREIRA, Nereu do Vale., op. cit., p.46

⁷ HUBENER, Laura Machado., op. cit., p.17

⁸ HUBENER, Laura Machado., op. cit., p.95

lizadas, novos investimentos programados, e a cidade se "modernizou" para receber tão ilustres hóspedes. De outro lado os debates políticos ganharam brilho, pois foi fundado por Jerônimo Coelho "O Catarinense", em 1832, o primeiro jornal da Capital⁹.

Cuidou-se, em 1857, de construir um teatro, o Santa Izabel, hoje Álvaro de Carvalho. Já, em 1872, organizou-se o Clube Doze de Agosto, até hoje existente¹⁰.

Ao findar-se a Guerra do Paraguai, em 1870, e entrando em curso uma das maiores crises da economia mundial, a de 1880, todo aquele impulso de desenvolvimento do Desterro se vê interrompido, e com ele novo período de paralisação¹¹. Desterro perdeu seu valor como porto de navegação a vela, devido ao incremento da navegação a vapor.

Em 1895, com a vitória das forças de Floriano Peixoto, contra os federalistas, muda-se o nome da cidade para Florianópolis.

Nossa Senhora do Desterro desde a sua fundação até o final do século passado não alcançou grande desenvolvimento. Inicialmente uma vila de pescadores pobres, depois a capital da Capitania de Santa Catarina, mesmo assim continuava subdesenvolvida. Viveu de uma administração governamental, sob a influência militar em função da defesa da ilha, e um comércio incipiente, recebendo maior impulso do porto, que era o que realmente estimulava a vida econômica da capital.

⁹ PEREIRA, Nereu do Vale., op. cit. 46-7

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

2. - O ENTRUDO

Das brincadeiras de carnaval realizadas na cidade de Nossa Senhora do Desterro, a mais antiga era a do entrudo. De origem íbero-lusitana, chegou até a capital da província de Santa Catarina, pelos colonizadores portugueses.

Sabe-se da sua existência na cidade de Nossa Senhora do Desterro, bem antes de 1832, pois nesta data encontrava-se documento referente a ele¹². A última notícia que se tem dele no século XIX, foi em 1891¹³.

O entrudo acontecia nos três dias antes da quaresma, mas muitas vezes começava nos últimos dias de dezembro, e prolongava-se até o final do carnaval¹⁴.

Nessas brincadeiras o povo divertia-se jogando água ou qualquer outro líquido, dependendo do gosto apurado de cada um. Tanto poderiam ser perfumes, tinturas, corrosivos, quanto líquidos fétidos, inclusive urina e defecações humanas. Jogavam-se pós e alimentos também. Usavam-se vasilhames domésticos, como bacias, gamelas, jarras, urinóis, vasos e outros.

Foram introduzidos na brincadeira limões e laranjas -de-cheiro, feitas de cera, recheadas de líquido; e posteriormente, as bisnagas que também esguichavam líquido.

¹² ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Florianópolis-SC. Postura da Câmara Municipal. Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província. 26 jul. 1832. (mss.).

¹³ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n.286, 7 fev. 1891.

¹⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n.27, 6 fev. 1883.

O que também achamos imprudência é o uso que se faz no passeio dos tais limões-de-cheiro (...). As bisnagas sim, não há dúvida é um passatempo inocente e sem perigo" 15.

Era uma verdadeira batalha d'água. Atiravam-se dos sobrados às pessoas que passavam nas ruas, de janelá em janela, invadiam-se residências com munições aquáticas. Faziam-se trincheiras, escondiam-se, era uma correria, uma algazarra, um aguaceiro. Não resta dúvida de que deveria ser muito divertido.

Participavam moças, rapazes, senhoras, senhores, fidalgos, as "famílias honestas", todos entre si, independentemente de sua posição social. Não se respeitava ninguém. "Eram nesses três dias de carnaval que se vião as maiores loucuras, praticadas por homens, aliás decentes, e senhoras recatadas e modestas" 16. Todos estavam arriscados a levar um banho. Sair de casa naqueles dias, era uma verdadeira epopéia, voltar a casa são e salvo, era um milagre!

Muitas vezes quem permanecia em casa não escapava do aguaceiro, pois as residências também eram atacadas por guerreiros aquáticos.

Sim, atualmente joga-se o entrudo, porém com moderação, respeitando-se a moral pública e o interior do asilo das famílias não é invadido com tanta audácia e descaramento! 17.

15 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.358, 22 fev. 1876.

16 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 250, 18 fev. 1858.

17 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 301, 23 fev. 1855.

Os escravos eram terminantemente proibidos de participarem das brincadeiras, mas também divertiam-se.

A participação do escravo no carnaval será tratada em capítulo posterior.

Já vimos, com prazer, nos três dias de carnaval deste ano, em vez de lotes de negros e negras com taboleiros e balaios de limões, acompanhando a multidão desatinada, que a todas as janelas e portas investião (e alguns até forçavão-as) para entrudar 18.

Este divertimento além de tirar a monotonia do ano todo, também causava grandes males à saúde, pois uma simples gripe, decorrente de um banho d'água, na época, poderia ser fatal, além de outras doenças e incidentes causados. Havia um certo fanatismo por parte da população, pois mesmo com todos os riscos que a brincadeira acarretava, ninguém se furtava de praticá-la.

Havia um certo exagero relatado nos jornais em relação aos males provocados pelo entrudo, mas na realidade era uma brincadeira anti-higiênica e insalubre.

Para se ter uma idéia melhor de suas conseqüências, será exposta parte de um artigo, publicado no jornal "O Mercantil", intitulado "Umbelina ou as Vítimas do Entrudo".

Bem tristes efeitos vi desse brinquedo: poucos entrudos presenciei em que não acontecessem desgraças: - D. Iria apanhou um garrotilho de que morreu: D. Guiomar acabou tísica no fim de seis meses: conheci uma D. Edwirges que, por levar um mergulhão dentro de um tanque, ficou doida furiosa, pois o sangue lhe subiu o cérebro. Uma minha comadre D. Tecla, escorregou em tão má hora que quebrou a coxa, andou toda a sua vida de moletas. Também poderia apontar muitos rapazes a quem o entrudo foi bem fatal. Havia um Braz de Noronha e Sou

¹⁸ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 250, 18 fev. 1858.

za, perfeito cavalheiro e Sargento-mor de um terço, que ficou estuporado depois de uma grande molhadela. Um meu primo morreu de inflamação de peito, outro meu primo esteve sacramentado.

Um mocinho chamado Toribio Zuzarte de tal, que andava de óculos, chuchou em cima deles uma bola tão bem apontada...pah!... que estes forão feitos em pó os fragmentos dos vidros, lhe ferirão os olhos de modo que ficou cego; a estas horas, se vivê, ele deve ter seguramente seus oitenta anos, porque minha filha, eu vos falo de um tempo bem remoto, muito antes da vinda del Rei Nosso Senhor, que Deus haja. Ah! nesse tempo é que se brincavam de veras o entrudo! Hoje nem sequer vale a pena olhar para semelhante miséria(...) ¹⁹.

OS RESULTADOS DO ENTRUDO



Fig. 1

É com certeza a primeira caricatura dedicada aos festejos do Momo, valendo desde logo com o mais triste balanço dos excessos carnavalescos, também parecidíssimos com os de hoje. Em irônica seqüência, vemos no pequeno friso apresentado na gravura - um folião, na cadeia, por dívidas; outro com cara de quem ficou tuberculoso, do que fez e folgou, andando para a casa, com uma galinha depenada, para a canja; um escravo nos açoites, pagando também a sua cota de alegria proibida, dois policiais, de perna e braços encanados, d'algum rolo que tiveram de apartar, como nos bailes de grãfinagem de hoje; um defunto no velório, certamente o que mais brincou nos três dias; fi-

nalmente, uma jovem, de barriguinha em pinada, muito preocupada com os jurõs crescentes da folia²⁰.

Como se viu anteriormente, o entrudo era uma brincadeira que acontecia nos dias de carnaval, mas a imprensa faz uma distinção entre carnaval e entrudo.

A palavra "carnaval" tinha duas conotações: primeira aquela que abrangia o período dos três dias antes da quaresma, onde se realizavam vários tipos de brincadeiras, inclusive o entrudo; e segunda, um outro tipo de carnaval, de influência francesa e italiana, caracterizado pelos mascarados, bailes à fantasia, desfiles e outros.

Alguns jornais, precisamente nos anos de 1880 a 1885 fizeram questão de expor a sua neutralidade, "com os olhos na estrela do progresso critiquemos o carnaval com inteira imparcialidade, caráter distintivo do verdadeiro crítico"²¹. O que na realidade não acontecia, principalmente em relação ao entrudo.

A imprensa sendo o único meio de comunicação de massa, ditando ou desaprovando hábitos, exerceu uma forte influência na vida do povo. Altamente parcial, foi um agente de repressão ideológica.

O entrudo foi muito combatido. De maneira ideológica, através do bombardeio de artigos nos jornais mostrando seus

²⁰ LIMA, Herman. História da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro, J. Olympio. v.2. 1963. p. 523.

²¹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

aspectos negativos, atentado ao pudor, à moral, aos bons costumes, à dignidade, à higiene e à saúde; comparando-o à barbárie e ao regresso. Por sua vez o carnaval estava relacionado à civilização e progresso, lembrando lemas positivistas. De maneira legal, através das leis municipais, a fim de extingui-lo ou discipliná-lo*.

O carnaval sempre era destacado e enaltecido, principalmente em relação ao entrudo, na maioria das vezes, fazendo-se comparações. O elogio ao carnaval e suas formas de divertimento, através das sociedades carnavalescas, os bailes à fantasia, os mascarados e a sofisticação eram sempre salientados. A defesa ao carnaval era algo relutante contra o entrudo, na tentativa de um substituir o outro. Era a busca do ideal de divertimento de um povo supostamente civilizado.

Em 1879, o jornal "O Conservador", mostra-se animado, pois o entrudo estava começando a se extinguir.

As velhas usanças parece quererem desaparecer da nossa sociedade, para darem lugar a novos costumes mais apropriados à civilização da época. O entrudo, esse brutal e não menos prejudicial brinquedo, como se vai retirando envergonhado, cedendo a vez ao alegre e facetado carnaval. Ainda bem ²².

No exemplo abaixo, sente-se fortemente a idéia de que com o advento das sociedades carnavalescas e os zé-pereiras, o entrudo desaparecia.

Está restabelecido em nossa capital o

* Este assunto será tratado em "O Carnaval e os Bons Costumes".

²² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.

pernicioso, selvático e imoral jogo do entrudo, por meio de limões-de-cheiro e seringas, divertimento este já prescrito em muitas províncias do Império, e substituído por divertimentos de várias espécies adequadas ao progresso e civilização do povo brasileiro. Em tempo não muito remoto, houve pretensões de acabar com o bárbaro jogo do entrudo, para cujo fim formaram-se sociedades carnavalescas, as quais no 1º ano apresentaram-se regularmente organizadas, em trajes decentes e vistosos, porém quis a ma estrela que preside as coisas da nossa sociedade, que fossem de curtíssima duração, dando lugar ao reaparecimento do perigoso entrudo, que tantos prejuízos causão à saúde e à bolsa, sem se importarem os influentes da existência de uma postura municipal que proíbe com multa a venda dos tais limões. Os três dias do carnaval foram bem aproveitados com esse jogo, semelhantes às saturnais da antiga Roma²³.

As sociedades carnavalescas eram estimuladas a não desanimarem, instigando-se a rivalidade entre o carnaval e o entrudo. "Não desanime, porém encha-se ao contrário de nobre emulação para enfrentar no ano próximo a sua rival, e deliberarmos todo o estúpido entrudo. Dirigimos pois às distintas sociedades carnavalescas nossas felicitações"²⁴.

Mais uma vez se terá o exemplo do apoio às sociedades carnavalescas e o combate ao entrudo.

Tendo sido nós os primeiros que levantamos a voz na propaganda contra o brutal entrudo simbolizado na estúpida usança

²³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.361, 3 mar. 1876.

²⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 25 fev. 1882.

de atirar água, e a favor de alegre carnaval, não podemos deixar de agradecer a todas as sociedades e Clube que aceitarão a nossa idéia transformando-se em outras tantas sociedades carnavalescas²⁵.

O jornal "O Despertador" em 1879, deixa bem clara a idéia de perseguição ao entrudo por parte da imprensa. "Os nossos votos são para que o carnaval esteja flamante, e o entrudo seja banido"²⁶.

A criação da "Sociedade Carnavalesca Democratas", também foi amplamente estimulada. "Segundo consta-nos prepara-se esta sociedade para apresentar-se galhardamente ao público, por ocasião do carnaval. Que outras a imitem é o nosso desejo. Só assim o entrudo será banido"²⁷.

Referindo-se ao zé pereira da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos":

Se todos aqueles que estão nas condições de despensar sem sacrificios, seguissem o exemplo e porfiassem em festejar a época carnavalesca com todo o brilhantismo e espírito, abandonando o tão prejudicial e nocivo entrudo, não teríamos a lamentar, como quase sempre sucede, a perda da saúde e também da vida de muitas pessoas²⁸.

Referindo-se à "Sociedade Beduinos Carnavalescos", faz-se um apelo para que o carnaval ressurja mais forte que o entrudo.

²⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.666, 21 fev. 1879.

²⁶ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.663, 11 fev. 1879.

²⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 289, 9 fev. 1889.

²⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 35, 15 fev. 1891.

Fazemos votos para que ele prossiga, no intuito de abrilhantar e tornar agradáveis os três dias festivos de carnaval e sepultar de uma vez o inconveniente entrudo, que tão prejudicial se torna sempre. É tempo de acabar com os limões e as seringas, a selvageria de tais usos já de há muito os tem reprovado e só falta de um substituto é que ainda os faz aparecer.

Ânimo, pois surja possante o carnaval, mais festivo mais inocente e mais progressista do que o velho entrudo²⁹.

Encontra-se uma comparação do entrudo do ano de 1864, com o carnaval de 1884, deixando bem clara a diferença entre um e outro.

Desde eras mui remotas que os povos latinos celebram com grande entusiasmo as festas carnavalescas. Com o andar dos tempos tais festas têm cambiado de feição nestes ou naqueles povos, e quem se lembrar do que eram os três dias do entrudo entre nós, há 20 anos, e os comparar com os três dias de carnaval de hoje, não pode pôr em dúvida o que acabamos de escrever³⁰.

Nota-se uma rivalidade imposta pela imprensa, entre o carnaval e o entrudo, sendo impossível o convívio dos dois. O aparecimento e fortalecimento de um, dependia do desaparecimento do outro. Salientando sempre a figura do progresso em contraposição ao regresso, o carnaval versos o entrudo. "O carnaval vem ainda comprovar que um progresso implica um regresso, que morre uma instituição, quando nasce, cresce e se desenvolve outra"³¹.

²⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.549, 28 fev. 1877.

³⁰ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

³¹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 46, 24 fev. 1884.

O progresso aparece novamente em oposição ao entrudo:

O entrudo corrido de vergonha pela derrota que mais uma vez vem de sofrer, já mais reaparecerá do pó do esquecimento em que há tanto tempo jaz mergulhado, e ainda que seus adeptos tentem de novo levanta-lo, será de pronto esmagado pela clava do progresso manejado por braços fortes e possantes. Que a terra lhe seja leve, são os nossos maiores apelos ³².

E também, "desta vez, ele caiu vencido e jamais se erguerá de uma suprema luta, porque o progresso desfraldou a sua bandeira aos ventos da civilização" ³³.

Em 1855, encontra-se um artigo no jornal "O Conservador", em que descreve a transformação do entrudo, que de selvagem passou a ser moderado, respeitando-se a moral pública, e com provisão de sua extinção, já naquele ano, o que veremos posteriormente, é que ultrapassou as previsões.

Quem se recordar da maneira escandalosa com que a alguns anos muitas famílias honestas, residentes, nesta capital, se entretinham no jogo do entrudo durante os três dias respectivos que (bem se assemelhava aos saturnais dos antigos romanos), e observar atentamente o que ora sucede, convirá conosco que há tanta diferença, como da Primavera ao estio!

Já se não vê praticar atos imorais, cujos autores, fora de tal época, os estigmatizariam, e mesmo se horrorizariam de os observar em qualquer indivíduo de baixa condição (...)

³² Jornal COMMERCIAL. Desterro, n. 17, 29 fev. 1868.

³³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

É muito de presumir que em breve se extinga esse costume que tão prejudicial tem sido à saúde, à bolsa e talvez à boa reputação de muitas famílias ³⁴.

O jornal "O Cacique" em 1871, fez uma demonstração de desagrado pelos festejos daquele ano, os quais fizeram reviver o entrudo ³⁵.

Neste mesmo ano, o jornal "O Despertador" comenta com pesar, o renascimento do entrudo:

Carnaval. Nesta capital não houve influência para este divertimento. As pessoas que devião contribuir para o seu reaparecimento erão as primeiras que se entretinão com o pernicioso e imoral entrudo ³⁶.

Em 1884 novamente reaparece o entrudo, mostrando-se o jornal "O Despertador" desanimado com o revigoramento do mesmo. "Já começa a manifestar-se este jogo brutal, prejudicial à saúde e que tanto depõe contra a civilização de um povo" ³⁷.

A imoralidade e a insalubridade do entrudo eram frequentemente citados.

Já era tempo de acabar com o uso bárbaro, e prejudicialíssimo não só à saúde do corpo, mas também ao decoro e honestidade das famílias. (...) quantas enfermidades, e mesmo quantas mortas não forão a consequência infalível desse imoral uso: Inumeráveis (...) ³⁸.

³⁴ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 301, 23 fev. 1855.

³⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.461, 16 fev. 1877.

³⁶ Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 30, 25 fev. 1871.

³⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.161, 2 jan. 1884.

³⁸ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 250, 18 fev. 1858.

Em 1880 o jornal "A Regeneração", cita a cidade de São José, próxima a Desterro, como forma de satisfação, que, até lá, desapareceu o entrudo "Felizmente vai alvorecendo o carnaval, ao passo que chega o entrudo ao crepúsculo da tarde. Até S. José este ano, esmoreceu o entrudo, graças ao carnaval!"³⁹.

Também em 1882, o jornal "A Regeneração" mostra-se entusiasmado com os esplêndidos festejos carnavalescos daquele ano, em que o entrudo foi esquecido.

Repleta de entusiasmo, tomada do mais vivo contentamento, a mocidade desterrense, este ano, tocou a meta dos folguedos carnavalescos, levantando tronos ao deus Momo, quebrando como por encanto os elos perniciosos do carunchoso entrudo, que dava visos de vida no seio da nossa seleta sociedade. Desta vez, ele caiu vencido e jamais se erguerá (...) aos chamados limões-de-cheiro substituíram as flores, os confeitos, os sorrisos, as notas harmoniosas da música alegre, a graça, o chiste fino, delicado, a ruidosa verve, enfim, dos mensageiros da folia!⁴⁰.

Finalmente, em 1891, temos a última notícia do entrudo, pelo que consta, estava em pleno revigoramento, para a tristeza e frustração da imprensa, que tanto o combateu, mesmo assim ele subsistiu por muito tempo.

Sendo publicada no "Jornal do Comércio" uma carta destinada ao cidadão redator do jornal.

Brutal e inconveniente como sempre, aí está o entrudo numa expansão de vigoroso renovamento. As correrias sucedem-se desenfreadas cegas e as bandejas, as caixas e os ces

³⁹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

⁴⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

tos de limões ostentaram-se nas estantes das tavernas e percorreram as ruas num desafio numa ameaça perigosa e impune.

Sobre os rigores desta estação que, por si mesma, transtorna as condições de higiene e assusta a saúde pública, ainda as inconveniências da estúpida velharia, que deveria ter sido em absoluto eliminada com os tempos de atraso, com a ida de da pedra em que nasceu ⁴¹.

Pelo que se tem notícia de 1832 a 1892, foram 60 anos de altos e baixos na brincadeira. O entrudo aparece triunfante em 1832, 1871, 1872, 1876, 1880, 1884, 1891, e não se manifesta nos anos de 1858, 1868, 1879 e 1887.

De acordo com o decorrido, o entrudo não era nada elogiado, pois foram lhe dados diversos adjetivos repulsivos, tais como: regressivo, brutal, prejudicial, pernicioso, selvático, imoral, proscrito, bárbaro, perigoso, cadavérico, vetusto, estúpido, nocivo, carunchoso, inconveniente, selvagem, velho, funesto, prejudicialíssimo, atrasado e absurdo.

Nos dois exemplos abaixo, aparece algo de incomum nas opiniões jornalísticas, ou até mesmo nos divertimentos carnavalescos, a união pacificamente aceita do entrudo com o carnaval.

Em 1868, no jornal "Commercial" foi elogiado o convívio do carnaval e do entrudo, mostrando a "liberdade" nos divertimentos, pois cada um se divertia da maneira que mais lhe agradava.

Como é sabido, parte da população se prepara para amanhã e nos mais dias percorrerem as ruas da cidade vestidos de custo-

⁴¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 286, 7.fev. 1891.

mes a caráter, ao passo que a outra pre tende fazer reviver com todo o seu cortejo de loucuras o já cadavérico entru do! Ora, se isto acontecer, o que não duvidamos, será mais uma prova de quanto o povo é soberano, pois cada um pode se divertir da maneira que mais for do seu agrado. Belos tempos na verdade são estes por que atravessamos⁴².

O jornal "O Conservador" em 1877, lamenta o desaparecimento do carnaval e descreve um acontecimento muito peculiar, a mistura do carnaval com o entrudo, manifestado por um grupo de foliões uniformizados de artilheiros, que ao sinal de fogo, jogavam água com pontaria ao público assistente.

Os três dias do carnaval, foram este ano substituídos pelo vetusto entrudo, que reapareceu em toda a sua plenitude. Do carnaval apenas derão indício poucos máscaras dispersos e cabisbaixos, lamentando sem dúvida o desaparecimento desse gênero de divertimento, que tão grandes proporções tinha tomado em anos anteriores, em que existirão diversas sociedades que davão afinal suas partidas dançantes. Isto era porém, como em todas as demais coisas, presságio do seu desaparecimento, o que se verificou.

Ao terceiro dia apareceu, porém, um bando uniformizado, representando uma seção de artilharia, guarnecedo uma pessa em a competente carreta, que a vez de fogo expedia jorros d'água sobre o alvo a que era destinada a pontaria.

A invenção era com efeito interessante, e a execução das manobras igualmente, eram o carnaval e o entrudo demãos dadas a satisfazer os apaixonados de ambos; era enfim a confirmação dos casos raros que aqui aparecem - o máscara jogando entrudo.

No entrudo a lembrança não deixava de ter espírito, pelo logro que pregavão aos curiosos os projetos lançados pela pessa aquária.

⁴² Jornal COMMERCIAL. Desterro, n. 16, 22 fev. 1868.

Entretanto na divisão das opiniões entre os apologistas de um e outro gênero de divertimento, parece que melhor justificação a sua causa propugnadores do entrudo, dentro dos limites de moderação: pois é certo que esse gênero de divertimento é o que mais se acomoda à estação calma em que ele aqui tem lugar ⁴³.

O entrudo era um divertimento popular extremamente enraizado, por isso permaneceu por tanto tempo nos costumes do povo, mesmo com as inúmeras tentativas de substituí-lo por outras formas de diversão carnavalesca transportadas, a maioria continuava se divertindo da maneira que mais lhe agradava, "entrudando" ⁴⁴.

O entrudo só desapareceu quando novos elementos foram trazidos ao carnaval. Pelo próprio povo, sem pressão das autoridades e limitação das Posturas. O carnaval é folguedo folclórico - e o folclore é o povo quem faz, pratica, modifica, altera, mantém, mata e ressuscita. De acordo com a sua cultura, com seus usos, seus modos de vida* ⁴⁵.

Justamente por ele se manter presente por tanto tempo, e de grande aceitação da massa, é de se questionar os relatos referentes às suas trágicas conseqüências, aparentando ser violento, nocivo à saúde e anti-higiênico. Acredita-se que ele não te

* VIANNA, Hildegardes. op. cit., p. 286.

Em Salvador, no século XIX, os subdelegados distribuíram gratuitamente máscaras a todos que quisessem brincar o carnaval, já que as proibições do entrudo não mais faziam efeito. De uma maneira artificial, foi tentado estimular a expansão do carnaval para as brincadeiras de rua.

⁴³ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 401, 17 fev. 1877.

⁴⁴ Jornal COMMERCIAL. Desterro, n. 16, 22 fev. 1868.

⁴⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p.235.

133-
Militar

nha sido tão funesto quanto foi denunciado, pois se assim fosse, a própria população se encarregaria de condená-lo e esquecê-lo, sem a necessidade de forças artificiais interferindo no seu processo normal de desuso.

CAPÍTULO III
O CARNAVAL NO DESTERRO II

1. - ASPECTOS GERAIS

Com o passar dos anos, em Nossa Senhora do Desterro, foram sendo introduzidos novos tipos de divertimentos durante o período carnavalesco. Apoiadas pela imprensa e pelas autoridades, com o intuito de substituírem o entrudo, surgem as sociedades carnavalescas.

As sociedades carnavalescas em Desterro, no século XIX, eram entidades com fins, quase exclusivamente de divertimento, apesar de que aparecem outras atividades paralelas que serão tratadas, com particularidade.

Suas atividades se concentravam nos meses de janeiro, fevereiro e março, sendo o seu auge nos três dias de carnaval.

De 1858 a 1899, encontram-se 34 sociedades carnavalescas em Nossa Senhora do Desterro, número relativamente grande para 41 anos, apesar de que todas tiveram pouca duração.

Possuíam um diretoria que era eleita anualmente pelos seus associados. As eleições eram geralmente nos meses de fevereiro e março. Os seus diretores eram figuras ilustres da capital, como se verá posteriormente.

As diretorias compunham-se de diretor, vice-diretor, tesoureiro, 1º secretário, 2º secretário, 1º procurador e 2º procurador, ou mais de dois procuradores, dependendo de cada ano ¹.

Normalmente no dia da posse da diretoria, eram feitas festividades. As sociedades faziam desfiles pelas ruas, congra-

¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

tulando-se uma com a outra, e com a imprensa desterrense. À noite, após as comemorações, eram realizados bailes.

As sociedades tinham por objetivo, promover o maior número de divertimento aos seus associados.

Para que tivessem o máximo de brilhantismo nos dias de carnaval, havia a necessidade de uma verba destinada às despesas normais e extras das mesmas.

Precisavam uma grande quantia em dinheiro para cobrirem seus gastos, com as ricas e luxuosas festividades, permitindo, assim, a participação apenas das camadas de maior poder aquisitivo.

As rendas das sociedades provinham, geralmente, de mensalidades pagas pelos seus associados², mas tem-se referência a pagamentos trimestral³, e anual⁴, além de doações espontâneas feitas pelos mesmos.

Havia ~~uma~~ certa preocupação por parte da tesouraria, para o não-pagamento, ou mesmo, o atraso das mensalidades. Os associados que assim procedessem, eram punidos de várias maneiras.

Reuniam-se de tempos em tempos seus associados para tratarem de diversos assuntos, tais como: admissão de novos sócios,⁵ eleição da diretoria,⁶ posse da nova diretoria, apresenta

² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 10 fev. 1882.

³ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 233, 29 out. 1881.

⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 287, 9 fev. 1888.

⁵ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 600, 1 mar. 1879.

⁶ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 13, 15 fev. 1880.

ção de contas da gestão anterior, modificação do estatuto,⁷ negócios relativos aos festejos do próximo carnaval,⁸ recebimento da senha de reconhecimento para os festejos,⁹ nomeação das comissões de festejos e recepções,¹⁰ recebimento de distintivos,¹¹ pagamento de mensalidades,¹² organização da passeata após a posse da diretoria¹³ e reunião dançante¹⁴.

Na maioria das vezes as reuniões aconteciam nos primeiros meses do ano, mais próximo do carnaval: janeiro, fevereiro ou março, às vezes em dezembro.

O seu desempenho se desmembrava em duas atividades básicas: o carnaval de clube e o carnaval de rua, conforme será descrito posteriormente.

Contrariando as informações de CABRAL, de que existiam dois tipos de sociedades carnavalescas, "algumas para festejar o carnaval apenas nos salões, entre gente escolhida, sem mistura, e outras para fazer o carnaval, de rua, à moda da época"¹⁵.

⁷ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 12, 15 fev. 1883.

⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 11 fev. 1881.

⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 37, 16 fev. 1882.

¹⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 21, 30 jan. 1883.

¹¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.175, 20 fev. 1884.

¹² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 56, 12 mar. 1886.

¹³ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 58, 14 mar. 1886.

¹⁴ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 51, 3 mar. 1884.

¹⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 235.

O carnaval de clube se caracterizava pelos bailes à fantasia e de máscaras, realizados nos dias de carnaval, após os desfiles de rua, ou nos dias em que este não acontecia.

Os salões do clube ou teatro eram previamente decorados com os mais variados temas, esmerando-se, para isto, artistas que os executavam.

As fantasias eram muito requintadas e variadas, de mouros, cavalheiros, militares, músicos, pierrots, dominós, príncipes, princesas, rainhas, reis e outras. As mulheres eram as que mais se fantasiavam, apesar de os homens também o fazerem. Algumas fantasias mereciam elogio e notas nos jornais.*

Os mascarados eram muitos, e para tal tinham que obter autorização da diretoria, ou da polícia.

Para se ter uma idéia de como aconteceram os bailes, pode-se compará-los com os demais que aconteciam no Desterro, durante o ano.

Às horas tantas, o piano, ou então a orquestra - uma orquestra suave, de piano, violinos, clarinetes e contrabaixos de cordas, sem coisa de saxofones, trompetes e bateria polivalente, nem estridências que fazem a cacofonia atual ¹⁶. As danças mais conhecidas eram as habaneiras, as varsovianas, os schottiches, as mazurcas, as valsas, as polonaises e as quadrilhas. Havia mestres-sala, peritos em marcar quadrilhas e dirigir os passos das polonaises e dos lanceiros ¹⁷.

* VIANNA, Hildegardes. Op. cit., p. 286

Na Bahia, no século XIX, na maioria dos bailes, havia um guarda-roupa destinado aos que quisessem se fantasiar de última hora.

¹⁶ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 235.

¹⁷ Ibid.

Uma certa hora, quando a Diretoria dava o sinal, a orquestra deixava o seu lugar e os pares iam até uma grande mesa, situada numa outra sala, onde havia docinhos secos - e o vinho do Porto e licores, para uma bicada discreta. Aliás serviam-se com descrição. Nada de avanço. Nada de "encher a cara" 18.

Quanto aos brindes e discursos, estes não podiam faltar* 18.

As sociedades carnavalescas não possuíam orquestras, para isto necessitavam dos serviços de sociedades musicais, a fim de abrilhantarem seus bailes e passeatas.

Foram detectadas quatro sociedades musicais: Sociedade Musical Lyra Artística em 1881 ¹⁹; Sociedade Musical Philarmônica Comercial em 1882 ²⁰, 1883 ²¹ e 1884 ²²; Sociedade Musical Guarany em 1883 ²³, 1884 ²⁴ e 1896 ²⁵; Sociedade Musical Igualdade

* ENEIDA., op. cit., p. 43-6.

No Rio de Janeiro, os bailes carnavalescos eram públicos e se pagavam entradas para frequentá-los. As sociedades carnavalescas eram convidadas a abrilhantar este ou aquele baile. O que em Desterro não ocorria, pois as sociedades promoviam seus próprios bailes, podendo participar apenas seus associados, que pagavam mensalidades durante o ano todo.

¹⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 235.

¹⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 71, 6 abr. 1881.

²⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

²¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

²² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 45, 23 fev. 1884.

²³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

²⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

²⁵ Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n. 40, 18 fev. 1896.

e Fraternidade em 1892²⁶ e 1893²⁷.

As sociedades carnavalescas não dispunham de salões próprios para realizarem seus bailes, para isso, eram cedidos ou alugados, salões de casas particulares, as quais eram poucas com espaço suficiente para acomodar uma festa de tamanha proporção, usando-se, também, salões de lugares públicos.

A "Sociedade Bailante Recreio Familiar", em 1861 utilizou os salões do negociante Sr. Wanzeller²⁸.

A "Sociedade Recreio Carnavalesco" em 1868 usou a residência do Sr. Eleutério Francisco de Souza, situada à rua da Constituição. Este baile era para ser feito inicialmente, na casa da Senhora Genoveva da Costa, o qual foi transferido²⁹.

A "Sociedade Carnavalesca dos Artistas" em 1868, realizou seu baile na casa do Senhor Major Alves de Brito³⁰.

Até mesmo o Palácio do Governo foi cedido pelo Presidente da Província, Esperidião Eloy de Barros Pimentel, em 1859, para a "Sociedade Carnaval Desterrense"³¹, a qual no mesmo ano

²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 3, 21 fev. 1892.

²⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 295, 16 fev. 1893.

²⁸ Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

²⁹ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 709, 20 fev. 1868.

³⁰ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 710, 23 fev. 1868.

³¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1976, 25 fev. 1882.

realizou outros bailes no salão do Quartel ³².

A "Sociedade Beduinos Carnavalescos" em 1878 ocupou o Clube Dose de Agosto ³³, assim como a "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos" também alugava os salões deste clube.

A "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" alugava o Teatro Santa Izabel, intitulado-o de "Caverna Izabelina".

O carnaval de rua, nas principais vias da capital, com punha-se de várias etapas.

O anúncio do carnaval era feito com o zé pereira *.

Este Zé era um préstito sem mascarados, saindo os sócios dos respectivos Clubes com bombos, caixas e pratos a fazer ba tuque pelas ruas, e na casa do Clube, jun to às janelas e sacadas, para servir de aviso e animação. Em geral, a batucada começava um mês antes, à noitinha, e, nas proximidades do tríduo, saía as ruas, para uma voltinha de animação ³⁴.

Da informação acima discorda-se apenas de ser um préstito sem mascarados, pois serão encontrados mascarados integran-

* ALENCAR, Edigard., op. cit., p. 54

"Parece ter sido em 1852 que o carnaval do Rio ganhou um animador valioso na pessoa do sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes. Foi ele, no Brasil, o introdutor do Zé Pereira, ou seja, um pequeno conjunto de bombos e tambores. O título estranho se não veio direto de Portugal seria uma deturpação do nome de seu criador Zé Nogueira".

³² Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n.94, 10 fev. 1859.

³³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 946, 3 mar. 1878.

³⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 236-7.

tes do zé pereira, "com as caras cobertas com máscaras ou pintadas de branco e encarnado, estando estes indivíduos, acobertados de serem conhecidos"³⁵. Encontra-se também anúncios de venda de "máscaras especiais para os zé pereiras"³⁶.

Aparecem zé pereiras avulsos, sem nenhuma ligação com esta ou aquela sociedade. Era um movimento espontâneo, com pouca ou nenhuma organização. São poucos os registros destes.

Ter-se-á referência a eles, em 1881 um barulhento zé pereira formado por um "bando de rapazes vadios"³⁷; em 1884 ruídosos zé pereiras compostos principalmente de crianças e escravos³⁸; e, em 1891, um zé pereira composto de jovens militares³⁹.

Depois, o corso, propriamente dito. Este acontecia durante os dias de carnaval, normalmente no primeiro e terceiro. Promoviam desfiles com a devida cobertura policial. Estes eram inspirados por vários motivos, alguns sérios como a mitologia grega, outros críticos e satíricos que serão tratados separadamente em outro capítulo.

Os associados desfilavam a pé, nos carros, ou a cavalo, fantasiados e mascarados. Acompanhavam-lhes bandas de música.

³⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.175, 20 fev. 1884.

³⁶ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 22, 26 jan. 1884.

³⁷ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 652, 19 jan. 1861.

³⁸ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 805, 31 jan. 1861.

³⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 288, 10 fev. 1891.

Finalmente, o enterro simbólico do carnaval, no último dia após o préstito.

Os carnavalescos percorriam as ruas, portando ossos, caixão e outros apetrechos fúnebres, ao som de marcha e fogos de artifício. Sempre com muita animação, ao invés da tristeza. As fantasias usadas eram bem adequadas ao evento, tais como: fantasmas, múmias, esqueletos e outros.

A receptividade popular teve muita importância no sucesso dos desfiles, pois o povo como espectador era o responsável pela sua continuidade e brilhantismo, apesar de que era convidado a assistir e não participar.

Por volta de 1858 existia muito receio por parte das sociedades carnavalescas de serem agredidas com água pela população durante seus desfiles, provocando por este motivo, muitas recomendações ao público. Ainda nesta época o povo estava recebendo forte influência do entrudo, não estando acostumado com as novidades carnavalescas, no caso, as sociedades carnavalescas.

As pessoas que compõem esta sociedade, de se jando divertirem-se nos dias 14 e 16 do corrente, percorrendo as principais ruas desta cidade, rogão ao respeitável público queira ter a bondade não lançarem água sobre eles⁴⁰.

Aos poucos o povo vai tomando gosto pelas festividades do carnaval, participando, ignorando o entrudo.

O povo em grande número, girou por toda a parte, sem que fosse incomodado com

⁴⁰ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 248, 13 fev. 1858.

as caldeiras d'água, a chuva de limões -de-cera, que raros se vião. As janelas estavam cheias de senhoras, algumas ruas se embandeirarão para receberem os máscaras. Além das sociedades, alguns mascarados apareceram mas quase todos sem espírito nenhum⁴¹.

O decorrer do percurso era complementado com um forte tiroteio de flores das damas que se achavam nas janelas⁴².

O carnaval aparece mais animado em 1880, sempre ordeiro, e com grande afluência popular, a fim de assistir e prestigiar as sociedades.

O Largo do Palácio, as ruas por onde tinham de passar as sociedades, e as janelas, achavam-se apinhadas de povo (...). Ponto principal da afluência de observadores, achava-se nessa ocasião totalmente cheio de povo, e em todas essas reuniões não se deu a menor ocorrência desagradável⁴³.

Em 1882 o público recebeu as sociedades ofertando-lhes flores⁴⁴.

Às 4 horas da tarde do dia 21, extrema já era a curiosidade pública. A nossa praça principal achava-se literalmente cheia, as janelas das casas das ruas principais por onde deviam passar bandos, regurgitavam do sexo amável. Magnífico, pois estive o festejo carnavalesco este ano, devendo ficar convencidas as sociedades de que muito agradaram ao povo⁴⁵.

⁴¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.667, 25 fev. 1879.

⁴² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

⁴³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

⁴⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 18 fev. 1882.

⁴⁵ Ibid.

No ano de 1883 vieram visitantes para assistirem ao carnaval, de algumas cidades próximas da capital, Tijuca, São Miguel, São José, Laguna e outras ⁴⁶.

Novamente ter-se-á uma descrição da atitude do público em retribuição ao espetáculo proporcionado pelas sociedades.

Por todas as ruas por onde passaram as sociedades, foram estas recebidas debaixo de flores, que lhes eram atiradas pelas numerosas damas que enchiam todas as janelas, fineza a que as máscaras respondiam jogando-lhes pequenos ramos de amêndoas, limões-de-cera cheios de papel dourado, picado, pequenos buquês de flores naturais ⁴⁷.

Apesar da falta de interesse pela decoração, houve grande entusiasmo e euforia popular nos festejos, para assistirem aos cursos carnavalescos, inclusive com a vinda de visitantes.

No domingo de tarde o povo apinhava-se na Praça Barão de Laguna e nas ruas adjacentes, de um modo admirável.

À capital afluíu gente de todos os pontos circunvizinhos, e mesmo de muitas cidades e vilas distantes, como Laguna, Tijuca, etc.

As janelas das casas das ruas por onde tinham de passar os bandos, estavam cheias de senhoras, e até os edifícios ocupados por muitas famílias.

A curiosidade via-se desenhada em todas as fisionomias, a ansiedade era geral(..)

O povo acotovelou-se, apertou-se, compriou-se para chegar o mais perto possível da falange carnavalesca que surgia na praça ⁴⁸.

⁴⁶ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

Novamente em 1886, o povo aglomerou-se na Praça Barão de Laguna para aplaudir as sociedades ⁴⁹.

Em 1888, a Praça Barão de Laguna estava lotada com oito a nove mil pessoas para assistirem aos festejos carnavalescos, sendo entre estes, muitos visitantes de diversas localidades da província. Mesmo com todo este aglomerado humano, reinou a maior harmonia. Sendo o público o melhor juiz para julgar aquela ou esta sociedade carnavalesca, aplaudia com mais ou menos fervor ⁵⁰.

No primeiro dia de carnaval havia nesta cidade um reboiço grande; os rapazes andavam numa "durindana", corriam para todos os lados, a nossa praça estava convertida em um formigueiro, viam-se aqui e ali magotes de "compadres" e "comadres" sentados sob a árvore da praça ⁵¹.

2. - AS SOCIEDADES CARNAVALESCAS

A primeira sociedade carnavalesca cujas referências estão nos jornais do Desterro, é a "Sociedade Carnaval Desterrense", nos anos de 1858, 1859, 1860 e 1861.

Em 1858 foi feita uma reunião, no dia 27 de setembro, na residência do Diretor Manoel Pinto Portella, para preencher a vaga de Secretário e tratar dos festejos ⁵².

⁴⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 55, 11 mar. 1886.

⁵⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

⁵¹ Jornal MATRACA. Desterro, n. 6, 26 fev. 1888.

⁵² Jornal O ARGOS. Desterro, n. 356, 26 set. 1858.

No ano de 1859 foram feitas duas reuniões. A primeira no mês de março, na casa do diretor, para prestação de contas e eleição da Diretoria ⁵³; a segunda reunião no mês de outubro, feita no Hotel do Vapor, para a eleição do diretor e modificação de alguns itens do Estatuto ⁵⁴.

Em 1860 foram feitas duas reuniões no mês de março, no Clube Catarinense, para eleição e posse da nova diretoria e prestação de contas ⁵⁵.

Em janeiro de 1861, teve reunião na casa do diretor, para preencher vaga do Secretário ⁵⁶.

A diretoria fazia várias recomendações em relação às vestimentas carnavalescas, sendo uma delas, para que as máscaras e fantasias não fossem ridículas ⁵⁷. No ano de 1860 pedia às senhoras que não se apresentassem em grande luxo, e sim do modo mais simples possível ⁵⁸.

Quanto ao pagamento das mensalidades havia ~~uma~~ certa tolerância, com prorrogação do prazo, mas caso não fosse cumprido, o sócio era despedido ⁵⁹.

⁵³ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 102, 24 mar. 1859.

⁵⁴ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 158, 30 nov. 1859.

⁵⁵ Jornal O ARGOS. Desterro. n. 565, 13 mar. 1860.

⁵⁶ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 6, 20 jan. 1861.

⁵⁷ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 174, 25 dez. 1859.

⁵⁸ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 182, 29 jan. 1860.

⁵⁹ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 95, 13 fev. 1859.

Para os mascarados participarem dos bailes, necessitavam de senhas da polícia para reconhecimento e, à entrada dos mesmos deviam mostrar seus rostos ao porteiro ⁶⁰.

A diretoria pedia aos associados para apresentarem relações das pessoas de suas famílias que tinham direito a participarem dos bailes ⁶¹.

Além do Presidente da Província e do Chefe de Polícia e suas famílias, não eram aceitos convites a pessoas residentes na capital, mas podia-se convidar foliões de outras localidades, desde que estes não se mascarassem ⁶².

Não era permitido às pessoas comportarem-se sem "decência". Resta saber o conceito de decência da época. Eram permitidas danças e cantorias "honestas"; jogos de flores soltas, ramos, coroas, grinaldas e palmas; jogos de esferas ocas feitas de cera representando frutas, malacachetas feitas de papéis picados, versos e confeitos; passarinhos, amêndoas, balas de açúcar e invólucro de doces secos de toda espécie ⁶³.

Era usado foguetório para chamar os sócios a reunirem-se em grupos e iniciarem os desfiles de rua. Em 1859, o desfile começou no dia 5 de março com um bando de mascarados acompanhados de música. Nos dias 6, 7 e 8 continuaram o curso com mascarados, fantasiados, a pé, a cavalo, e em carros ⁶⁴. No ano se-

⁶⁰ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 94, 10 fev. 1859.

⁶¹ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 99, 3 mar. 1859.

⁶² Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 94, 10 fev. 1859.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ibid.

guinte, os desfiles foram nos dias 18 e 19 de fevereiro ⁶⁵.

Em geral, nesses desfiles era apresentado o estandarte da sociedade, precedido de uma banda de música marcial. Um carro distribuía congratulações poéticas por cavaleiros e damas mascarados. Seguia-se outro carro distribuindo flores naturais e artificiais, e um último com fantasiados. Havia sempre um fiscal do préstito, encerrado por uma guarda policial a cavalo ⁶⁶.

Em relação à "Sociedade Harmonia Carnavalesca", encontrou-se referências em 1858 e 1863. No ano de 1858 foi feita reunião no Hotel do Pacote, situado no Largo da Praça, de propriedade dos Senhores Bastos e Cia. ⁶⁷. Em 1863 também foi feita reunião de diretoria ⁶⁸.

Quanto à "Sociedade União Carnavalesca", ela se manifesta em 1858, 1861, 1868 e 1871. Fundada no dia 21 de fevereiro de 1858 ⁶⁹, com 60 associados, comemorando com foguetes e uma soirèe ⁷⁰.

Em 1861 foram realizados dois bailes no Liceu. No segundo, o Presidente da Província, Francisco Carlos de Araújo Brusque, compareceu com sua família e, ali permaneceu até quase meia

⁶⁵ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 182, 29 jan. 1860.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n.20, 15 jan. 1858.

⁶⁸ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 207, 25 jan. 1863.

⁶⁹ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 251, 20 fev. 1858.

⁷⁰ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 252, 23 fev. 1858.

noite. Esse baile terminou depois das duas horas da madrugada⁷¹.

No dia 24 de fevereiro, do mesmo ano, foi feita uma assembléia-geral para apresentação e aprovação das contas e nomeação da nova diretoria⁷².

Em 1860 percorreu as ruas da cidade, com número reduzido de sócios, acompanhada de banda de música e sem mascarados⁷³.

Em 1868, no dia 23 de fevereiro, a diretoria teve que fazer convite especial aos sócios para acompanharem o bando⁷⁴.

Em 1871 organizou-se uma sociedade carnavalesca com o mesmo nome "Sociedade União Carnavalesca"⁷⁵.

A "Sociedade Recreio Carnavalesco", aparece em 1859, 1860, 1861 e 1868.

Em 1859 foram feitas duas reuniões⁷⁶, sendo a última em dezembro⁷⁷.

No ano seguinte fizeram duas passeatas, em fevereiro⁷⁸, e em abril⁷⁹, percorrendo as ruas da cidade com banda de música.

⁷¹ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 661, 15 fev. 1861.

⁷² Jornal O ARGOS. Desterro, n. 664, 21 fev. 1861.

⁷³ Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

⁷⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 531, 21 fev. 1868.

⁷⁵ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 250, 12 fev. 1871.

⁷⁶ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 112, 1 mai. 1859.

⁷⁷ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 535, 24 fev. 1859.

⁷⁸ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 554, 9 fev. 1860.

⁷⁹ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 566, 17 mar. 1860.



PROGRAMMA

nos

FESTEJOS DA SOCIEDADE

RECREIO CARNAVALESCO.

A Sociedade fará os seus divertimentos da maneira seguinte:

1.º No dia 18 do corrente, pelas 5 horas da tarde, partirá da casa do sobrado da Rua do Malto Grosso, um grupo de Cavalleiros vestidos á fantasia, levando um d'elles o estandarte da Sociedade, o qual grupo percorrerá as principaes ruas da Capital, precedido de uma banda de musica.

2.º No dia 19, ás 3 horas da tarde se reunirão os Srs. Socios no sobrado n.º 1 da Rua do Livramento, e ás 4 horas, d'ali sairão incorporados á percorrer com a banda de musica as ruas: Livramento, Senado, Praça, Trindade, Alecrim, Aurora, Vigario, Tronqueira, até a travessa do José Jaques; d'ali voltarão pela mesma rua da Tronqueira, seguindo pela do Vigario, Campo do Manejo, Beco do Quartel, Vinagre, até o principio da Jazeira, voltando pela mesma rua do Vinagre, e proseguindo pela da Colôa, Principe, e Livramento, até a casa de que sairão reunidos, d'onde se dispersarão.

3.º No dia 20 ás mesmas horas sahirá a Sociedade do Sobrado n.º 38 da rua Augusta, fazendo a sua digressão pelas ruas: Augusta, Praça, Principe, Livramento, Carioca, Ouvidor, Senado, Paz, Governador, Palma, e Passelo, até a Praia de Fora, voltando pela mesma rua Jo Paselo, e seguindo pela da Palma, Senado, Flores, Principe e Augusta, até a casa da reunião.

4.º No dia 21, ás mesmas horas, e do ultimo referido ponto, sahirá a Sociedade á percorrer as ruas: Augusta, Lapa, Pedreira, Conceição, Cadea, Praça, Governador, Paz, Senado, Palma, Principe, Praça, Vigario, Campo do Manejo, Beco do Quartel, Cadea, e Augusta, até a casa, de que partirá, d'onde se dispersará.

5.º Durante as digressões da Sociedade, só é permitido aos Srs. Socios executar quequeser, danças e cantorias, que não offendão a moral publica; offerir pan-sias, doces, flores, frutas; e dirigir palavras honestas a quem lhes aprouver.

6.º Nos dias 19, 20, e 21, pelas 8 horas da noite, se reunirão os Srs. Socios com suas familias, ou com seus convidados, na casa n.º 1 da rua do Malto Grosso, para tomar uma chavena de chá.

7.º A Directoria distribuirá pelos Srs. Socios, em cada um destes tres ultimos dias, uma senha, e distinctivo, reconhecidos da Policia, os quaes se-hão receber em casa do Director.

8.º Nas noites de reunião das familias, os Srs. Socios, que forem com mascara, serão obrigados a declarar seus nomes, em particular, ao S.º encarregado de examinar a identidade de pessoa, e a receber a sua senha do mesmo encarregado, quando queirão sair da casa da reunião com intento de voltar.

9.º Os festejos terminarão sem reprehender a ninguem. Desterro: 5 de Fevereiro de 1860. — O Director, M. A. Dutra — O Y. D., P. J. Refugio — Tesoureiro, J. da S. Bastos — O 1.º S., A. L. do Livramento — O 2.º D. G. da S. Pezoto — O 1.º Procurador, E. C. M. Aleixo. — O 2.º E. S. de Souza.

Fig. 2 — cf. O ARGOS, n. 554, de 9 de fevereiro de 1860.

Ofertaram ao público flores, poesias, doces e frutas; e ao Presidente da Província ofereceram um chá. À noite, realizaram um baile de máscaras.

Neste mesmo ano tiveram reuniões em fevereiro ⁸⁰, em março ⁸¹ e abril ⁸².

Em 1861 foi feita a união da "Sociedade Carnavalesca Desterrense" com a "Recreio Carnavalesco", resultando daí a "Sociedade União Carnavalesca" ⁸³.

Sete anos mais tarde, em 1868, a "Sociedade União Carnavalesca" volta às páginas dos jornais, noticiando um baile, na residência de Eleutério Francisco de Souza, que foi encarregado do reconhecimento dos mascarados e convidados ⁸⁴.

A "Sociedade Carnavalesca Netos do Diabo" apareceu na imprensa em 1861, 1896, 1898 e 1899.

No primeiro ano iniciou o carnaval com um zé pereira ⁸⁵.

Em 1896 voltou com um zé pereira, fazendo também baile ⁸⁶, e desfile ⁸⁷.

⁸⁰ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 560, 25 fev. 1860

⁸¹ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 2, 4 mar. 1860.

⁸² Jornal O ARGOS. Desterro, n. 574, 14 abr. 1860.

⁸³ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 653, 22 jan. 1861.

⁸⁴ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 709, 20 fev. 1868.

⁸⁵ Jornal O RONCO. Desterro, n. 5, 29 ago. 1861.

⁸⁶ Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n. 40, 18 fev. 1896.

⁸⁷ Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n. 39, 16 fev. 1896.

Foi feita eleição para diretoria em 1898 ⁸⁸.

E novamente em 1899, vai ter um zé pereira ⁸⁹, baile e desfile ⁹⁰.

A "Sociedade Carnavalesca Pantomineiros" é destacada em 1896, em que se tem apenas esta notícia "os Pantomineiros que não se façam esperar" ⁹¹.

Em 1896 só eram aceitos os sócios que estivessem quites com o pagamento ⁹². Neste ano, saíram às ruas com um bando fantasiado, e no terceiro dia fizeram um baile, não sendo permitido convite a pessoas não-associadas ⁹³.

A "Sociedade do ABC ou Grupo dos Flautas" é referida em 1863 e 1882.

Ocorreu reunião no Hotel do Vapor em 1863 ⁹⁴. Em 1882 tem-se notícia da sua fundação ⁹⁵, deixando a entender tratarem-se de sociedades diferentes, apesar do mesmo nome.

A "Sociedade Carnaval União Improvisada", em fevereiro de 1863, percorreu com um bando de mascarados, nos três dias de

⁸⁸ Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n.54, 12 mar. 1898.

⁸⁹ Jornal O ESTADO. Desterro, n. 261, 27 jan. 1899.

⁹⁰ Jornal O ESTADO. Desterro, n. 262, 28 jan. 1899.

⁹¹ Jornal O RONCO. Desterro, n. 32, 28 ago. 1861.

⁹² Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n. 30, 6 fev. 1896.

⁹³ Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n. 36, 13 fev. 1896.

⁹⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 8, 10 fev. 1863.

⁹⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 40, 19 fev. 1882.

carnaval, as ruas da cidade. Saindo inicialmente da casa da so ciedade, um sobrado da rua Augusta. Foram realizados dois bai- les, nos dias 15 e 17, havendo pessoas designadas para reconheci- mento dos sócios, e para conduzir as senhoras aos seus assentos⁹⁶.

A "Sociedade Carnavalesca dos Artistas", realizou um baile no dia 24 de fevereiro de 1868, no sobrado do Major Alves Brito, situado no Largo da Praça⁹⁷.

A "Sociedade Bailante Recreio Familiar", é comentada em 1861 e 1869.

Em 1861, no primeiro dia de carnaval:

Apresentou um considerável número de máscaras, vestidos a gosto, e percorreu as ruas principais, cumprimentando com flores, confeitos e versos, a todos os habitantes. Em todos os lugares foi es- ta sociedade com o aplauso e satisfação, não só pelo variado e primor do vestuá- rio, como também pela delicadeza da con- duta dos membros que souberam respeitar as conveniências, e haver-se como cava- lheiros em todas as casas onde entraram.

O baile dessa noite, dado nos belos sa- lões do muito digno e respeitável nego- ciante o Sr. Wanzeller, nada deixou a desejar.(...) primou neste último dia, pelo asseio dos seus máscaras a fina crítica que elas desenvolveram, tornan- do-se muito aplaudida a lembrança do carro que conduzia os escritores do Chaveco (...)

À noite trocadas em sedas, as vestes ca

⁹⁶ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 212, 12 fev. 1863.

⁹⁷ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 710, 23 mar. 1868.

ricatas da tarde, teve lugar o brilhante e muito concorrido baile ainda na casa do cavalheiro negociante Wanzeller, que cativou com suas maneiras a honra de entrarem nos salões da sua casa ⁹⁸.

No ano de 1869 também houve um baile de máscaras ⁹⁹.

A "Sociedade Pagode Carnavalesco", em 1870, reuniu-se na rua Augusta nº 20, com bailes na primeira e terceira noites, e finalmente o enterro do carnaval ¹⁰⁰.

A "Sociedade Carnavalesca os Democratas", foi fundada em 1872, com cerca de 50 sócios ¹⁰¹.

Em 1873 saíram pelas ruas, no domingo de carnaval, com banda de música, e depois recolheram-se à casa de suas reuniões para um baile. Às 20:00 horas, terminou a festa com o enterro dos ossos, e um farto jantar, servido com leitão assado, vinho e cerveja ¹⁰².

Em 1874 espalhou-se um boato de que a sociedade havia se dissolvido, mas foi sem fundamentos ¹⁰³. Neste ano, em fevereiro, saiu um bando reunido no sobrado do Sr. Estanislau Valério da Conceição, acompanhado pela banda de música do artista Ângelo Abade, nos dias 15, 16 e 17 às 16:00 horas. Os bailes dos

⁹⁸ Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

⁹⁹ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 805, 31 jan. 1869.

¹⁰⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 150, 24 fev. 1870.

¹⁰¹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 236.

¹⁰² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 453, 20 fev. 1873.

¹⁰³ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 105, 4 fev. 1874.

dias 15 e 17 realizaram-se no Clube Doze de Agosto, finalizando com o enterro do carnaval ¹⁰⁴.

Em 1889 aparece referência à criação de uma sociedade carnavalesca com o mesmo nome da anterior, a qual faria o seu primeiro zé pereira percorrendo o bairro da Praia de Fora ¹⁰⁵.

No ano de 1893 das antigas sociedades apenas se apresentou a dos "Democráticos", sendo grande a afluência do povo à passagem do brilhante préstito ¹⁰⁶.

A "Sociedade Carnavalesca Romeiros da Alegria", em 1873, organizou um desfile de mascarados com banda de música ¹⁰⁷.

A "Sociedade Beduinos Carnavalescos" foi fundada em 1877 ¹⁰⁸.

Em 1878 fez dois bailes no Clube Doze de Agosto ¹⁰⁹.

Em 1879 teve reunião no Clube Doze de Agosto, na qual, o tesoureiro estava presente para receber as cotas de pagamento ¹¹⁰.

¹⁰⁴ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 106, 11 fev. 1874.

¹⁰⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 289, 9 fev. 1889.

¹⁰⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 295, 16 fev. 1893.

¹⁰⁷ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 236.

¹⁰⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.549, 28 fev. 1877.

¹⁰⁹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 946, 3 mar. 1878.

¹¹⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 939, 7 fev. 1879

A "Sociedade Carnavalesca Companheiros do Silêncio", em 1879, no mês de fevereiro fez um baile e um passeio precedido de sua bandeira negra e sua banda de música com fantasias de dominós brancos ¹¹¹.

A "Sociedade Carnavalesca Filhos do Purgatório", em 1879, fez uma reunião ¹¹².

A "Sociedade Carnavalesca Filhos do Satanás", em 1879, fez um baile de máscaras ¹¹³.

A "Sociedade Democrática Bailante Carnavalesca", é referida em 1882 ¹¹⁴.

As "Sociedade Estrela do Oriente", "Sociedade Carnavalesca os Carambolas" e "Sociedade Carnavalesca Tenentes do Diabo", também desfilaram pelas ruas da cidade em 1882 ¹¹⁵.

A "Sociedade Carnavalesca União Artística", em 1882, fez uma reunião em janeiro, saindo com um animadíssimo zé pereira em janeiro ¹¹⁶ e outro em fevereiro ¹¹⁷. No dia 20 de janeiro rea

¹¹¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

¹¹² Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 592, 8 fev. 1879.

¹¹³ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 592, 8 fev. 1879.

¹¹⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 49, 3 mar. 1882.

¹¹⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 25 fev. 1882.

¹¹⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 22, 28 jan. 1882.

¹¹⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.

lizou um baile, em que só participaria quem pagasse seis mil réis de mensalidade ¹¹⁸.

Em 1883 "apesar de ser nova e pobre, não deixou de apresentar algumas idéias que muito agradaram ao público" ¹¹⁹, acompanhada da "Banda de Música União Artística", com seus componentes fantasiados ¹²⁰.

A "Sociedade do Pau Grande", em 1883, apresentou um zé pereira ¹²¹ e outro no ano seguinte, acompanhado com banda de música, conduzindo painéis "com algumas alusões ao espírito" ¹²².

A "Sociedade Carnavalesca os Silenciosos", com um ano de antecedência, em fevereiro de 1887, já se organizava, convidando as pessoas que quisessem participar dos folguedos carnavalescos para 1888, a fim de elegerem uma diretoria ¹²³. Em dezembro do mesmo ano foi feita a reunião, já na casa do diretor ¹²⁴.

Em 1888 percorreu a maior parte das ruas da capital, manifestando ordem e bom gosto, conquistando simpatia geral ¹²⁵.

¹¹⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 39, 18 fev. 1882.

¹¹⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 12 jan. 1883.

¹²² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.169, 30 jan. 1884.

¹²³ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 39, 26 fev. 1887.

¹²⁴ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 276, 26 dez. 1887.

¹²⁵ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 36, 15 fev. 1888.

Sobressaiu-se o carro com uma coluna aberta homenageando as sociedades "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos", e um barquinho destinado à navegação do Canal Príncipe Dom Afonso ¹²⁶. Somente esta sociedade apresentou-se no 2º dia de carnaval, trazendo 5 carros; o que mais agradou foi o que mostrava um burro lendo o futuro programa da sociedade. "Querendo salientar-se e tomar lugar entre as primeiras" ¹²⁷. Depois da passeata, fizeram o enterro dos ossos ¹²⁸.

O "Grupo dos Críticos" apareceu pela primeira vez em 1887. Mesmo tendo poucos dias para preparar-se e sendo um grupo pequeno e modesto foi interessante. Apresentou críticas e um trabalho de arte ¹²⁹. Finalizando com o tradicional enterro do carnaval ¹³⁰.

O "Grupo dos Silenciosos e Violas", em 1887, exibiu-se modestamente com alguns carros de "idéia" ¹³¹.

A "Sociedade Carnavalesca da Praia de Fora", em 1889, agradou o público com um zé pereira muito chique e com críticas ¹³².

¹²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

¹²⁷ Jornal MATRACA. Desterro, n. 5, 19 fev. 1888.

¹²⁸ Jornal MATRACA. Desterro, n. 6, 26 fev. 1888.

¹²⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 4, 24 fev. 1887.

¹³⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 3, 22 fev. 1887.

¹³¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 4, 24 fev. 1887.

¹³² Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 34, 11 fev. 1889.

A "Sociedade Carnavalesca Ganchos do Oriente", em 1891, saiu no Estreito, às 16:00 horas num brilhante préstito ¹³³.

O "Grupo dos Pandregos", em 1893, fez um animado zé pereira, com alguns carros, e a banda musical "Igualdade e Fraternidade", sendo grande a afluência do povo nas ruas ¹³⁴.

O "Grupo Treme-Terra", em 1893, apresentou um alegre zé pereira ¹³⁵.

O "Grupo Carnavalesco Momista", em 1899, apresentou vários zé pereiras ¹³⁶, compostos por carros de críticas ¹³⁷.

O "Grupo Carnavalesco Saca-Rolha", em 1899, saiu com um ruidoso zé pereira da rua Tiradentes, percorrendo as demais ruas da cidade ¹³⁸.

3. - AS SOCIEDADES CARNAVALESCAS "DIABO A QUATRO" E "BONS ARCANJOS"

As sociedades carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos" eram as mais importantes da década de 1880. Elas existiram na mesma época, de 1879 a 1891, e foram as que duraram mais tempo que as demais, 12 anos.

¹³³ JORNAL DO COMERCIO. Desterro, n. 287, 8 fev. 1891.

¹³⁴ JORNAL DO COMERCIO. Desterro, n. 295, 16 fev. 1893.

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ Jornal O ESTADO. Desterro, n. 246, 10 jan. 1899.

¹³⁷ Jornal O ESTADO. Desterro, n. 260, 24 jan. 1899.

¹³⁸ Jornal O ESTADO. Desterro, n. 245, 8 fev. 1899.



ORDEM DO DIA

Plutão, Rei dos infernos, do alto do seu throno flamante, elogia seus vassallos da ordem *Diabo a Quatro*, pslo bem que se portaram nos folguedos carnavalescos: e bem assim agradece á musica dos genios *Trajanos*, que, tão bons serviços lhe prestou:

Declara outro sim a todos os diabolos que no dia 2 do corrente haverá reunião infernal na caverna do valle da Constituição n. 17 afim de tratar-se de negocios diabolicos, admissão de novos genios e eleição das dignidades da ordem para o futuro carnaval.

Mundo da Lua, 1 de Março de 9781. --O secretario, BELZEBUTH.

Fig. 3 - cf. O CONSERVADOR, n.600, de 1 de março de 1879.



D. Q.

S. C.

DIABO A QUATRO

URBI ET ORBI!

(Deixai passar o latinorum.)

Os rufos desesperados do *Zé Pereira* já se fizeram ouvir; os dias da grande loucura aproximam-se a passos de gigante; *Momo* faz caretas de horror; os talos riem-se sem saber de quê; e nós os diabolicos filhos de *Plutão* rimo-nos de todos elles.

Não vos espanteis: este preambulo tem por fim preveni a vós todos, que tendes entrada na CAVERNA, e que ella vos será vedada se não vos entenderdes directamente com o irmão *Guarda cobres*.

Rapaziada! *bacalhão não é toucinho*, e portanto, determina o homem das *barbas brancas*, o pai dos filhos de *Plutão*, que todos os *Diabos a Quatro* se reunam Domingo, 17 do corrente ás 11 horas da manhã, na nossa *Caverna Izabelina*, afim de receberem os distinctivos sociaes, e... disse!

O secretário *ad hoc*.

Lucifer tonante.

Fig. 4 - cf. A REGENERAÇÃO, n. 37, de 14 de fevereiro de 1884.

ANNUNCIOS.



D. Q.

S. C. Diabo a Quatro

URBI ET ORBI !!

(Deixai passar a ~~estremidade~~)

Os rufos ~~de~~ **Zé Pereira** já se fizeram ouvir; ~~o fim da~~ grande loucura aproximam-se a ~~passagem de~~ gigante; **Nome** faz caretas de ~~homem~~; os tolos riem-se sem saber de ~~que~~ **esta**, os diabolicos filhos de **Pluto**, ~~não são~~ de todos elles...

Não vos ~~espanteis~~ ~~com~~ preambulo tem por fim prevenir a ~~vossa~~ **taboa**, que tendo entrada na **CALLE**, que ella vos será vedada se não ~~se~~ ~~recomendades~~ directamente com o irado **Guarda cobres**.

Rapaziada! ~~Quanto~~ ~~não~~ ~~é~~ ~~loucas~~, e, portanto, ~~desmancha~~ ~~humam~~ ~~das~~ ~~barbas~~ ~~brancas~~, o ~~pai~~ ~~dos~~ ~~filhos~~ ~~de~~ **Pluto**, que todos os **Diabos** e **Quatro** se regnam domingo, 17 do corrente. ~~As~~ ~~horas~~ ~~da~~ ~~manha~~ na nossa **CALLE** ~~de~~ ~~horas~~, afim de receberem os ~~distintos~~ ~~honras~~, e... ~~diase!~~

Quarteto ad hoc

Luiz Tonante.

Fig. 5 - cf. O DESPERTADOR, n.2.173, de 13 de fevereiro de 1884.

Por esse motivo, expô-las-emos com mais detalhes, por existir maior documentação referente a elas.

3.1. SOCIEDADE CARNAVALESCA DIABO A QUATRO

Em 1879 foi o primeiro ano de existência da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" e conseqüentemente da sua diretoria, sendo seu diretor-fundador o Sr. José Ramos da S. Júnior ¹³⁹.

De todos os seus diretores, o Sr. Germano Wendhausen foi o que permaneceu mais tempo no cargo, sendo reeleito consecutivamente de 1884 a 1888, tendo sido neste último ano aclamado Diretor Benemérito ¹⁴⁰.

A sociedade era composta, na sua maioria, por jovens empregados no comércio, como foi o caso do Vice-Diretor em 1884, André Wendhausen, "simpático negociante desta praça"¹⁴¹.

O número de associados era grande, com relação ao tamanho da cidade, pois em 1882 a diretoria admitiu 153 novos sócios ¹⁴².

Normalmente no dia da posse da nova diretoria, eram feitos desfiles de rua de alguns membros da sociedade, congratulando-se com outras sociedades carnavalescas; à noite era oferecido baile às comissões de trabalho. Foram registrados eventos

¹³⁹ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

¹⁴⁰ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

¹⁴¹ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 51, 3 mar. 1884.

¹⁴² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

nos anos de 1882 ¹⁴³, 1883 ¹⁴⁴, 1884 ¹⁴⁵, 1885 ¹⁴⁶, 1886 ¹⁴⁷, 1887 ¹⁴⁸ e 1888 ¹⁴⁹.

Notava-se toda a euforia e animação no dia da posse, descrita nos jornais:

Empossada a nova diretoria, e prestadas as contas da gestão, dirigiu-se a sociedade, em número mais ou menos de sessenta membros presentes, ao Clube 12 de Agosto, onde cumprimentaram a nova diretoria da Bons Arcanjos, executando diferentes peças a banda de música que levava aquela primeira sociedade. Em seguida percorreu, a Diabo a Quatro, as principais ruas da cidade, recolhendo-se por último ao clube d'onde saíra, dançando-se à noite até meia noite ¹⁵⁰.

O êxito de uma sociedade depende, principalmente, do dinheiro em caixa que esta possui, proveniente de taxas pagas pelos seus associados. Para estimular o pagamento em dia, eram publicados anúncios para os sócios devedores, a fim de tomarem as devidas providências, para não serem severamente punidos com a sua exclusão dos divertimentos ou mesmo da sociedade; eram advertidos de maneira "sui generis".

¹⁴³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

¹⁴⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 fev. 1883.

¹⁴⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

¹⁴⁶ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

¹⁴⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 58, 14 mar. 1886.

¹⁴⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 1 mar. 1887.

¹⁴⁹ Jornal MATRACA. Desterro, n. 6, 26 fev. 1888.

¹⁵⁰ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

Previne-se àqueles diabos rebeldes que se acham em atraso com esta seita de Averno, que satisfaçam até o dia 6 (sábado) as suas respectivas mensalidades pois que findo este prazo serão considerados despedidos e sem direito a reclamação alguma como ordena o chefe de todos diabos. Outrossim, os diabos que reclamam à comissão não querem continuar nas fileiras de Belzebuth, achão-se excluídos e sem direito também de se considerarem sócios a última hora ¹⁵¹.

Paralelamente, existia o Clube Familiar da "Diabo a Quatro", do qual trataremos com detalhes mais adiante. Seus sócios tinham que pagar uma parcela à parte, e só poderiam se associar a este clube quem não devesse à sociedade.

Outrossim, que é circunstância essencial, para os Srs. sócios do Clube Familiar continuarem como tais, estar também quites com a sociedade carnavalesca a que pertencem ¹⁵².

Outra fonte de renda da sociedade eram donativos espontâneos por parte de alguns de seus associados. Como se vê: "À porta achar-se-á uma comissão das beneficiadas a fim de receberem os donativos" ¹⁵³.

Também pediam durante suas aparições públicas, donativos ao povo que os assistia, parecendo ser uma forma normal e costumeira de adquirir verbas, causando até mesmo, comentários maldosos da imprensa.

¹⁵¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 51, 5 mar. 1886.

¹⁵² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 273, 29 nov. 1883.

¹⁵³ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 17, 10 mar. 1892.

A diretoria da Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro protesta contra o tópico da crônica dos festejos carnavalescos incerta na Tribuna Popular de 24 do corrente, na parte em que diz que uma comissão de senhoras acompanhadas por dois sócios implorava uma esmola para o livro de ouro da sociedade.

A Sociedade Diabo a Quatro, conquanto modesta não implora esmolas. Fez simplesmente o que é de estilo nas sociedades deste gênero ¹⁵⁴.

No ano de 1883, a "Diabo a Quatro", já se encontrava financeiramente capacitada a alugar um edifício, para servir de sede, tendo sido arrendado o Teatro Santa Izabel, em Desterro.

Informam-nos que a Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro arrendou o Teatro Santa Izabel para nele estabelecer uma espécie de Clube. Independentemente disso, o Teatro fica sempre a disposição de qualquer companhia que nele quiser dar seus espetáculos ¹⁵⁵.

Neste mesmo ano de 1883, houve um desentendimento e desconfiança por parte de alguns sócios, a respeito do destino das verbas e, principalmente, das doações, pedindo prestação de contas por parte da ex-diretoria.

Temos a acrescentar, que somos informados por um distinto sócio, que além dos carros indicados, também o Sr. sócio Pereira Vidal entrou com o de Marte, e o Sr. Lortet entrou com o de Hércules, assim como muitos outros sócios entrarão com vários carros. Não é nossa intenção molestar a digna ex-diretoria; se pedimos a regularização e sua publicidade (...) Mas entende-

¹⁵⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 6, 26 fev. 1887.

¹⁵⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.071, 14 fev. 1883.

mos que em vista da filantrópica oferta de carros feita por tantos distintos sócios, parece-nos que não houve orçamento, e daí nasce a confusão de contas, e com ela os sinistros boatos a que nos referimos. Dizem que eleva-se a soma arrecadada a 2.140\$000, que juntado-se ao déficit de 1.380\$000 perfazem 3.520\$ rs. Em nosso fraco entender, entre os membros da distinta ex-diretoria deve ficar este débito, sem se tocar nas mensalidades, a fim de não prejudicar os festejos do futuro carnaval. Venhão à luz as contas; assim pedem¹⁵⁶.

De início, a sociedade fazia seus bailes no prédio do Clube Quatro de Março, e posteriormente no Teatro Santa Izabel.

No ano de 1879 foram feitos dois bailes, nos dias 23 e 25 de fevereiro, no Clube Quatro de Março, começando-se a dançar às 22:00 horas¹⁵⁷.

O sucesso do mesmo acabou merecendo elogios da imprensa.

Estiveram excelentes, mormente o do último dia, que agradou geralmente não só pela variedade de lindas fantasias e graça dos interessantes fantasiados, como pelo jogo de espírito que souberam sustentar durante o baile, intitulado de Múrias. Sobre duas colunas de pedra repousava, no salão principal, o esqui-fe com o esqueleto dos ossos, que antes percorrera algumas ruas da cidade¹⁵⁸.

Outro comentário que mereceu atenção foi a respeito de um mascarado desconhecido.

¹⁵⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 49, 4 mar. 1883.

¹⁵⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

¹⁵⁸ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 599, 27 fev. 1879.

Havia bastante mascarados e damas fantasiados, uma vestida ricamente com um traje de sultão, máscara de seda, que intrigou espiritualmente a todos, sem que fosse conhecida ¹⁵⁹.

No ano de 1880 realizou seus festejos ainda no Clube Quatro de Março. A diretoria se esmerou na decoração dos salões, contratando artistas locais, destacando-se Gil Ribas. A imprensa noticiou o baile salientando as fantasias femininas.

Serviu-se do edifício do Clube 4 de Março, cujos salões estavam primorosamente adornados. A entrada foi transformada em caverna, representando abóbadas subterrâneas, sendo este trabalho executado pelo hábil artista e sócio benemérito Sr. Gil Ribas. O baile teve lugar na noite de segunda-feira, estando bastante concorrido e animado, apresentando também muitas senhoras a fantasia ¹⁶⁰.

No ano seguinte o sucesso dos bailes continuou. Após o desfile recolheram-se ao clube, onde houve o baile, que esteve concorrido e animado ¹⁶¹.

Em 1882 o Clube Quatro de Março foi adornado com primor para a realização do baile, que durou até as 3 horas da madrugada, comparecendo a diretoria da Sociedade Carnavalesca "Bons Arcanjos." Como sempre os foliões fantasiados mereceram atenção especial da imprensa.

¹⁵⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

¹⁶⁰ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 4 fev. 1880.

¹⁶¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 974, 18 fev. 1882.

À meia noite deu entrada no salão um grupo de esqueletos, armados todos de sua foice recurvada, simbolizando a morte e pescando vivos. Diversos jovens fantasiaram-se, sobressaindo-se quatro pelo apurado gosto que revelaram na escolha dos figurinos ¹⁶².

Além deste baile houve outro muito animado que encerrou com chave de ouro os festejos deste ano ¹⁶³.

Em 1883, foi feito o baile pela primeira vez no Teatro Santa Izabel, tornando-o em algo irreal e romântico. O sucesso dos bailes da "Diabo a Quatro" chegou ao auge neste ano, sendo muito comentado pelos jornais. Houve muita animação, luxo nas fantasias, e bom gosto na decoração. A platéia do teatro chegou a ser levantada para dar mais espaço aos foliões ¹⁶⁴.

Nada melhor para descrever o magnífico acontecimento que o empolgado cronista.

Nivelada a platéia com o palco enfeitando os camarotes, o trabalho transformado em um bosque delicioso, dando acesso - à direita, para um amplo pavimento, cuidadosamente ornamentado, servindo de "toilette du femmes" - à esquerda, para um sortido e escrupuloso "buffet" - ao fundo, para uma refrigerante cascata que subia quase às bambolinas, e que tornava agradabilíssimo aquele "petit-bois", mais próprio dos sonhos de Narciso e da Flauta de Ovídio, que de uns maganões, mortaes como nós, disfarçados em Mephis topheles e Guarany's.

¹⁶² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.874, 2 mar. 1881.

¹⁶³ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 43, 24 fev. 1884.

¹⁶⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 2.068, 31 jan. 1883.

A hora da pragmática soou a ouvertura, iluminado todo o teatro a fogos cambiantes.

Era de um efeito surpreendente!

Começou o baile. Ricas "toilettes" a trescalar de essências aristocráticas que deliciavam o olfato.

Notava-se por entre a elegância, feminina a nota vibrante da festa - à fantasia! (...)

À meia noite, houve uma surpresa de bom gosto: um grupo de "rapazes de escola", com as calças de corpinho, fralda de fora, chapéus de jornal, como os de aprendizes de pintura, em Paris, asobios e "sega-regas", invadiu o salão, tirando as damas aos cavalheiros, dando saltos de clows, piruetas de deslocação, tombos acrobáticos e, em conclusão - o diabo a quatro!

Após meia hora de diabruras - desapareceram como os gafanhotos de 79 ... para nunca mais voltarem.

Terminou às cinco da manhã esse ambrosáico sabá da caverna Izabelina, onde alguns 250 pares (...) ¹⁶⁵.

E ainda tem-se um comentário elogiando a elegância das desterrenses, frequentadoras do baile, com "custosos e deslumbrantes toilettes de fantasias, curiosos disfarces, e lindos e peregrinos vestiários realçaram nesses bailes a formosura e natural elegância de nossas mimosas patrícias" ¹⁶⁶.

Neste mesmo ano o seu presidente Thomaz Antonio de Oliveira ofereceu à Diretoria da "Bons Arcanjos" uma animada soirée em sua residência. Mais uma vez a crônica a tal acontecimento não poupou elogios à fidalguia da família anfitriã, as belas "toilettes" femininas, aos aristocráticos cavalheiros, à cordialidade das

¹⁶⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883.

¹⁶⁶ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

duas sociedades. Foram feitos brindes aos convidados, aos artistas e às sociedades carnavalescas ¹⁶⁷.

Além das duas diretorias, muitos sócios de uma e outra sociedade e outros cavalheiros, abrilhantava a festa, grande número de senhoras trajando lindas e variadas toilettes. Reinou a mais perfeita cordialidade e entusiasmo, fazendo-se muitos brindes às duas sociedades, às respectivas diretorias, aos artistas que delas fazem parte, etc... etc...

Dançou-se até as 3 horas da madrugada, retirando-se todos penhorados pelas maneiras cavalheiras do Sr. Thomaz de Oliveira e de sua Exma. família ¹⁶⁸.

No ano de 1884, a "Diabo a Quatro" fez o possível para que o sucesso de 1883 se repetisse. No baile que promoveu no dia 25 de fevereiro em que compareceu a diretoria da "Bons Arcanjos", teve como convidado especial o jornal "Correio da Tarde" ¹⁶⁹.

A decoração foi elogiadíssima, esteve a cargo do artista e associado Sr. Shimith, que transformou o Teatro Santa Isabel num palácio encantador.

Pela primeira vez é citado o nome do maestro da orquestra o Sr. José Brazilício, com elogios. Também as senhoras e senhoritas foram a nota brilhante do baile, fazendo-se notar pelas belas "toilettes" ou fantasias ¹⁷⁰.

¹⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 38, 20 fev. 1883.

¹⁶⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.073, 21 fev. 1883.

¹⁶⁹ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 45, 23 fev. 1884.

¹⁷⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 47, 26 jul. 1884.

Louvou-se muito a ordem mantida durante o agradável e animado acontecimento, assim como o serviço e a amabilidade da diretoria 171.

O Teatro Santa Izabel, ou antes Caverna Izabelina, como lhe chamam os filhos de Plutão, apresentava em seu recinto o aspecto de um palácio fantástico, deslumbrante, encantador!

Um estrado por cima da platéia formava desta o palco um vasto salão, todo alcatifado de escarlate.

Cestões de flores, estojos de variadas cores, caricaturas, galhardetes, lindíssimos lampiões chineses, transparentes, etc, tudo artisticamente disposto e inundado de ondas de luz, transformaram aquele vasto recinto em um verdadeiro paraíso, para onde se entrava por uma estreita caverna pouco iluminada e cheia de figuras sinistras. O efeito produzido por este contraste, era magnífico.

Todos os camarotes estavam apinhados de damas, e as cento e tantas cadeiras do grande salão eram ocupadas todas por jovens e lindas senhoras, em sua maior parte trajando ricas fantasias. Os cavalheiros, entre os quais muitos também fantasiados, só poderiam obter uma cadeira no salão superior, ou no vestíbulo.

A orquestra, regida pelo Sr. José Braziliício, despendia constantemente os mais harmoniosos sons, convidando todos à dança, ao prazer.

O serviço foi abundante, e a amabilidade dos membros da diretoria e das comissões, inexcedível.

Dançou-se até o clarear do dia, reinando sempre a melhor ordem e harmonia. Calculamos em mais de 700 pessoas as que concorreram a este baile 172.

171 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.170, 2 fev. 1884.

172 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

Pouca notícia se tem sobre o carnaval de 1885. As notas de então falam sobre o mau tempo reinante durante os festejos carnavalescos, que foram transferidos do dia 16 para 17 de fevereiro ¹⁷³. Correu animado ¹⁷⁴.

Sobre o ano de 1886 nenhum documento foi encontrado.

Já em 1887, cujas festas se realizaram no dia 21 de fevereiro ¹⁷⁵, o início deu-se às 22:30 horas e terminou às 5 da manhã ¹⁷⁶.

Imensamente concorrido por senhoras elegantes e ricamente preparadas por cavalheiros da mais fina educação; avançando sempre pela música e pelas danças, para as quais foi necessário formar três quadros no salão; com um profuso buffet perfeitamente servido ¹⁷⁷.

Para melhorar o nível de frequentadores da sociedade a diretoria publicou uma declaração de que somente poderiam participar do baile as senhoras que residissem com a família do associado ou com prévio consentimento do mesmo ¹⁷⁸.

Além das delícias normais dos folguedos, também existia a preocupação de atrair o público com bebidas e comidas gratuitamente.

-
- 173 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 37, 17 fev. 1885.
 174 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.
 175 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 2, 20 fev. 1887.
 176 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 4, 24 fev. 1887.
 177 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 35, 22 fev. 1887.
 178 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 287, 9 fev. 1888.

E note-se ainda mais que o bailezinho à noite, só para moer, terá cerveja grátis, biscoitos idem etc, etc..., sendo um baile cheio de massadas e circunstâncias, oferecido à briosas e heróica comissão de trabalhos que ajudou a dar a beber aos Bons...amigos 179.

Cada vez mais se torna popular o uso de fantasias, havendo uma preferência por disfarces característicos de diversos países.

Os fogos de artifício também davam maior brilhantismo ao baile. Todos eram calorosamente aplaudidos, destacando-se especialmente um convidado famoso, o poeta Cruz e Souza.

O Teatro Santa Izabel é incontestavelmente o edifício que nesta capital melhor se presta para bailes carnavalescos, por isso que, além de seu grande salão, que ainda mais vasto fica quando unido ao palco, oferece a comodidade de uma ordem de galerias e duas ordens de camarote, com vinte camarotes cada uma, onde aqueles que não querem envolver-se nas danças, encontram pontos soberbos para admirar o movimento extraordinário de tais bailes.

Na tribuna presidencial, adornada com vasos repletos de odoríferas flores, parecia o estandarte vermelho e negro da brilhante sociedade coroado por uma grinalda de flores naturais oferecida pelos ex-escravos libertados pela mesma sociedade.

Tanto nas galerias como nas duas ordens de camarotes uma profusão esplêndida de galhardete e de sanefas de flores naturais (...)

Às dez e meia horas, precedido da banda musical e à luz deslumbrante de fogos de bengalas, Plutão fez a sua en-

¹⁷⁹ JORNAL DO COMMERCIO.. Desterro, n. 1, 19 fev. 1888.

trada solene no salão, acompanhado de sua luzida e valente guarda de honra. (...) prendeu agradavelmente a atenção de todos, tanto dos que se achavam no salão, como da multidão que se apinhava na parte exterior do edificio (...)

Grande era o número de sócios fantasiados, tornando-se salientes pelo extremo gosto das toilettes, a Itália, a Espanha, a Grécia, a Boemia e a Bélgica, e muitas outras trajando apuradamente.

O serviço da copa era abundante e variado, e a diretoria não poupou esforços para atender prontamente a todos.

Às cinco horas da manhã terminou "quadrille" (...)

Entusiásticos brindes foram por diversas vezes levantados à sociedade, à diretoria, à comissão de trabalhos, à imprensa e ao belo sexo pelos srs. advogados: Oliveira, Francisco Margarida, Horácio Nunes e Faraco, sendo também brindados calorosamente os mesmos senhores bem como o Sr. Cruz e Souza¹⁸⁰.

O último baile carnavalesco que se tem notícia desta sociedade, foi o do dia 10 de fevereiro de 1889, sem ser propriamente um baile carnavalesco. Com menos pessoas que nos tempos áureos, transcorreu animadíssimo até as 4:00 horas da madrugada. Como era de praxe, vários brindes foram levantados em louvor à imprensa, à sociedade e aos distintos cidadãos presentes.

Esta antiga e benemérita sociedade carnavalesca, não tendo, por motivos fortes, festejado este ano o deus Momo, ofereceu antes de ontem na sua caverna, uma baile aos seus consórcios.

O salão, elegantemente preparado com bandeiras apresentava um golpe de vista muitíssimo interessante. X

e

180 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

Ao fundo, num bosque natural de uma perspectiva cheia de poesia, estava estabelecido o botequim, profusamente servido.

Conquanto o número de convidados, atenta a quadra má que atravessamos, fosse bastante limitado em relação aos outros anos, a festa correu animadíssima, terminando às 4 horas da madrugada (...)

Muitos brindes foram levantados à sociedade, à imprensa, e a diversos cidadãos distintos¹⁸¹.

Os zé pereiras eram pequenos grupos que saíram às ruas com instrumentos de percussão, anunciando a chegada do carnaval.

Tão populares eram os zé pereiras que mereciam destaque nos jornais.

Em 1882 foi o ano que primeiramente se teve referência ao zé pereira da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro"¹⁸².

No ano seguinte saiu à rua às 10 horas¹⁸³.

Em 1884 apresentou-se acompanhado de banda de música, sendo uma delas fantasiada¹⁸⁴.

Também eram jogados fogos de artifício, feita muita crítica e humor, satirizando fatos e pessoas, em 1885.

Na noite de 18, percorreu toda a cidade um barulhento zé pereira (...) Por entre uma profusão enorme de fogos de bengala, o que se distinguia mais era uma engraçadíssima crítica aos marimbon-

¹⁸¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 17, 12 mar. 1889.

¹⁸² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 5, 22 jan. 1882.

¹⁸³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

¹⁸⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.165, 16 jan. 1884.

dos que ultimamente de moças deram em exagero. O zé pereira fez brotar muito riso e muita ironia também 185.

Abaixo tem-se uma citação que demonstra nitidamente o quanto era divertido o zé pereira.

Era o zé pereira da Diabo a Quatro que saía da Caverna Izabelina. Eu sou muito curioso e queria vê tudo tim-tim por tim-tim, mas ... empurrão daqui cotovelada da colá, vi-me obrigado a fugir daí e procurar melhor como 186.

Em 1888 um certo senhor G., folião e muito popular, era uma das pessoas visadas, além de tomar parte nas brincadeiras do zé pereira. É dele que se tem a primeira informação de um carnavalesco travestido de mulher. Foi o primeiro a ter coragem suficiente para tal ousadia. Foi muito bem aceito pelo público que se divertia com sua caracterização.

Teve lugar no domingo o zé pereira da Diabo a Quatro.

Esteve esplêndido, como sempre, o G., causou hilaridade!

Ora, o leitor faça uma pequena idéia dos modos do G., e, para aqueles que não o viram lá vai obra:

Lá estava o G. encarapitado em um carro (é preciso notar) vestido de mulher e fazendo o papel de cartomante. Ao seu lado estava uma tipa "más porém" era muda "quinem" uma pedra. Do lado de fora estava a Bilontra e outro. Este mandando a Sra. tirar a sorte, pa-

185 Jornal O MOLEQUE. Desterro, n. 7, 22 jan.1885.

186 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 37, 17 fev. 1885.

ra provar ao companheiro que não acreditava que as sortes eram verdadeiras.

Ora a Sra. G. baralhou as cartas e deu para a Bilontra partir. Este partiu e ela tirou o 9 de ouros, depois outra, outra mais e assim imensidade; depois provou que o Bilontra é solteiro, e que portanto o "Caso grave" da "Tribuna" era mesmo um (...) caso (...)187.

Em 1892, foi o último ano que teve zé pereira na "Diabo a Quatro", o qual substituiu os demais festejos dos três dias de carnaval.

Consta que não podendo a nossa sociedade por circunstâncias supervenientes, festejar os três dias de carnaval, pretendem contudo alguns dos seus sócios organizar um ruído RAM.TAM.PLAM. dedicado ao patusco do zé pereira, que deseja ver reunida na caverna Izabelina a diabada, para receber as ordens do general de brigada Plutão, que dará o plano para os diabetes entrarem em combate 188.

O primeiro desfile da "Diabo a Quatro", foi em 1878, o qual mereceu destaque no jornal "A Regeneração".

O Diabo a Quatro, grupo da sociedade Trajano, conduzindo no centro duas virgens foi o quadro mais espírituoso que apareceu.

Na terça-feira o mesmo grupo saiu à noite, dando o complemento do quadro de domingo, isto é, um ato de fé 189.

187 Jornal MATRACA. Desterro, n. 4, 11 fev. 1888.

188 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 283, 6 fev. 1892.

189 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 947, 7 mar. 1878.

Em 1879 apresentou-se ao público precedida da Banda Trajano, executando diversas peças, principalmente polkas. Após, vinha o carro de Plutão com a bandeira da sociedade, destacando-se a originalidade de seus trajes ¹⁹⁰.

No decorrer dos desfiles nos anos subsequentes, eram usadas com frequência figuras da mitologia grega, e, de ano para ano, nota-se uma certa repetição de temas e fantasias.

Em 1880 desfilou com a Banda de Música "Sociedade Amor e Arte". O seu cortejo era composto de um navio chamado de Nau Proserpina, levando no carro muitos mascarados, elegantemente vestidos. Finalizando com o carro de Plutão, formado por um rochedo envolto de serpentes ¹⁹¹.

No ano de 1881, os jornais fazem pesquisas, comentando apenas o seu luxo e bom gosto ¹⁹².

Em 1882 iniciou o préstito com a "Sociedade Musical União Artística". Conduzia na frente a figura de Mephistopheles sobre um dragão, onde ostentava o estandarte da sociedade. Seguindo a Proserpina, acompanhada de uma guarda de honra. Logo

¹⁹⁰ Jornal O DESPERTADOR. Desterro. n. 1.667, 25 fev. 1879.

Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 599, 27 fev. 1879.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

¹⁹¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

¹⁹² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 47, 1 mar. 1881. e

após, um carro em forma de concha com a máscara de Netuno. Em seguida a representação da indústria e do comércio, as classes sociais, críticas e sátiras. O último carro era uma mesa de do minó 193.

No ano de 1883, a "mitologia foi a fonte onde bebeu mais inspiração" 194.

À frente estava a "Sociedade Musical União Artística", trajando bonitos uniformes. No final a "Sociedade de Música Guarany", fantasiada com singelas vestes indígenas.

Saindo de sua Caverna Izabelina, percorreu como a sua co-irmã as principais ruas da capital, levando à frente do seu brilhante e variado bando um bem ideado e trabalhado carro, conduzindo o anjo da fama, que se achava primorosamente vestido, sustentando orgulhoso o estandarte da sociedade.

O carro era em forma de uma esfera marchetada de estrela, e cuja circunferência guarnecida de nuvens de diferentes cores.

Em seguida via-se o rei Plutão, tendo os pés sobre o globo que lhe servia de veículo, chamado Bala Mundo, em sua viagem à lua (...)

Ao carro de Plutão, seguem-se mais dois (...), um representando os Habitantes da Lua, e outro, Apolo, em companhia da (...)Diana(...)

Após estes dois carros seguiam-se ou-

193 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 41, 21 fev. 1882.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 43, 24 fev. 1882.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

194 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 27, 6 fev. 1883.

tros representando diversas divindades mitológicas, como Júpiter, Minerva, Mercúrio, Marte e Hércules, esmagando a Hydra de Lerna.

Todas estas divindades estavam elegantemente representadas, sobressaindo dentre elas Marte, que era um verdadeiro guerreiro.

Foi muito de sentir não viesse Marte em seu carro de guerra, o qual deveria ser armado de setas e de massas.

Mephistopheles, a Noite, as cinco partes do Mundo, as Quatro Estações, o Palácio de Plutão, guardado por Cerbero, as três Choto, Lachesis e Atrophos também se fizeram nessa festa de riso e do prazer ¹⁹⁵.

Iam muitos carros de praça conduzindo moças fantasiadas com elegância e gosto ¹⁹⁶.

Nos dias 24 e 25 de fevereiro de 1884, foram feitos os desfiles carnavalescos com uma variedade de temas. No primeiro dia, abria o préstito a figura de Marte, montado em um cavalo ricamente ornamentado. Seguia a "Banda Guarany", fantasiada de índio, depois uma gôndola "em estilo grego", sustentada por uma sereia, conduzia Proserpina que levava o estandarte da sociedade, com uma guarda de cavaleiros espanhóis. Um carro com uma cesta de flores, tendo ao centro o caçador e a borboleta. A Anfitrite montada em seu cavalo marinho acompanhada de uma guarda de honra. Uma outra banda de música trajando branco com chapéu de palha. Um grande quadro com a figura do orgulho, escri-

¹⁹⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 1 fev. 1883.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

¹⁹⁶ Ibid.

to "Mira-te orgulho". Outro carro com moças fantasiadas. O carro do mandarim chinês, representando Ku-King. O carro de Plutão montado no cavalo.

Vai ter destaque a participação feminina nos desfiles das sociedades carnavalescas, o que não era muito comum, aparecendo como algo inovador.

A parte ativa que o belo sexo desterrense soube tomar nos folguedos do carnaval é a prova mais patente do grande avanço que entre nós tem feito a educação da mais bela criação - a mulher.

A sua co-participação nesses divertimentos, aqui considerados até pouco tempo próprios do sexo varonil é o testemunho solene do grau de desenvolvimento a que atingirão as belas, as proverbialmente belas catarinenses. Receberão elas as nossas justas e sinceras homenagens ¹⁹⁷.

No segundo dia, apresentou o que já foi citado e a mais os quadros de crítica, a colonização, a assembléia provincial, o corte de árvores, a sociedade abolicionista, as cidades de Desterro, Jaguaruna e São Francisco ¹⁹⁸.

No ano de 1885, devido à forte chuva e vento sul, o desfile foi transferido para o primeiro dia da quaresma, dia 18 de fevereiro. Os motivos dos temas continuaram os mesmos dos anos anteriores, mudando muito pouca coisa.

¹⁹⁷ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 60, 13 mar. 1884.

¹⁹⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 57, 9 mar. 1884.

Foi apresentado um carro conduzindo um cavalo montado por um elegante ginete com o estandarte da sociedade; o segundo carro levava Proserpina, sendo estes carros repetidos do ano anterior. Outro carro com uma enorme concha com dois cavalos marinhos, destacando-se Netuno. Depois o carro de Plutão. E finalmente, os carros de crítica, tratando da Questão de Limites, Estrada de Ferro D. Pedro I, Assembléia Provincial e o Mercado Público ¹⁹⁹.

No ano de 1886, a "Diabo a Quatro" publicou com antecedência o programa de seu desfile.

1º Carro - a primavera, carro de estandarte, mandando fabricar nas regiões de Flora.

2º Guarda de Borboletas, que agitam as asas às brisas (...)

3º Monarquia na América é fósforo, fina crítica política, representando a improficuidade da monarquia.

4º Fantasia, moças, elegante bando de ninfas olímpicas.

5º As 2 leis 28 de Setembro - a interpretação da luz e a interpretação da Treva.

6º Corsário negro, aparelhado para as tempestades do mar largo.

7º O Brasil, o grande colosso americano contemplando a última lei de 28 de setembro de 1885.

8º Fantasias - outro alegre buquet de moças elegantemente vestidas.

9º Plutão com toda a sua comitiva, este carro surpreendente foi (...) Plutão montado num soberbo camelo ajaezado com todas as exigências da arte, observará de telescópio todos os desertos do Saara.

¹⁹⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.

10º Guarda de honra dos barriga-verdes: grande recapitulação histórica.

11º Onde está o gato? Fábrica de gargalhadas, representada por um títere formidável e gigantesco.

12º Roda dos enfeitados.

13º Rocha fantástica - o palácio infernal e o parque de Plutão, suntuosos e floridos.

14º O banquete da morte - carro de mutações esquisitas, fantásticas surpresas.

15º O tempo - grande verme das coisas, irá medindo as transformações do mundo e deplorando o extinto carnaval de 1886 200.

No ano de 1887, dia 20 de fevereiro, num domingo, saiu do Teatro Santa Izabel às 5 horas da tarde, começando com banda de música, toda trajada de branco. Seguiu-se o clarim, fantasiado a cavalo. Depois uma guarda de cavaleiros negros sob o comando de um luxuoso capitão de espada desembainhada.

Aparecia logo um enorme rochedo, cheio de arestas e parasitas, no qual tremulava o brilhante estandarte da briosa sociedade. À frente da rocha abria-se uma espécie de furna, a cuja porta exibia-se um índio lindamente ataviado com penas de aves, multicores, e um vistoso cocar também de brilhantes penas.

Em seguida (...) vinha uma espécie de pagode chinês conduzindo Mephistopheles e um anjo ricamente trajado. Outro carro surgia logo sustentando cinco moças (...) Fechava o préstito um grande navio - Cristoforo - (...) onde se viam o comandante, a tripulação (...) 201.

200 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 54, 9 mar. 1886.

201 Ibid.

Na terça-feira fez novo desfile, aparecendo diversos carros, das 17:30 às 20:00 horas, mostrando, a "rocha, a banda musical, a guarda de honra dos cavaleiros negros, o pagode chinês, o tubarão, o castelo de Plutão, a luz elétrica, comando superior da guarda nacional e jovens fantasiados" ²⁰².

No ano de 1888 pouca notícia se tem do desfile carnavalesco desta sociedade, somente de que exibiram "luxuosas fantasias, alguns carros de valor artístico e poucos de crítica" ²⁰³.

Sua última passeata foi no ano de 1891 à noite, mas bem inferior aos anos anteriores ²⁰⁴.

O enterro simbólico do carnaval, era uma das últimas atividades carnavalescas.

Em 1879 o enterro foi entre 19:00 às 21:00 horas da noite, com fogos de artifício, "conduzindo um porco assado e um esquife, de dentro do qual se levantava um esqueleto que de repente se tornava a deitar" ²⁰⁵.

Após o enterro, os ossos foram levados ao salão do clube onde houve um baile, que deveria simbolizar uma espécie de velório ao seu esqueleto.

"Sobre duas colunas de pedra repousava, no salão principal, o esquife com o esqueleto do carnaval de 1879, ali colocado depois do enterro dos ossos, que antes percorrera algumas ruas da cidade" ²⁰⁶.

202 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 4, 24 fev. 1887.

203 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 291, 14 fev. 1888.

204 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 288, 10 fev. 1891.

205 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

206 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 599, 27 fev. 1879.

Em 1880, após o enterro houve um magnífico jogo de fogos de artifício ²⁰⁷.

Aos poucos a cerimônia do enterro foi se requintando com muito luxo. Pode-se observar isto, na seguinte nota:

Em seguida apresentou-se celebrando o enterro dos ossos ao carnaval, a Diabo a Quatro que, como novidade, exibindo um esqueleto novo, num grupo de cinco outros, os mesmos que aparecem no baile de 19, em um carro, e quatro estátuas a guarnecerem os cantos da coluna em que ia de pé a figura da representação das classes ²⁰⁸.

Novamente em 1883 o enterro se deu acompanhado de fogos de artifício ²⁰⁹.

Igualmente a "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos", o último ano em que se tem notícias deste cerimonial carnavalesco foi em 1888, feito ao redor da Praça Barão de Laguna ²¹⁰.

Com o sucesso das festas carnavalescas o ânimo dos foliões exigia mais diversões, mesmo após os festejos do momo.

Para isso, alguns elementos da "Diabo a Quatro" fundaram uma outra sociedade paralela, o "Clube Familiar", acessível apenas aos sócios da primeira. O objetivo era promover bailes e espetáculos mensais durante os outros meses do ano, que não os de carnaval.

²⁰⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 1, 19 fev. 1880.

²⁰⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 25 fev. 1882.

²⁰⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883

²¹⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

Excede a cinquenta o número de sócios da sociedade Diabo a Quatro inscritos para organizarem aquele Club a fim de proporcionar partidas mensais de dança ou espetáculos no Teatro Izabel. Contando a dita sociedade um pessoal de festejados amadores do palco espera-se que aquele número de sócios ins^{ta}ladores aumente até o dia 28 do cor^{re}nte em que terá lugar a inauguração do dito club executando-se nessa noi^{te} o novo hino à grande orquestra, com posto pelo distinto maestro, Sr. José Brazilício de Souza²¹¹.

Este clube apenas existiu no ano de 1883, pois não aparecem mais notícias a seu respeito nos demais anos de existência da sociedade carnavalesca.

Foram registradas partidas dançantes no mês de julho, nos dias 7²¹² e 28²¹³, no mês de setembro no dia 7²¹⁴, no mês de outubro no dia 6²¹⁵.

A declaração caprichosa da época fazia o deleite dos cronistas de então que descreviam com o máximo de detalhes a inauguração, com um soirée.

No edifício do Teatro Santa Izabel, para esse fim modesto porém caprichosamente adornado.

O palco representava um bosque, guardado de lindas palmeiras, sobre as quais pendiam largo número de lâmp^{ões} a giorno (...)

A sociedade musical Guarany abriu o baile, tocando uma animadíssima qua-

²¹¹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 44, 14 jul. 1883.

²¹² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 50, 6 jul. 1883.

²¹³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.117, 28 jul. 1883.

²¹⁴ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 100, 9 out. 1883.

²¹⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.137, 6 out. 1883.

drilha sucedendo-se uma após outras sempre concorridas, animadas e cheias de vida 216.

Neste clube ao contrário da sociedade carnavalesca que incentivava o luxo, proibia-o nas partidas dançantes. "Recomenda-se aos Srs. sócios a observância do art. 2º do estatuto, que proíbe luxo nas reuniões dançantes" 217.

Não obteve grande sucesso, durante apenas um ano.

3.2. SOCIEDADE CARNAVALESCA BONS ARCANJOS

No ano de 1879 é que se tem notícias pela primeira vez da existência da diretoria da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos", subentendendo-se que foi fundada neste ano.

O seu Diretor-fundador foi Estevão Pinto da Luz 218, e o seu último diretor foi Raulino Adolfo Horn em 1891 219, mas no ano seguinte aparece o Dr. João Candido Goulart como candidato a diretor 220.

Como prova de sua comemoração para a posse da nova diretoria, lia-se a notícia publicada pelo jornal "A Regeneração" de 1882.

216 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 100, 9 set. 1883.

217 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.137, 6 out. 1883.

218 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

219 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 6, 25 fev. 1890.

220 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 14 fev. 1891.

No domingo à tarde, a Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos, depois de haver cumprimentado a sua co-irmã Diabo a Quatro, percorreu diversas ruas da capital, precedida da distinta Sociedade Filarmônica Comercial 221.

Também esta sociedade tinha seus métodos para a cobrança de suas mensalidades, como veremos a seguir: "Tendo de liquidar-se as contas da Sociedade, pede-se quem for credor da mesma a bondade de apresentar suas contas até o fim do mês" 222.

Os maus pagadores eram punidos de várias maneiras.

Através de multas:

A comissão abaixo-assinada, pede aos Srs. sócios a bondade de enviar sua mensalidade, correspondente ao terceiro trimestre, vencível a 31 do corrente a qualquer de seus membros a fim de fazer-se desde já, face despesas para os festejos do ano de 1882. Outrossim, de ordem da diretoria declaramos que a não pagarem de conformidade com e emenda feita nos estatutos na parte à mensalidade, ficam sujeitos a jóia de 5\$000 rs. 223.

Exclusão dos divertimentos:

A diretoria desta sociedade previne que só poderão tomar parte nos divertimentos da sociedade os Srs. sócios que estiverem quites com a mesma, até o fim do corrente mês; podendo serem readmitidos, aqueles que se acharem em débito pagando nova jóia 224.

Em 1884, notamos a preocupação da diretoria em confirmar que a sociedade não deve nada a ninguém, caso contrário, que apareçam os credores com suas respectivas provas.

221 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 18, 9 mar. 1882.

222 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

223 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 233, 29 jan. 1881.

224 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 25, 30 jan. 1884.

"A diretoria declara que esta sociedade, não deve a pessoa alguma, até a presente data, e aqueles que julgarem-se credores, queirão apresentar suas contas"²²⁵.

A "Bons Arcanjos" não possuía sede própria, fazia sempre seus bailes no edifício do Clube Doze de Agosto, que era alugado, inclusive para suas reuniões periódicas.

O primeiro ano em que temos conhecimento de seus bailes, foi em 1879, no dia 23 de fevereiro, segundo dia de carnaval, começando às 9:00 horas da noite ²²⁶. Esteve animado, muito concorrido, bem servido e o salão belamente decorado ²²⁷. Prolongou-se até as três horas da madrugada, sendo dado destaque especial aos fantasiados e mascarados.

Havia grande quantidade de mascarados, alguns ou quase todos ricamente vestidos, e muitas senhoras fantasiadas. Dentre aqueles destacava-se um dominó que trouxe todos enredados com ditos chistosos e de espírito, entre estas difícil seria destacar algumas, por isso que todos brilharam pela elegância e graça dos trajés ²²⁸.

Em 1880 foram feitos dois bailes, que estiveram muito concorridos, apresentando-se algumas senhoras fantasiadas ²²⁹.

²²⁵ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 46, 23 fev. 1884.

²²⁶ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 598, 22 fev. 1879.

²²⁷ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 599, 27 fev. 1879.

²²⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.*

²²⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

Seus salões estavam deslumbrantemente ornamentados ²³⁰.

No ano de 1881 têm-se poucas referências aos bailes. Apenas que estiveram concorridos e animados ²³¹.

Em 1882, a "Bons Arcanjos" antecipou seus festejos carnavalescos, inclusive o seu baile. Já em janeiro, no dia 15, fez um passeio carnavalesco, finalizando com um baile ²³².

No mês de fevereiro do mesmo ano, fez mais dois bailes. No último, dançou-se até as 2 horas da madrugada ²³³.

Do primeiro baile tem-se uma apurada descrição da decoração do clube.

Os Bons Arcanjos revestiram neste dia à frente do edifício de suas reuniões, de quadros alegóricos, iluminando-a com gosto.

A entrada foi transformada por meio de bastidores, em magnífico jardim, em cujo fundo destacava-se lindo transparente.

O salão estava adornado com primor, o serviço abundante e o baile durou até de madrugada.

Fantasia do mais apurado gosto e esmerado luxo ali se viam reunidas ²³⁴.

No ano de 1883, ocorreu apenas um baile, no dia 05 de fevereiro, em que "os salões(...) ornados com gosto admirável, uma plêiade de lindas damas, que formavam daquele recinto um jar

230 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 1, 19 fev. 1880.

231 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.874, 2 mar. 1881.

232 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 11, 14 jan. 1882.

233 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 25 fev. 1882.

234 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.

dim encantador de flores animadas"²³⁵.

Foi preciso o trabalho de artistas para um melhor desempenho na decoração.

À frente do Clube 12 de Agosto onde instalavam-se a Bons Arcanjos, achava-se como que folheado por magníficos painéis de alegorias grotescas, onde notava-se a fineza de um pincel de escola de Gustavo Doré e Bordallo Pinheiro. Estava de efeito irrepreensível²³⁶.

A sua duração foi das 22:00 horas às 4:30 horas da madrugada²³⁷.

Em 1884, foram antecipados os bailes, pois no dia 2 de fevereiro após um zé pereira, foi realizado um soirée que durou até as 3 horas da madrugada²³⁸.

Neste ano a diretoria declarou que só poderiam participar do baile os sócios que se apresentassem à comissão de reconhecimento e recebessem as respectivas senhas²³⁹.

O jornal "O Correio da Tarde" foi convidado a comparecer ao baile carnavalesco de 24 de fevereiro de 1884²⁴⁰.

²³⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

²³⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883.

²³⁷ Ibid.

²³⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.171, 6 fev. 1884.

²³⁹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 45, 23 fev. 1884.

²⁴⁰ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 45, 23 fev. 1884.

Sabe-se que esta sociedade capricha em suas funções; o salão, pois, estava ornamentado com muitíssimo gosto, tendo sido levantado um coreto para a música, a fim de dar mais espaço ao salão.

O Olympo não desmentia o nome: luz, flores, música e damas...que mais para ser um verdadeiro paraíso?

A concorrência foi espantosa, muitas damas fantasiadas e todas elegantemente vestidas.

O serviço foi bom e abundante.

Dançou-se até o clarear do dia seguinte, saindo todos satisfeitos e saudosos 241.

Do ano de 1885, sabe-se apenas que o baile foi no dia 16 de fevereiro, apesar do mau tempo 242.

Sobre o ano de 1886 tem-se uma farta e entusiasta descrição.

Soberbo que era o aspecto do espaçoso e magnífico salão. Tal a abundância de luzes e de flores que, ao admirá-lo, recordemos desse édem terrestre que nos fala a história sacra!

Como em todos os festins do belo, o sexo frágil ocupava a mais saliente posição.

Ostentando o cunho do bom gosto que caracteriza as nossas conterrâneas, as moças que tomavam parte ativa nesse baile, exibiram "toilettes", admiráveis, riquíssimas, surpreendentes!

A par destas - o "besouro", fantasia que tornava o corpinho gentil de uma menina de onze anos, mais ou menos.

Mas, como somos pouco apreciados de "fofos", e "decotes", porque muitas vezes, senão sempre, estes servem de pedestal à vaidade sem limites, as que

241 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

242 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 37, 17 fev. 1885.

mais prenderam-nos atenção foram:
Em primeiro lugar da engraçada jovem que trajava vestido de sentineta azul-celeste, sobreposto com saiote de filó branco, tendo segura no lindo penteado, uma fita de cor tão alegre, como expansiva se mostrava a sua fisionomia!

De talha simples por excelência, e costurada de modo a corresponder às exigências da simetria da arte, a linda "toilette" assim constituída primou na brilhante exposição a que concorreu.

Em segundo, a da moça que apresentava vestido de cetim cor de rosa, guarnecida de renda branca, e que ostentava no peito um "bouquet" de flores francesas.

E depois a da que trazia vestido de cetim azul guarnecido de renda branca e enfeitado com um lindíssimo laço daquela cor.

Havia ainda muitos sócios fantasiados com apurado gosto, entre os quais distinguiram-se: - dois que trajavam a maneira de conde, um que representava a "filha do inferno" e o outro que envergava a veste de pajem.

Incorporada, a soberba guarda de honra, ali compareceu e depois que fez um "marche-marche" em todo o salão, a música deu sinal para a primeira quadrilha, que rompeu com másculo entusiasmo!

Esses sorrisos que nos servem para exprimir o bem-estar da alma, andavam a brincar nos lábios de todos que congregavam naquele tempo de Terpsychore!

Nenhum incidente houve a lamentar.

No objeto da dança cruzavam o salão desde às 10 horas da noite às 3 horas da manhã, quando retirando-se todos exaustos, mas satisfeitos, terminou esse baile de saudosa recordação! Foi uma festa completa! 243.

Em 1888 a diretoria declarava aos associados que só poderiam tomar parte nos festejos aqueles que tivessem os distintivos, proibindo a entrada de pessoas estranhas, sem o prévio consentimento ²⁴⁴.

Às 11 horas, e sob o comando do Arcanjo, entrou no salão a brilhante guarda de honra precedida pela banda musical, e depois de dar uma volta pelo salão, começou o baile, que correu regularmente animado até as 3 horas da manhã.

Entre damas e cavalheiros notaram-se muitas fantasias luxuosas e de sumo gosto.

Salientando-se no número das damas fantasiadas - o grupo das Boas-Noites, uma catita cigana espanhola, uma interessantíssima postura, uma vistosa Diana Caçadora, uma linda vivandeira, uma formosa grega, uma atraente rainha do jogo, uma petulante jockey, e outras não menos importantes.

Entre os cavalheiros foram notados um polichinelo espirituoso e pândego, um gaiato pescador, dois inteligentes comandadores, um vistoso conde, o Arcanjo, e a esplêndida figura do Triunfo ²⁴⁵.

Em 1888 já há preocupação das músicas oferecidas à sociedade para o próximo ano.

O Futuro dirá(...)polka, composição do professor Sr. Francisco Luiz do Santos Barbosa (resposta a polka "Quem vencerá?"); Mercedes, valsas, composta do amor Sr. Pedro José de Campos; Quem tiver garrafas vazias, enche-as... polka, composição do professor Sr. João Augusto Penedo ²⁴⁶.

²⁴⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 289, 11 fev. 1888.

²⁴⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

²⁴⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 287, 9 fev. 1888.

No ano de 1889 se tem apenas referência de um baile à fantasia, em que foi cobrada somente meia mensalidade²⁴⁷, a fim de incentivar uma maior frequência.

Em 1891, tem-se a última notícia de um baile à fantasia no Clube Doze de Agosto²⁴⁸.

O zé pereira da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos", seguia os moldes da "Diabo a Quatro".

O primeiro zé pereira de que se tem notícia da "Bons Arcanjos" foi em 1880. Participando jovens rapazes dedicados ao comércio, acompanhados de fogos de artifício e barulhentos instrumentos de percussão. Saindo dias antes do carnaval.

Ante-ontem à noite percorreu algumas ruas desta cidade um grupo de encansados zé pereira; da Sociedade Bons Arcanjos caminhando ao som de zabumba e caixas e alumiadas por archotes e fogos de bengala.

Esses prelúdios são conseqüências da grande afluência que há na rapaziada do comércio para festejarem os três dias próximos do vertiginoso folgado²⁴⁹.

Em 1881 também percorreu as ruas da cidade um zé pereira da "Bons Arcanjos"²⁵⁰.

No ano de 1882 saiu do Clube Doze de Agosto, às 19:00 horas²⁵¹ anunciando o próximo carnaval²⁵².

247 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n.297, 19 fev. 1889.

248 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n.288, 10 fev. 1891.

249 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.761, 24 jan. 1880.

250 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n.35, 15 fev. 1881.

251 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n.6, 8 jan. 1882.

252 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 4, 19 jan. 1882.

Em 1883 apareceu às 22:00 horas com uma inovação, um grupo de mascarados representando a emigração chinesa ²⁵³.

Em 1884 começava haver uma certa sofisticação do zé pereira, este é tecido de muitos elogios e comentários por parte da imprensa, em que é comparado a um vistoso bando carnavalesco, deixando de ser simples zé pereira, composto de jovens entusiasmados ²⁵⁴. Também é mencionado um vistoso zé pereira, percorrendo as ruas na melhor ordem, com banda de música, atraindo parte do povo, que o acompanhou ²⁵⁵.

No mesmo ano, aconteceu algo de extraordinário, a antecipação do carnaval, foi em pleno dia de Natal.

Carnaval Antecipado -

No dia do Natal, depois das 9 horas da noite, saiu da casa do Clube Doze de Agosto um furioso zé pereira, que percorreu várias ruas da cidade.

Levava quatro ou cinco painéis com enigmas que ninguém nos soube decifrar, muitas luzes e bastante fogos de bengala.

Esse grupo carnavalesco pertencia à Sociedade Bons Arcanjos ²⁵⁶.

No ano de 1885, o zé pereira da "Bons Arcanjos", apresentou carros de críticas. Um deles referente à questão havida entre o vice-cônsul português e o dono de uma confeitaria ²⁵⁷.

²⁵³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

²⁵⁴ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 47, 26 jul. 1884.

²⁵⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.171, 6 fev. 1884.

²⁵⁶ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.261, 27 dez. 1884.

²⁵⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.272, 4 fev. 1885.

Em 1886 há referência à música tocada, que era polka, em caixas e bombos.

De ordem do nosso amado chefe o Anjo Gabriel, faço público e notório que hoje 7 do corrente, às 7 horas da tarde, o nosso exército, armado da cabeça aos pés e do umbigo ao espinhaço, fará uma execução por esse abismo onde os diabos não ousem penetrar, sendo guiado pelo som da imortal polka Zé Pereira, tocada em caixas e bombas.

O exército é comandado por mim o procurador de Gabriel, e seu parente por parte de Adão e Eva 258.

No ano de 1888 pôs duas vezes o seu zé pereira na rua. Nos dias 15 de janeiro ²⁵⁹, e no dia 11 de fevereiro apresentou cinco carros de críticas ²⁶⁰.

Em 1891 foi o último ano em que se tem notícia de sua aparição pública ²⁶¹.

O primeiro ano em que desfilou a "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos", foi em 1879 ²⁶².

Foi considerado como o ano de mais bom gosto e luxo, sendo a maioria das fantasias, ricos dominós ²⁶³.

No decorrer do percurso teve um "forte tiro-

²⁵⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 7 fev. 1886.

²⁵⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 269, 1º jan. 1888.

²⁶⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 290, 12 fev. 1888.

²⁶¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 288, 10 fev. 1891.

²⁶² Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 598, 22 fev. 1879.

²⁶³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.667, 25 fev. 1879.

teio de flores com as damas que achavam-se pelas janelas"²⁶⁴.

Abrindo o préstito a Banda de Música do Batalhão 17 de Infantaria, fantasiado.

Em 1880, apresentou o "Carro do Triunfo" carregando um anjo mascarado. Em seguida apresentou outros carros, conduzindo grupos de mascarados com fantasias variadas ²⁶⁵.

No ano de 1881, apenas é mencionado o seu luxo, bom gosto e elegância em sua apresentação ²⁶⁶.

Em 1882 os festejos carnavalescos anteciparam-se um mês, iniciando em janeiro com um passeio pelas ruas, finalizando com um baile ²⁶⁷.

Em fevereiro, saindo de sua concentração no Clube Doze de Agosto, chamado "Paraíso", percorreu diversas ruas, acompanhado da "Sociedade Philarmônica Comercial". Apresentaram três carros alegóricos: no primeiro carro, um elegante árabe montado em elefante de tamanho natural; no segundo carro, um arcanjo levando estandarte da sociedade, acompanhado de uma guarda de honra de belos mascarados; o terceiro carro, trazia uma rã engolindo uma cobra, intitulado: "Mundo às avessas". No último dia, apresentou vários painéis contendo críticas, dentre elas a referente ao porto de Imbituba ²⁶⁸.

²⁶⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

²⁶⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

²⁶⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 47, 1 mar. 1881.

²⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO.. Desterro, n. 11, 14 jan. 1882.

²⁶⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 41, 21 fev. 1882.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

Abriram o curso, em 1883, a banda de música da "Sociedade Trajano" e a "Philarmônica Comercial".

Neste ano sente-se um grande avanço em seus desfiles, de 3 carros alegóricos apresentados no ano anterior, aumentou para 22 ²⁶⁹.

A seqüência de seus carros se deu da seguinte forma: o estandarte da sociedade; o Rei David e sua harpa; Gutemberg, cercado de nobres escritores e acompanhado de guarda de honra, formada de jockeys adultos a cavalo e crianças montadas em jumentos; Netuno em seu carro em forma de concha puxada por dois cavalos marinhos; o Triunfo, com um anjo elegantemente trajado; Júpiter e a deusa Juno; a escravidão; o Tempo e a Inocência; a Vitória e a Morte; e outros carros com seus associados ricamente fantasiados ²⁷⁰. No último dia acrescentaram-se alguns carros de críticas e outros, como: a passagem de Vênus; a Panela Municipal; Emigração dos Jesuítas; Aparição de Lurdes e os três partidos políticos. E à noite os carros aumentaram, juntando-se a eles os próprios do enterro do carnaval ²⁷¹.

No ano de 1884 vamos ter provas de que realmente as sociedades carnavalescas desterrenses apresentavam-se em grande luxo, e principalmente a "Bons Arcanjos", que o luxo e a elegância eram a sua especialidade. Como se verá na opinião do jornalista:

²⁶⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

²⁷⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

²⁷¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

"eis o que vi passar diante de mim. Muito luxo, muito bom gosto nas toilettes, mas nada de verdadeiro carnaval!"²⁷² E para reforçar a idéia: "O público ainda uma vez teve ocasião de ver e admirar o luxo tradicional desta brilhante sociedade, que tanto tem trabalhado para elevar o carnaval, entre nós, a altura em que hoje se acha"²⁷³.

Iniciou a passeata o presidente da sociedade, conduzindo o estandarte da mesma, acompanhado da diretoria. As bandas de música "Trajano" e "União Artística" se fizeram presentes²⁷⁴.

A banda de música "Trajano" apresentou-se primeiramente a cavalo, uniformizada de prussiano. Em seguida a sequência de carros alegóricos: o do estandarte, formado por uma grande águia dourada, acompanhada de pequena guarda de honra a cavalo; moças e sócios fantasiados; o Tempo da Virtude; Phebo em seu carro de ouro; a caverna de Plutão, na qual no cimo estava um anjo montado em um cavalo de bronze; a Banda União Artística, acompanhada de guarda de honra com meninos jockeys montados em petiços; a estátua de Cristóvão Colombo com a figura da América; o Galeão de Pedro Alvares Cabral; o Liceu de Artes e Ofícios, seguida da guarda de honra; o Capitólio; e outros carros com associados fantasiados²⁷⁵.

²⁷² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

²⁷³ Ibid.

²⁷⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

²⁷⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

Devido ao mau tempo "nos galpões ficaram as idéias esplêndidas que pretendiam exhibir a Sociedade Bons Arcanjos" ²⁷⁶.

Em relação aos anos anteriores, em 1886, o desfile foi simples e pequeno ²⁷⁷.

Aqui se verá o seu programa, que foi publicado com antecedência:

À tarde, as ruas e praças, e becos nunca dantes transitados, como já foram em épocas anteriores, abrindo a marcha:

- 1º - Três figuras a cavalo, distintamente preparadas;
- 2º - A banda musical dos talentosos mestros Penedo, Barbosa e Miranda;
- 3º - O estandarte, sustentando no topo de uma coluna por uma rica fantasia;
- 4º - A luxuosa e lusida guarda de honra;
- 5º - Fatalidade!
- 6º - O Arcanjo, levado às alturas siderais no cimo de um balão(...)
- 7º - A distinta, bela e invejável guarda de honra do BELO SEXO(...)
- 8º - A escavação do Mato-Grosso (...)
- 10º - A comissão de obras e protesto;
- 11º - Fantasias ²⁷⁸.

No terceiro dia, além dos carros citados, apresentaram: a Anfitrite, em uma concha segurada por dois cisnes; o benefício no circo de cavalinhos em favor dos cofres municipais; o carrinho deles e a flor da gente; a eletricidade, a eclipse do ás de

²⁷⁶ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 37, 18 fev. 1885.

²⁷⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 55, 11 mar. 1886.

²⁷⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 290, 12 fev. 1888.

copas, críticas aos quiosques. Sendo que alguns carros apenas o cronista pode nos descrever com mais riqueza de detalhes:

3º Carro do estandarte. Uma coluna de bronze encimada por uma águia dourada, onde se exhibia uma interessante e luxuosa fantasia (...)

5º Uma cesta bem acabada sobre cujas flores mostrava-se uma dama envolta em rica toilette.

6º Grande balão erguendo-se orgulhosamente do meio de lindas conchas e sustentando o peso do supremo dominador da brilhante falange arcangélica. Em cada concha aparecia gentilmente preparada uma poética fantasia ²⁷⁹.

Complementando o desfile, o quadro de damas de honra de "Boas Noites", que eram moças alegremente fantasiadas, montadas em cavalos "mansos" ²⁸⁰.

Sendo este ano de 1888, o último desfile de rua da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos".

O enterro do carnaval da "Bons Arcanjos" seguia os moldes da "Diabo a Quatro".

Em 1879 o enterro ocorreu num intervalo entre às 19:00 horas às 22:00 horas em que as duas sociedades apresentaram-se, estouraram muitos foguetes e foi feita uma brincadeira em relação à "Diabo a Quatro".

Um grande pendão onde se via um arcanjo pisando um demônio, e no verso se lia o seguinte: Triunfo do carnaval de 1879.

²⁷⁹ JORNAL DO COMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

²⁸⁰ Jornal MATRACA. Desterro, n. 5, 19 fev. 1888.

Todos os sócios tinham mudado de trajes e agora apresentavam-se vestidos de arcanjos com grandes asas brancas.

Os dois máscaras a que acima nos referimos alumiam-se com fogo de bengala, o que produzia um lindo efeito 281.

Saíram juntas no enterro do carnaval as duas sociedades²⁸².

Em 1882 o enterro dos ossos se fez representado por "um de seus carros ladeado por quatro esqueletos e um carro em que viam-se assentados fantasmas que, de quando em vez, elevam-se à grande altura, debruçando-se depois sobre o povo, o mais já era visto" 283.

Em 1883 para não fugir à regra, foram usados fogos artificiais 284.

No ano de 1884 houve uma inovação, uma espécie de dança "misteriosa e mortuária, que provocara boas gargalhadas" 285.

O último ano que aconteceu o evento, em 1888, ao redor da Praça Barão de Laguna²⁸⁶ a 01:00 hora da madrugada²⁸⁷.

281 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

282 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

283 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 25 fev. 1882.

284 JORNAL DO COMMERCIO.. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883.

285 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

286 JORNAL DO COMMERCIO.. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

287 Jornal MATRACA. Desterro, n. 6, 26 fev. 1888.



CARNAVAL

amos a triste ideia da sociedade carnavalesca. Bem Archanjos lancou a apresentar uma guarda de Amazonas. Lamentemos sinceramente por não ser apropriado exhibirem-se Senhoras a cavallo em carnavalascas. pode dar-se algum incidente a debaixo d'aval e ramada.

Fig. 6 - cf. MATRACA, n.4, de 11 de fevereiro de 1888.

O jornal publicou uma série de ilustrações acerca do carnaval local. Criticava, elogiava e muitas vezes sugeria mudanças nos desfiles. Na ilustração acima, o jornal unia as duas maiores sociedades, "Bons Arcanjos" e "Diabo a Quatro", congregando-as nas festividades carnavalescas.

3.3.RELACIONAMENTO DAS DUAS SOCIEDADES

As Sociedades Carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos", por terem existido na mesma época, sendo as mais importantes da capital catarinense, no século XIX, eram uma espécie de rivais, concorrentes e companheiras. Possuíam características muito semelhantes.

Há referências à sua rivalidade, apesar de que nem sempre eram explicitamente manifestadas.

Em 1883 um cronista comparou-as a dois lutadores fortes a baterem-se como leões. O final do carnaval devia ser a trégua para suas hostilidades ²⁸⁸.

Mantendo entre si uma justa rivalidade que lhes serve de estímulo, lutam denodadamente, querendo cada qual vencer a sua rival no chiste, na concepção das idéias, no luxo e na finura das críticas.

Venham elas, e na arena do bom gosto e das idéias felizes digladiarem-se à vontade, que a opinião pública saberá fazer-lhes a devida justiça ²⁸⁹.

As diretorias de ambas as sociedades fizeram esforços para conviverem pacificamente, mesmo assim havia um certo "ódio" entre seus associados ²⁹⁰.

Em 1884 foi feito um apelo para que os "Diabos" se unissem aos "Arcanjos", como dois irmãos ²⁹¹.

Ainda em 1886, as duas sociedades "rivalizaram-se nos torneios da loucura" ²⁹².

288 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883.

289 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 26, 4 fev. 1883.

290 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 12, 18 fev. 1883.

291 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 46, 24 fev. 1884.

292 Jornal MERCÚRIO. Desterro, n. 8, 14 mar. 1866.

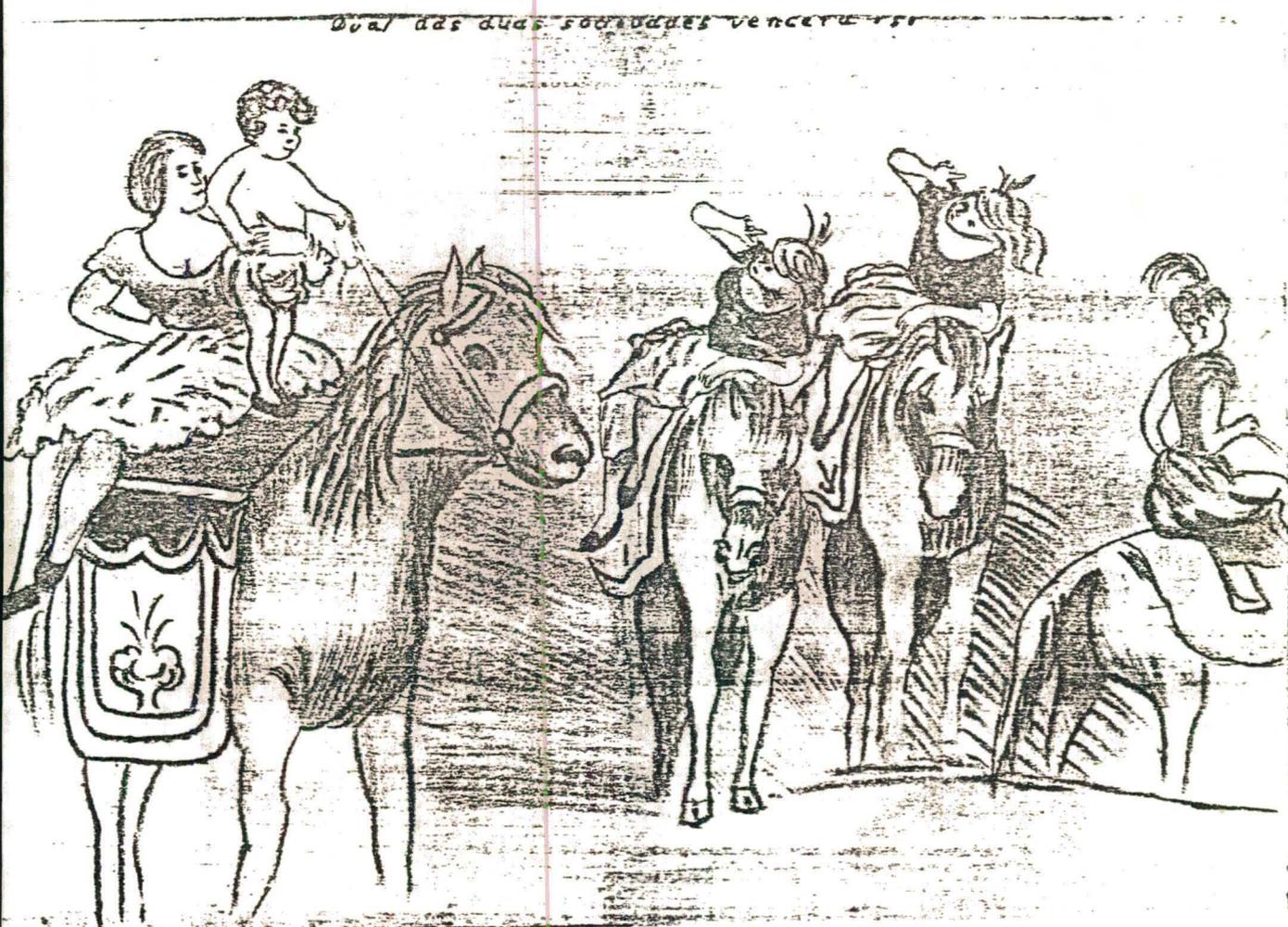


Fig. 7 - cf. MATRACA, n.4, de 11 de fevereiro de 1888.

Sob o título "Qual das duas vencerá?", o jornal lamentava a "triste idéia" da "Sociedade Bons Arcanjos" apresentar uma guarda de honra de amazonas. Segundo o jornal a exibição de senhoras a cavalo em bandos carnavalescos poderia causar algum acidente.

Mesmo não havendo concurso carnavalesco, como no século atual, elas concorriam entre si, pela preferência da opinião pública, da imprensa e até mesmo pela auto-crítica.

Embora existisse rivalidade entre os demais associados, as suas diretorias conviviam pacificamente, com relacionamento de amizade.

Geralmente após as solenidades de posse das diretorias, que eram renovadas anualmente, os membros de ambas, e alguns de seus associados saudavam-se e parabenizavam-se ²⁹³.

Trocando gentilezas, uma sociedade oferecia baile em homenagem à outra.

O Sr. Thomaz Antonio de Oliveira, diretor da "Diabo a Quatro", em 1883, ofereceu um baile à diretoria da "Bons Arcanjos" ²⁹⁴.

Os bailes realizados em 1882 ²⁹⁵, 1884 ²⁹⁶ pela "Diabo a Quatro" tiveram a presença da diretoria da "Bons Arcanjos", como convidada.

Havia a possibilidade de uma pessoa pertencer às duas sociedades ao mesmo tempo como demonstra o cronista.

O entusiasmo aqui pelo carnaval tem qu se chegado a verdadeira loucura! Velhos e moços, donas e donzelas, todos pertencem a uma ou duas sociedades carnavalescas ²⁹⁷.

²⁹³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 12, 18 fev. 1883.

²⁹⁴ Ibid.

²⁹⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.

²⁹⁶ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 29, 5 fev. 1884.

²⁹⁷ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 47, 26 jul. 1884.



Fig. 8 - cf. MATRACA, n. 5, de 19 de fevereiro de 1888.

Desenho publicado em 1888 a respeito da derrota da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos" no carnaval daquele ano, onde se vê acima, Mephistopheles oferecendo ao seu rival o "cálice da amargura" da derrota.

Houve pessoas que pertenceram às duas sociedades carnacalescas, em épocas diferentes, como o caso de José Gonçalves da Silva, que foi Tesoureiro em 1879 na "Diabo a Quatro"²⁹⁸ e Diretor em 1888, na "Bons Arcanjos"²⁹⁹. Ricardo Martins Barbosa, foi Vice-Diretor em 1880³⁰⁰, Diretor em 1881 na "Bons Arcanjos"³⁰¹ e 1º Secretário em 1885 na "Diabo a Quatro"³⁰².

Uma análise superficial pode-se achar uma grande diferença entre as Sociedades Carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos". Porém, num estudo mais profundo, principalmente no que diz respeito aos elementos mais proeminentes das duas sociedades, em épocas diversas, vê-se que esta preocupação não tem respaldo.

A denominação dessas duas sociedades eram dois opostos: "Diabo" versos "Arcanjos". Tem-se a idéia de que eram de ideologias diferentes, uma anti-religiosa e outra altamente religiosa. Mas em ambas existiram pessoas ligadas à religião católica. Por incrível que pareça, na "Bons Arcanjos" é que vai se encontrar uma pessoa combatente ao clero, que era o Sr. Crisanto Eloi de Medeiros.

Pela forte atuação da "Diabo a Quatro" na campanha abolicionista (o que irá se tratar adiante), chega-se a achar que esta era muito mais ativa e de vanguarda. Apesar de que em ambas

298 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

299 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 28 fev. 1888.

300 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 19 fev. 1880.

301 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

302 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

existiram abolicionistas.

Não se fazem definir os partidos políticos em nenhuma das duas sociedades carnavalescas, pois nelas existiam políticos influentes de partidos diversos.

As duas sociedades tinham na sua maioria associados, jovens empregados no comércio ³⁰³.

A média de idade era na "Diabo a Quatro", de 36 anos, e na "Bons Arcanjos", de 30 anos.

Mas se vai encontrar características bem distintas entre elas, a "Diabo a Quatro" era mais popular, a mais crítica; a "Bons Arcanjos" mais luxuosa e refinada.

Este luxo sobressalente, poderia ser pelo maior poder aquisitivo dos associados da "Bons Arcanjos", mas não se pode afirmar por insuficiência de documentação a respeito.

A "Diabo a Quatro" com toda a sua irreverência, e um certo ar picante era a "querida do povo", e a "Bons Arcanjos", mais dedicada ao luxo e elegância era a "predileta do amável sexo"³⁰⁴.

Os Bons Arcanjos, a par de um luxo que deslumbra, oferece à apreciação pública de alta importância artística, e a Diabo a Quatro traz o espírito fino da alusão perfeitamente disposta, clara, sob uma aparência não menos digna,

³⁰³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

³⁰⁴ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 47, 26 jul. 1884.



estação que se succedea sobre o triumpho alcançado pela benemerita S.C. Diabo e Quatro, fez appa-
 recer no caminho de esgoto do Joabi, que brevemente o tornaremos ao nosso serviço, e que pro-
 amos dar boas series.

Fig. 9 - cf. MATRACA, n. 8, de 26 de fevereiro de 1888.

Ainda sobre o posicionamento do jornal "Matraca" defensor da "benemerita" "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro", foi publicado o desenho acima que representa a posição do "jornal do Commercio", do Desterro, em favor da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos".



Fig. 10 - cf. MATRACA, n. 8, de 26 de fevereiro de 1888.

O jornal "Matraca", defensor da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro", criticou a "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos", cujos membros foram tirar satisfação no escritório do jornal. Acima desenho do acontecimento.

do que rival! ³⁰⁵.

Novamente a diferença entre as duas sociedades é salientada.

Conseguiram um esplêndido triunfo aquela pelas espirituosas e inofensivas críticas que apresentou esta pelo primor do vestuário com que exibiu, o fino espírito de uma unida e magnífica riqueza de outra, produziam esse esplendoroso carnaval ³⁰⁶.

4. - ALGUNS ELEMENTOS DAS SOCIEDADES CARNAVALESCAS

Para se entender a composição sócio-econômica e cultural das principais lideranças das sociedades carnavalescas é necessário conhecer mais de perto alguns dos elementos que participaram ativamente nas diretorias. Não restringindo-se apenas às duas maiores sociedades carnavalescas, "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos", mas inclui-se algumas sociedades de menor porte, como a "Sociedade Carnaval Desterrense", "Sociedade União Carnavalesca", "Sociedade Carnavalesca União Improvisada", "Sociedade Recreio Carnavalesco" e "Sociedade Beduinos Carnavalescos".

4.1. SOCIEDADE CARNAVAL DESTERRENSE

João Antonio Lopes Gondim, atuou em 1859 como membro da Diretoria ³⁰⁷, com 47 anos de idade. Foi Tabelião Público do Desterro e Major Reformado da Guarda Nacional (1857) ³⁰⁸.

305 Jornal MERCÚRIO. Desterro, n. 7, 7 fev. 1886.

306 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 12, 18 fev. 1883.

307 CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 223.

308 BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

João Carlos Watson, atuou em 1859 como membro da Diretoria ³⁰⁹. Foi Professor ³¹⁰.

Manoel Pinto Portela, atuou em 1858 ³¹¹, e 1859 ³¹², como Diretor. Foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1848-1849); Deputado Provincial (1850 a 1857); Vice-Presidente da Assembléia (1857); Médico do Hospital de Caridade do Desterro (1858); Cavaleiro da Ordem da Rosa (1854); Cirurgiã-Mor da Guarda Nacional do Desterro ³¹³.

João de Souza Melo Alvim, atuou em 1860 como membro da Diretoria ³¹⁴, com 37 anos de idade. Foi Capitão Graduado (1849); Major (1856); Tenente-Coronel (1866); Coronel (1874); Deputado Provincial; Diretor da Colônia Militar Santa Tereza; Diretor de Obras Civas e Militares do Ministério da Marinha; Presidente do Ceará; Bacharel em Matemática; Engenheiro Militar; Cavaleiro da Ordem da Rosa (1859); Comendador da Ordem de Cristo e membro honorário da Sociedade de Engenheiros Civas de Paris. Elaborou trabalhos cartográficos ³¹⁵.

³⁰⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p.223

³¹⁰ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico.(mss) (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³¹¹ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 356, 26 out. 1858.

³¹² Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 102, 24 mar. 1859.

³¹³ PIAZZA, Walter Fernando. Dicionário político catarinense. Florianópolis, Ed. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 462.

³¹⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 224.

³¹⁵ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

Manoel Marques Guimarães, atuou em 1860 como membro da Diretoria ³¹⁶. Foi Capitão na Guerra do Paraguai (1850) ³¹⁷.

4.2. SOCIEDADE UNIÃO CARNAVALESCA

João da Costa Melo Júnior, atuou em 1861 como membro da Diretoria ³¹⁸. Foi vereador (1860); Deputado Provincial (1876-1877); Capitão de Longo Curso da Marinha Mercante; Promotor Público em Itajaí; Comerciante. Publicou o jornal "Novo Íris" ³¹⁹.

4.3. SOCIEDADE CARNAVALESCA UNIÃO IMPROVISADA

Antônio Luiz Von Hoonholtz, atuou em 1863 como Diretor de Baile ³²⁰, com 26 anos de idade. Foi Praça de Aspirante da Marinha (1852); Guarda -Marinha (1854); 2º Tenente (1857); 1º Tenente (1860); Capitão-Tenente (1867); Comandante da Corveta "Vital de Oliveira" (1863); Diretor da Repartição Hidrográfica "Barão de Tefé", representante na Europa; Almirante (1931). Fez trabalhos literários e científicos ³²¹.

³¹⁶ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 224.

³¹⁷ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-Bibliográfico catarinense. (mss). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³¹⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 224.

³¹⁹ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss). Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³²⁰ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 212, 12 fev. 1863.

³²¹ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

José Agostinho Demaria, atuou em 1863 como membro da Diretoria ³²². Foi Cônsul da Itália e Comerciante no Desterro ³²³.

4.4. SOCIEDADE RECREIO CARNAVALESCO

Francisco Eleutério de Souza, atuou em 1868 ³²⁴, com 62 anos de idade. Foi procurador Fiscal da Procuradoria da Província (1839-1841); Subdelegado de Polícia do Desterro(1843); Procurador Fiscal da Procuradoria da Província (1848); Promotor Público da Comarca do Norte (1849); Procurador Fiscal da Próvedoria da Província (1852-1855); Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1854-1855); Deputado Provincial (1856-1857); Suplente de Secretário da Assembléia (1856); Deputado Provincial (1864-1865); Vereador e Presidente da Câmara Municipal do Desterro(1865-1868); Deputado Provincial (1866-1869). Pertenceu ao Partido Liberal ³²⁵.

Ernesto da Silva Paranhos, atuou em 1868 como membro da Diretoria ³²⁶. Foi Deputado Provincial ³²⁷.

³²² Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 212, 12 fev. 1863.

³²³ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³²⁴ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 709, 20 fev. 1868.

³²⁵ PIAZZA, Walter F., op. cit. p. 544.

³²⁶ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 236.

³²⁷ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

João Custódio Dias Formiga, atuou em 1868 como membro da Diretoria ³²⁸, com 32 anos. Foi despachante da Alfândega (1879); Vereador da Câmara Municipal; Intendente Municipal; Delegado de Polícia da Capital (1885-1888)³²⁹.

4.5. SOCIEDADE BEDUINOS CARNAVALESCOS

Francisco Cândido Teixeira, atuou em 1877 como Procurador da sociedade ³³⁰. Foi Tenente na Guerra do Paraguai (1850)³³¹.

João do Prado Faria, atuou em 1877 como Diretor ³³², com 38 anos de idade. Foi oficial Maior da Secretaria da Presidência da Província (1870); Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1870-1871); 2º Secretário da Assembléia (1870); Capitão da 4ª Cia. do 2º Batalhão da Reserva da Guarda Nacional de S. José-SC (1881); Promotor Público de S. Francisco do Sul-SC; Deputado Provincial como suplente (1886-1887); 1º Secretário da Assembléia (1886-1887) ³³³.

³²⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit. p.236.

³²⁹ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³³⁰ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.549, 28 dez. 1877.

³³¹ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³³² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.549, 28 dez. 1877.

³³³ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 221.

4.6. SOCIEDADE CARNAVALESCA DIABO A QUATRO

Camilo José de Souza, atuou em 1879 como membro da Comissão Auxiliar ³³⁴, e de 1881 a 1888 como Tesoureiro da sociedade ³³⁵. Foi Major Reformado do Regimento de Linha, Desenhista; Pintor e Abolicionista ³³⁶.

José Ramos da Silva Júnior, atuou em 1879 como Diretor ³³⁷, com 31 anos de idade. Foi membro do Conselho Diretor da Instrução Pública da Província (1868); Alferes Secretário do 1º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional do Desterro (1872); Tenente da 4ª Cia. do mesmo Corpo (1873); Oficial Maior da Secretaria da Assembléia Provincial (1872); Inspetor de Distrito das Escolas da Capital (1874); Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1875); 1º Secretário da Assembléia (1874-1875); Inspetor-Geral interino da Instrução Pública; Bibliotecário da Biblioteca Pública da Província (1877-1878); Deputado Provincial (1878-1879);

³³⁴ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

³³⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 fev. 1883.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 1 mar. 1887.

Jornal MATRACA. Desterro, n. 6, 26 fev. 1888.

³³⁶ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³³⁷ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

Delegado de Polícia da Capital (1885); Professor de História e Geografia do Instituto Literário Normal (1886); Inspetor da Tesouraria da Fazenda (1886); Vereador à Câmara Municipal do Desterro (1889-1900); Inspetor da Alfândega da Bahia; Diretor da Recebedoria do Rio de Janeiro; Oficial de Gabinete do Ministro da Fazenda; Cavaleiro da Ordem da Rosa; Abolicionista; Literato e Jornalista. Redigiu os jornais "O Conciliador" (1872); "O Conservador" (1873-1878); "Correio da Tarde" (1884)³³⁸.

Hermelindo Jorge de Linhares, atuou em 1879 como Vice-Diretor³³⁹. Foi Praticante-porteiro da Administração dos Correios; professor Público; Oficial-Maior da Secretaria da Assembléia Legislativa Provincial; Tabelião do Termo de S. Francisco; Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1874-1875); 2º Secretário da Assembléia (1874-1875); Deputado Provincial (1876-1879); 1º Secretário da Assembléia (1876-1877). Dirigiu o jornal "O Conservador" e fundou "O Progresso" (1880)³⁴⁰.

Domingos Lídio Livramento, atuou em 1881 como Diretor³⁴¹. Foi Capitão e Comandante da 4ª Cia. do 1º Corpo de Cavalaria do Desterro (1870); com apostila de Capitão do Batalhão de Reserva (1872); Agente Consular da França no Desterro; Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1878-1879); Comerciante³⁴².

³³⁸ PIAZZA, Walter F., op. cit., p.526.

³³⁹ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

³⁴⁰ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 294.

³⁴¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

³⁴² PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 299.

Juvêncio Martins Costa, atuou em 1881 como 2º Secretário ³⁴³, com 31 anos de idade; em 1882 como 1º Secretário ³⁴⁴, com 32 anos. Foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1880-1881); Inspetor de Distrito das Escolas Públicas do Desterro (1880); 2º Escriurário da Alfândega do Desterro; Redator do jornal "A Regeneração"; Patrono da Academia Catarinense de Letras; Integrante da Diretoria da "Sociedade Dramática Fenix Catarinense" (1868); Teatrólogo ³⁴⁵.

Manoel Moreira da Silva, atuou em 1881 como Vice-Presidente ³⁴⁶ com 49 anos de idade. Foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1858-1859); Deputado Provincial (1861-1865). Pertenceu ao Partido Conservador ³⁴⁷.

Olímpio Saturnino Alves, atuou em 1881 como Procurador ³⁴⁸. Foi Alferes do Exército de Infantaria. Pertenceu ao Partido Federalista ³⁴⁹.

André Wendhausen, atuou em 1882 ³⁵⁰ e 1884 ³⁵¹ como

343 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

344 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

345 PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 183.

346 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

347 PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 529.

348 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

349 BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense (mss.*). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

350 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

351 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

Vice-Diretor, com 32 e 34 anos de idade. Foi Coronel da Guarda Nacional, Comerciante e Abolicionista. Pertenceu ao Partido Liberal e Republicano ³⁵².

Fernando Emílio Wendhausen, atuou em 1885 como Procurador ³⁵³. Foi Comerciante e Abolicionista ³⁵⁴.

Germano Wendhausen, atuou em 1882 como 1º Procurador ³⁵⁵; em 1884 como 1º Vice-Diretor ³⁵⁶ e de 1885 a 1888 como Diretor ³⁵⁷. Foi Tenente-Quartel Mestre do 1º Batalhão de Artilharia (1881); Deputado Provincial (1888-1889); Suplente de Secretário da Assembléia (1888-1889); Comerciante; Provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade de Florianópolis e Abolicionista. Pertenceu ao Partido Republicano ³⁵⁸.

³⁵² BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³⁵³ JORNAL O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

³⁵⁴ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³⁵⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.977, 1 mar. 1882.

³⁵⁶ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

³⁵⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 1 mar. 1887.

Jornal MATRACA. Desterro, n. 1, 26 fev. 1888.

³⁵⁸ PIAZZA, Walter F., op, cit., p. 603.

Candido Melchiades de Souza, atuou em 1883³⁵⁹ e em 1884³⁶⁰ como 1º Secretário, com 37 e 38 anos de idade. Foi Inspetor da Tesouraria da Fazenda (1885); Presidente da Câmara de Florianópolis (1893); Tenente-Coronel da Guarda Nacional; Comerciante; Escritor e Abolicionista. Pertenceu ao Partido Liberal³⁶¹.

Firmino Duarte Silva, atuou em 1883 como 2º Secretário³⁶². Foi Tenente-Coronel da Guarda Nacional e Deputado Provincial³⁶³.

João Pereira Vidal, atuou em 1883³⁶⁴ como Vice-Diretore em 1884³⁶⁵ como Diretor. Foi Tesoureiro da Delegacia do Tesouro Nacional do Desterro; Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1886-1887); Suplente de Secretário da Assembléia (1887) e Abolicionista³⁶⁶.

Tomás Antonio de Oliveira, atuou em 1883 como Diretor³⁶⁷. Foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1886-1887); Depu-

359 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 fev. 1883.

360 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

361 BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

362 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 fev. 1883.

363 BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

364 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 fev. 1883.

365 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.178, 5 mar. 1884.

366 PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 588.

367 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 mar. 1883.

tado Provincial (1888-1889) e Advogado provisionado ³⁶⁸.

João Custódio Dias Formiga, atuou em 1887 como Secretário ³⁶⁹, com 49 anos de idade. Foi Funcionário da Alfândega; 2º Tenente-Secretário do 1º Batalhão de Artilharia do Desterro (1861); Capitão Agregado do 1º Corpo de Cavalaria do Desterro (1874); Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1886-1887); Suplente de Secretário da Assembléia (1887); 2º Secretário da Assembléia (1887); Deputado Provincial (1888-1889) ³⁷⁰.

Francisco Duarte Silva, atuou em 1888 como Procurador ³⁷¹. Foi Chefe do Partido Liberal (após 1856); Tesoureiro do Tesouro Provincial; Administrador dos Correios da Província (1865-1874); Presidente e Vereador da Câmara Municipal do Desterro; Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1844-1845); Deputado Provincial (1846-1847); Suplente de Secretário da Assembléia (1846); Tenente-Coronel Honorário do Exército; Provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos; Oficialato da Ordem da Rosa e Comendador da Ordem de Cristo ³⁷².

³⁶⁸ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 383.

³⁶⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 1 mar. 1887.

³⁷⁰ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 234.

³⁷¹ Jornal MATRACA. Desterro, n. 6, 26 fev. 1888.

³⁷² PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 208.

4.7. SOCIEDADES CARNAVALESCAS DIABO A QUATRO E BONS ARCANJOS

José Gonçalves da Silva, atuou na "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" em 1879 como Tesoureiro ³⁷³ e na "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos" em 1888 como Diretor ³⁷⁴. Foi Vereador da Câmara do Desterro (1889) ³⁷⁵.

Ricardo Martins Barbosa, atuou na "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos" em 1880 como Vice-Diretor ³⁷⁶, com 27 anos de idade e em 1881 como Diretor ³⁷⁷, com 28 anos de idade. Atuou na "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" em 1885 como 1º Secretário ³⁷⁸. Foi funcionário da Secretaria da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura. Lotado na Inspeção do Esgoto-Contador; Funcionário do Gabinete da Secretaria da Fazenda (1924); 1º Tenente, Ajudante e Secretário do 1º Batalhão de Artilharia do Desterro (1881); Deputado à Assembléia Constituinte e Legislativa Estadual (1892-1894); 2º Secretário da Assembléia (1893); Comerciante ³⁷⁹.

³⁷³ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

³⁷⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 28 mar. 1888.

³⁷⁵ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³⁷⁶ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 19 fev. 1880.

³⁷⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

³⁷⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

³⁷⁹ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 67.

4.8. SOCIEDADE CARNAVALESCA BONS ARCANJOS

Alexandre Francisco das Oliveiras Margarida, atuou em 1879 como Sócio Honorário ³⁸⁰, com 40 anos de idade. Foi Secretário da Diretoria da Instrução Pública (1894-1896); Professor de tipografia, litografia e encadernação na Escola de Artes e Ofícios; Professor de desenho da Escola Normal (1898); 2º Oficial da Diretoria da Instrução Pública (1902); 1º Oficial da Diretoria do Interior (1909); Estabeleceu uma tipografia e litografia (1870); Fundou o jornal "Artista" (1882); Gerenciou o jornal "Regeneração" (1886); Dirigiu o jornal "Democrata"; Fundou o Liceu de Artes e Ofícios; Foi Abolicionista, Republicano e Liberal ³⁸¹.

Estevam Pinto da Luz, atuou em 1879 ³⁸² e 1880 ³⁸³ como Diretor, em 1884 como Vice-Diretor ³⁸⁴. Foi Tenente na Guerra do Paraguai (1850) ³⁸⁵.

Hipólito Boiteux, atuou em 1881 como 2º Procurador ³⁸⁶,

³⁸⁰ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

³⁸¹ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³⁸² Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 601, 4 mar. 1879.

³⁸³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 19 fev. 1880.

³⁸⁴ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 51, 3 mar. 1884.

³⁸⁵ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³⁸⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 52, 8 mar. 1881.

com 20 anos de idade. Foi Subdelegado de Polícia em Nova Trento-SC (1884-1890); Delegado literário em Nova Trento-SC (1885-1890); Chefe Escolar do Município (1890-1933); Juiz de Paz (1891-1892); Conselheiro Municipal (1892-1894); Deputado Estadual (1919-1924); Major da Guarda Nacional (1894); Coronel da Guarda Nacional (1917); Comerciante. Pertenceu ao Partido Liberal ³⁸⁷.

Emílio Blum, atuou como 2º Secretário ³⁸⁸, com 21 anos de idade, em 1888 ³⁸⁹ e 1890 ³⁹⁰ como Vice-Diretor, com 27 anos de idade. Em 1891 como Vice-Diretor ³⁹¹, com 29 anos de idade. Foi Superintendente Municipal do Desterro; Deputado à 1ª Constituinte Estadual (1891-1893); Deputado à Câmara dos Deputados por Santa Catarina (1894-1896); Deputado ao Congresso Representativo do Estado (1900); Deputado Estadual (1907 a 1909 e de 1913 a 1915); Deputado à Constituinte Estadual (1910). Pertenceu ao Partido Republicano ³⁹².

Francisco de Assis Costa, atuou em 1882 como 1º Procurador ³⁹³. Foi Funcionário da Alfândega em Vitória-ES e funcio

³⁸⁷ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 96

³⁸⁸ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 26 fev. 1882.

³⁸⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 8, 28 fev. 1888.

³⁹⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 6, 25 fev. 1890.

³⁹¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 14 fev. 1891.

³⁹² PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 92.

³⁹³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 26 fev. 1882.

nário do Tesouro. Montou uma tipografia. Lançou o jornal "Sul-Americano" (1899); Comerciante ³⁹⁴.

Boaventura da Costa Vinhas, atuou em 1883 como Secretário ³⁹⁵, com 32 anos de idade, em 1884 como Tesoureiro ³⁹⁶, com 33 anos de idade. Foi Capitão da 1ª Cia. do 1º Batalhão de Reserva da Guarda Nacional do Desterro (1880); Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1884-1885); Suplente de Secretário da Assembléia (1884); Comerciante ³⁹⁷.

Crisanto Eloi de Medeiros, atuou em 1883 como Procurador ³⁹⁸, em 1885 como 1º Secretário ³⁹⁹ e, em 1880 como 1º Procurador ⁴⁰⁰. Tomou parte na Campanha do Paraguai (1850); Alferes reformado. Fundou o órgão anti-jesuítico "O Clarão", combatendo com firmeza os abusos clericais ⁴⁰¹.

João Pinto da Luz, atuou em 1883 como Vice-Diretor ⁴⁰².

³⁹⁴ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

³⁹⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.071, 14 fev. 1883.

³⁹⁶ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 51, 3 mar. 1884.

³⁹⁷ PIAZZA, Walter F., op. cit., 596-7.

³⁹⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.071, 14 fev. 1883.

³⁹⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

⁴⁰⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 6, 25 fev. 1890.

⁴⁰¹ BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). (Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).^e

⁴⁰² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

Foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial (1850, 1864 e 1865); Comerciante; Cavaleiro da Ordem de Cristo (1845); Oficial da Ordem da Rosa (1854). Pertenceu ao Partido Conservador ⁴⁰³.

Raulino Júlio Adolfo Horn, atuou em 1885 como 2º Vice-Diretor ⁴⁰⁴, com 36 anos, em 1890 como Diretor ⁴⁰⁵, com 41 anos de idade. Foi Presidente do Clube Republicano do Desterro(1887); Presidente do Clube Abolicionista do Desterro; Chefe do Governo Provincial (1889); Vice-Governador do Estado pelo governo provisório (1890); Senador à Assembléia Nacional Constituinte (1891 - 1899); Delegado Especial e Inspetor-Geral da Instrução Pública-RJ; Deputado ao Congresso Representativo do Estado (1919-1921); Presidente do Congresso (1919-1924); Deputado Estadual (1925-1927). Fundou em Santa Catarina o Partido Republicano e o Clube Abolicionista no Desterro. Foi Redator do jornal "Gazeta do Sul", Presidente-Fundador da Sociedade de Agricultura e Catequeses dos Silvículas ⁴⁰⁶.

Como se viu, as diretorias eram compostas por indivíduos relativamente jovens, com média de idade de 38 anos.

A elas pertenciam muitas pessoas influentes da política local e nacional, como vereadores, deputados, vice-governador e, até mesmo, presidente de província e diplomatas.

⁴⁰³ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 314.

⁴⁰⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.278, 25 fev. 1885.

⁴⁰⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 6, 25 fev. 1890.

⁴⁰⁶ PIAZZA, Walter F., op. cit., p. 263.

As sociedades carnavalescas precisavam de pessoas em suas diretorias que tivessem expressão política e econômica, de grande projeção na sociedade desterrense. Assim como obtinham entrada franca, nos bailes das sociedades carnavalescas, os Presidentes da Província e Chefes de Polícia, com suas respectivas famílias ⁴⁰⁷.

A frequência de elementos com aspirações abolicionistas era grande, principalmente na "Diabo a Quatro", que será tratada em capítulo subsequente.

Existia muitos militares, das mais altas patentes até os menos graduados.

A presença de funcionários públicos também se fez sentir atuante em diversos órgãos.

Encontram-se profissionais liberais como: médicos, advogados, engenheiros, matemáticos, cientistas. Pessoas ligadas ao ensino, como professores e inspetor de ensino. Ligadas à arte, como desenhistas, pintores, teatrólogos. Ligadas à comunicação, como proprietários de jornal e redatores. Ligadas à cultura, como literatos e escritores.

Economicamente existiam elementos bem posicionados, pois é marcante a presença de comerciantes.

Aparecem indivíduos participantes de entidades religiosas, como Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.

Esta análise não serve como exemplo para todos os asso

⁴⁰⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.112, 11 jul. 1883.

ciados, trata-se de uma parcela da diretoria, única e exclusivamente de uma elite, dentro da própria sociedade carnavalesca.

A análise dos demais associados é dificultada pela falta de documentação, como: livros de registro, livros de atas, relação de sócios, o que prova mais uma vez, que é mais fácil recriar a história das elites.

As próprias sociedades carnavalescas pertenciam a uma elite, em que apenas uma minoria tinha acesso a elas.

Estas sociedades precisavam de grande soma em dinheiro para cobrirem seus gastos excessivos, como o luxo e a ostentação de suas festividades, principalmente nas suas ornamentações e fantasias.

O carnaval de clube ficava limitado a seus associados e convidados, estritamente controlada a entrada de furões. Existia um controle até mesmo para os seus associados, aos inadimplentes e aos mascarados.

O carnaval de rua, por sua vez, sem o povo para prestigiá-lo não teria razão de ser. A participação popular era relativa, a população era mera espectadora, não interferindo diretamente nas brincadeiras. Apenas seus sócios tinham o privilégio de se fantasiarem com luxuosos trajes e expô-los em público.

5. - ITINERÁRIO DOS DESFILES DAS SOCIEDADES CARNAVALESCAS

Os desfiles das sociedades carnavalescas eram feitos nas principais ruas da capital, conforme a descrição dos itinerários de algumas sociedades carnavalescas:

Programa dos Festejos da Sociedade União Carnavalesca em 1861.



"(...)2º - No dia 10, as 3 e meia horas da tarde (...), sairão incorporados a passeio, pelas ruas do Príncipe, Praça, passando em frente ao Palácio, onde se demorará para cumprimentarem o Ilmo. Presidente da Província, donde seguirão pela frente da Matriz, voltando pelo lado oposto, entrarão na rua Augusta, Beco da Botica, Vinagre, até a ladeira do Menino Deus, e voltando pelo lado do quartel, Vigário, descerão a Praça e seguirão pela Bela do Senado, beco de Bragança, Príncipe, até o canto da do Segredo e voltarão daí até a casa do sr. Diretor, onde dispersarão, sendo então livre de qualquer dos sócios andar só ou em grupos e dirigirem se às casas de suas amizades.

3º - No dia 11, às mesmas horas sairá a Sociedade da já indicada casa e, seguindo pela Rua do Príncipe, seguirá pela Praça, rua do Governador, descerá a do Livramento e Príncipe, subindo pela do Ouvidor, Governador, até o Teatro, descendo pela da Paz, Príncipe, Palma, Passeio, Praia de Fora e voltando à casa do Diretor, aí se dispersarão.

4º - No dia 12, a indicada hora e do mesmo ponto, sairá a Sociedade, encaminhando-se pela rua da Paz, Carioca, ladeira do Rosário, até a habitação do sr. Chefe de Polícia, onde irá saudá-lo e, voltando pela rua Trindade, Praça, Augusta, Vinagre, Arco do Quartel, Tronqueira, até São José Jacques tornará a descer pela mesma rua e entrará nas do Vigário, Praça, Cadeia, Conceição, até vir à da Lapa e seguirá até a Praça, entrará na do Príncipe até o fim, voltará na de Bragança, Senado, descerá a da Palma e seguirá ao ponto donde partiu, dispersando-se (...)"

A Sociedade Recreio Carnavalesco em 1868 percorreu as ruas "da Constituição, Augusta, Príncipe, Livramento, Ouvidor, Palma, Governador, Carioca, Largo do Palácio, Vigário, Imperatriz, Campo do Manejo e Menino Deus - a cidade toda (...)"⁴⁰⁸.

A "Sociedade Pagode Carnavalesco", em 1870 publicou o seu programa.

⁴⁰⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 223-36.

Primeira Tarde.

Saindo as 5 horas, ruas Augusta, Príncipe, Sete de Setembro, Senado, Frente do Palácio, Governador, Palma, Carioca, Trindade, Rosário, Aurea, Largo da Praça, Pedreira, Lapa e casa.

Segunda Tarde.

Saindo as mesmas horas, ruas Augusta, Constituição, Menino Deus até a ladeira, voltando por debaixo do Arco do Quartel, Campo do mesmo Vigário, Tronqueira e Vigário, Largo da Praça, Constituição até a Travessa da Rua Augusta e casa.

Terceira Tarde.

Saindo as mesmas horas, ruas Augusta, Príncipe, Ouvidor, Carioca, Livramento, parte do Senado, Largo da Praça, Constituição até a travessa da Augusta e casa ⁴⁰⁹.

Têm-se a descrição dos passeios da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos" no ano de 1879:

Grande grupo de mascarados (...) percorrerá as seguintes ruas: João Pinto, Príncipe, Sete de Setembro, Ouvidor, Carioca, Trajano, Senado, Largo do Palácio, Fernando Machado, Praça do General Ozório, Menino Deus, Constituição, Largo do Palácio e João Pinto (...)

Terceiro Dia (...) percorrerá as seguintes ruas: João Pinto, Largo do Palácio, Constituição, Menino Deus, Praça do General Ozório, Fernando Machado, Largo do Palácio, Senado, Trajano, Carioca, Ouvidor, Senado, Sete de Setembro, Príncipe, João Pinto (...) ⁴¹⁰.

O Zé Pereira do Grupo dos Momistas publicou o seu percurso pelas ruas e praças da capital, em 1899:

(...) Tiradentes, Praça 15 de Novembro (face do Mercado), Altino Correa, Sete de Setembro, República, Deodoro, Tenente Silveira, Trajano, República, Praça 15 de Novembro (faces do Palácio e Matriz, Coronel Fernando Machado, General Ozório 13 de Maio e Tiradentes ⁴¹¹.

409 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 150, 24 fev. 1870.

410 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 598, 22 fev. 1879.

411 Jornal O ESTADO. Desterro, n. 256, 22 jan. 1899.

CAPÍTULO IV
O CARNAVAL NO DESTERRO III

1. - O CARÁTER COMERCIAL DO CARNAVAL

Ao carnaval deve-se o incremento que este veio acrescentar ao comércio local, nos meses de janeiro a fevereiro. Às vezes, em dezembro, já notava-se uma boa quantidade de propaganda nos jornais, que dizia respeito a produtos carnavalescos. Para o comércio era mais interessante o carnaval, pois a venda de produtos carnavalescos era consideravelmente maior, devido à variedade de produtos em relação à prática do entrudo. Nesta, pouco se vendia, pois a maioria do material utilizado era de produção caseira.

Esta idéia é bem definida nesta frase: "O Carnaval que substituirá o entrudo, tem dado vida ao comércio e à indústria"¹

Um dos produtos mais característicos era o famoso limão-de-cheiro. Quanto ao seu uso, era muito discutida a legalidade, pois ora era autorizada a sua venda, ora era proibida, permanecendo por muito tempo circulando.

Com as muitas tentativas de exterminá-lo, mas sem resultado, as autoridades vencidas, tentaram então regulamentar o seu uso e venda*.

Foi autorizada em 1857 sua venda em lojas, tabernas, armazéns ou ruas, com a devida licença da Câmara Municipal, ao preço de 2\$000 réis, e 6\$000 para os que não tirarem licença e forem pegos pelo fiscal².

* Ver "O Carnaval e os Bons Costumes".

¹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 46, 24 abr. 1884.

² SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc...

Resolução 429 art. 130 cap. XII, rendas municipais. Desterro, 28 março 1857. (mss). Arquivo Público do Estado de Santa Catarina).

A licença teve um acréscimo no seu valor para 10\$000 e multa em 20\$000, no ano de 1869, sendo possível a sua venda somente 8 dias antes do carnaval ³.

No mesmo ano de 1869, fica proibida a venda de limões⁴. Em 1880, tornam a proibir a sua venda, cobrando-se multa de 5\$000, e o dobro na reincidência ⁵.

Apesar da lei, ela nem sempre era cumprida, de uma maneira ou de outra, conseguiam introduzir os limões ao mercado consumidor, mesmo por meio de contrabando, o que não se tornava tão difícil, pois o número de fiscais no Desterro era limitado ⁶.

Em 1870, ocorreu um incidente entre o fiscal da Câmara Municipal e o piloto do navio de guerra Encouraçado Cabral, que trazia consigo um ramo de limões-de-cera sem água dentro, em que foram tomados e inutilizados para se fazer cumprir a lei ⁷.

Com criatividade, os usos e costumes do carnaval vão sofrendo uma modificação. Antes só existiam os limões e laranjas-de-cheiro feitos artesanalmente, muitas vezes em casas particula-

³ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Desterro, 1 maio, 1869. (mss).

⁴ SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc...
Lei 625, posturas municipais de 11.06.1869. Desterro./Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 761, 24 jan. 1880.

⁶ HUBENER, Laura Machado., op. cit., p. 20

⁷ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício do Fiscal da Câmara para o Presidente da Câmara. Desterro, 28.01.1870. (mss).

res, tendo a participação dos familiares na sua confecção. Depois surgem as bisnagas industrializadas, produzidas em fábricas especializadas.

A fabricação dos limões-de-cheiro constituía uma atividade cíclica a que se dedicavam muitas senhoras pobres, que expunham o produto nas lojas, armazéns e ou casas ou mandavam vender, pelas ruas, em tabuleiros, por negrinhos próprios ou alugados (...) Para fazê-los, tomava-se um limão, enfiava-se nele um cabo de madeira e mergulhava-se na cera líquida feita ao fogo. Retirado o líquido fervente, a cera secava rapidamente e, enquanto outro era mergulhado, a artesã que recebia o primeiro, depois de mergulhá-lo n'água fria, cortava, com cuidado, para retirar o limão de cera do molde. Logo a seguir, soldavam os lábios da abertura, com a cera líquida, deixando apenas um orifício na parte superior para introduzir o líquido. (...) Assim, era feita a montagem em série, em linha. Tabuleiros cheios uma ou duas centenas preparadas - procedia-se ao enchimento: água simples, água perfumada com tintura de alfazema ou água de Flórida, ou outro perfume barato, nos casos comuns. A operação seguinte era o de fechar o epérculo com cera líquida⁸.

Antes mesmo do carnaval, as casas comerciais já anunciavam a venda de cera para a elaboração dos limões⁹.

As bisnagas, mais sofisticadas foram inseridas no mercado, substituindo aos poucos os limões. Inicialmente eram importadas, com o aumento do seu consumo começaram a surgir fábricas nacionais, dando um impulso a um novo tipo de investimento, tornando o produto mais barato e acessível.

⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p.228. €

⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., 221.

Sabe-se detalhes da fabricação das bisnagas, de acordo com um anúncio em jornal da capital catarinense, de propaganda da fábrica gaúcha Hallawel & C.

Para a feitura dessa indústria esses no vos industrialistas recebem unicamente de fora do país, o chumbo, o estanho, o antimônio, papelão, os extratos e os rótulos. Tem montadas quatorze máquinas que funcio nam pela seguinte maneira:

Derretidos e preparados os metais passam para formas, com chapas grossas apropriadas ao tamanho das bisnagas.

Daí, entram essas chapas laminador, don de saem da grossura de um quinto de polegada. Para formar-se o tubo, voltam essas chapas a uma outra máquina, onde são feitas em rodas de maior ou menor tamanho, conforme a grossura dos tubos.

Passam então a cavidade de outra máquina - laminador tubular, donde saem com a forma e tamanho desejados.

Há quatro máquinas de diversas proporções e qualidades, para a feitura de rosca e uma outra para a construção do tampo ao capuz. Prontas assim as bisna gas, no que diz respeito unicamente aos prestos de metal, passam a ser cheias, rotuladas e encaixotadas, na oficina ma nufatureira.

Aí trabalham diariamente quatorze mulhe res, duas enchendo-as, três fechando-as, quatro enfeitando-as, finalmente, encaipotando-as em dúzia de caixa para seguir em seu destino.

Os Srs. Hallawel & C. trabalham desde o mês de outubro do ano passado, fazem de 2.000 a 2.500 bisnagas por dia e tem ocupado em sua fábrica trinta e dois ope rários, dos quais 14 são do sexo feminí no ¹⁰.

¹⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, nº 27, 6 fev. 1883.

A venda das bisnagas, ao invés de ser nas ruas, como os limões, era feita em estabelecimentos comerciais, como: Loja da Âncora ¹¹, Paraíso das Damas ¹², Casa de Henrique Tavares ¹³, casa de André Wendhausen & C. ¹⁴.

Apesar do aparente declínio da venda dos limões, em 1891 ele ressurgiu nas ruas e tabernas do Desterro. "As carreiras sucedem-se desenfreadas e as bandejas, as caixas e os cestos de limões ostentam-se nas estantes das tabernas e percorrem as ruas num desafio numa ameaça perigosa e impune" ¹⁵.

Somente em 1882 é que começam aparecer as propagandas de venda de bisnagas. Nesta época, o limão-de-cheiro encontra-se em pleno declínio, em substituição a esta. Vamos ter uma grande quantidade de anúncios neste ano, sentindo-se uma certa preocupação com o seu baixo consumo, até então. "Foi consumida a insignificante quantia de 859 dúzias de bisnagas, vendidas pelo termo médio de 4\$000 à dúzia, deram a cifra de 3:436\$000" ¹⁶.

Surge uma nova forma de propaganda, com inúmeros apelos fazendo comparações da bisnaga com os limões: "(...) bisnagas vendidas por preço quase igual aos limões-de-cheiro" ¹⁷. E combatendo também: "(...) bisnaga: guerra contra o limão" ¹⁸.

11 Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 14, 17 jan. 1884.

12 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 18, 20 jan. 1884.

13 Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 34, 11 fev. 1884.

14 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 28, 2 fev. 1884.

15 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 286, 7 fev. 1891.

16 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 13 fev. 1883.

17 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 3, 8 fev. 1885.

18 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 7, 26 fev. 1892.

A criatividade também se faz sentir nos numerosos anúncios dos jornais da época. Uma nova forma de namoro é então sugerida. Ingênuo e poeticamente o anúncio incitava aos namorados as qualidades das diversas marcas de bisnagas perfumadas.

(...) aos namorados que não comprem bisnagas em outra parte sem virem examinar as bisnagas do Baptista, e verão que pelas perfumarias de que são cheias as suas namoradas não terão ocasião de se zangarem com eles, e sim receberem de frente, apreciando o aroma da bisnaga que é tão bom que elas abrirão os lenços para aromatizá-los e no fim de três dias ainda se lembrarão dos namorados, só pelo aroma do lenço ¹⁹.

Aonde é que tem as bisnagas higiênicas, que servem mesmo para banhos? É na casa do simpático Baptista.

Meninas, se os vossos namorados vos ameaçarem com alguma bisnaga, perguntai-lhes se a comprou em casa do Baptista, se for negativa a resposta, não consentais que vô-la aplique, porque vos faz mal a roupa dissei-lhe, se queres brincar com bisnagas comigo compre em casa do simpático Baptista ²⁰.

Em outro momento, usando versos:

Bisnagas

- I *Rapazes! comprai bisnagas
Das damas no paraíso
Quem com tais bisnagas brincar,
Vê dos céos o grato riso!*
- II *Ao paraíso das Damas
Ide bisnagas comprar,
Quando ruge o Zé Pereira,
As moças deveis molhar!*

¹⁹ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 20, 24 jan. 1884.

²⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 23, 27 jan. 1884.

III *No Paraíso das Damas*
Hã bisnagas para vender;
Freguês, de tal Paraíso
Quem não quer bisnagas ter! 21

Os diversos anunciantes usavam de subterfúgios para atrair freguesia para o consumo das bisnagas que vendiam, ou pelo preço, ou pela procedência, por exemplo:

Bisnagas!

Completo sortimento e vende-se por preço baratíssimo! Francisco de Assis Costa 22.

Bisnagas em grande quantidade na Loja da Âncora. Vende-se por atacado e varejo, a preços baratíssimos, bisnagas muito cheirosas fabricadas em Porto Alegre. Venhão ver para crer 23.

Bisnagas da fábrica de Hallawel & C. Porto Alegre. Únicos agentes na província de Santa Catarina H.W.Fison & C. 24.

Mesmo com as proibições municipais ao entrudo, aparecem anúncios e propagandas de vendas de limões-de-cheiro e bisnagas, notando-se uma certa contradição. No ano de 1882, surge uma proibição e ao mesmo tempo são publicadas as propagandas.

Chamamos a atenção do público para o edital da câmara municipal desta capital, transcrevendo o artigo das posturas que proíbe o jogo do entrudo e a venda dos limões-de-cheiro 25.

21 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 31, 7 fev. 1884.

22 Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 5, 7 jan. 1874.

23 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 293, 25 dez. 1883.

24 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 3, 4 jan. 1885.

25 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.973, 15 fev. 1882.

Chegou pelo último pacote um completo sortimento de máscaras de papelão, cera, arame e cetim de uma ou duas cores, lindíssimas cabeleiras à fantasia, bisnagas superiores, chuva de prata, limões com papel de cores(...) ²⁶.

O comércio de indumentárias carnavalescas, existia, mas não tão intenso quanto o anteriormente citado. Encontramos anúncios em jornais de fantasias de dominó, mouro, cavaleiro e conde.

O dominó era o mais vendido, em preto e branco, devia ser o mais popular por ser mais barato e acessível.

A variedade dos tipos de fantasias ofertadas nos anúncios era pequena, porém, sabe-se que nos bailes e nos desfiles, esta variedade era grande. A maioria era de segunda mão, alugada ou vendida, destinada a pessoas de poucas posses, enquanto que aquelas usadas nos bailes e desfiles deveriam ser de pessoas de melhor condição financeira.

Em 1869 já aparecem anúncios de venda de dominó ²⁷. Em 1871 aparecem dois anúncios deste ²⁸. Encontrá-se também, em 1872 ²⁹, 1873 ³⁰, 1874 ³¹, 1880 ³², 1883 ³³ e em 1885 ³⁴.

²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 15, 19 jan. 1882.

²⁷ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 804, 28 jan. 1869.

²⁸ Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 29, 18 fev. 1871.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 250, 12 fev. 1871.

²⁹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 350, 8 fev. 1872.

³⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 452, 16 fev. 1873.

³¹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 548, 5 fev. 1874.

³² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 8, 25 jan. 1880.

³³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.063, 13 jan. 1883.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 19, 26 jan. 1883.

³⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 28, 6 fev. 1885.

Acha-se também, anúncios de venda ou aluguel de dominó: "aluga-se para o 2º dia, um dominó em bom estado" ³⁵ e "vende-se ou aluga-se um lindo dominó com a competente máscara, na Rua da Palma nº 7" ³⁶.

Nota-se através da citação acima, que existia o costume de usar fantasias de primeira mão no primeiro dia de carnaval, e no segundo dia, esta era destinada ao aluguel ou à venda, provavelmente para pessoas menos abastadas. Realmente elas eram bem utilizadas, talvez aí a resposta pelo pouco comércio e consumo de fantasias, não existindo uma indústria destes produtos, e sim um comércio de roupas usadas.

Aparecem propagandas de bonitas fantasias, na sua maioria, não sendo mencionadas, de qual tipo:

Vende-se três vestimentas boas ³⁷.

(...) fantasias muito descentes, usadas apenas uma vez ³⁸.

(...) duas roupas de cetim ³⁹.

(...) uma rica roupa ⁴⁰.

(...) boas vestimentas de fantasia ⁴¹.

(...) seis lindas fantasias em perfeito estado ⁴².

(...) uma bonita fantasia ⁴³.

³⁵ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 452, 16 fev. 1873.

³⁶ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 350, 8 fev. 1872.

³⁷ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 213, 13 fev. 1863.

³⁸ Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 27, 4 fev. 1871.

³⁹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 4, 11 jan. 1880.

⁴⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 32, 11 fev. 1881.

⁴¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 42, 23 fev. 1881.

⁴² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 30, 8 fev. 1885.

⁴³ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 20, 26 jan. 1888.

Em relação ao dominó, eram usados diversos adjetivos como forma de atração, tais como: em perfeito estado, de último gosto, em bom estado, excelente, luxuoso, muito chic.

Referindo-se a outras fantasias: "uma rica fantasia de mouro em seda e para cavalheiros de belbutina" ⁴⁴ e "bonita e nova de conde" ⁴⁵.

Muitas destas fantasias encontravam-se à venda na tipografia dos próprios jornais anunciantes, como: "Argos", "Cruzeiro do Sul", "Mercantil", "Cacique", "Regeneração", "Jornal do Comercio" ⁴⁶.

Vendiam-se também em estabelecimentos comerciais, como: Alfaiataria do Jacinto ⁴⁷, Loja da Âncora ⁴⁸, Alfaiataria Tesoura Sergipense ⁴⁹, Alfaiataria do Sr. Bonassis ⁵⁰, Armazém nº 2 no Largo do Palácio ⁵¹.

44 Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n.176, 1 jan. 1860.

45 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 20, 26 jan. 1888.

46 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 408, 24 fev. 1859.

Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 176, 1 jan. 1860.

Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 213, 13 fev. 1863.

Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 804, 28 jan. 1869.

Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 27, 4 fev. 1871.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 250, 12 fev. 1871.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 19, 26 jan. 1883.

JORNAL DO COMMERCIO.. Desterro, n. 28, 6 fev. 1885.

47 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 42, 23 fev. 1881.

48 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 8, 25 jan. 1880.

49 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.063, 13 jan. 1883.

50 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 20, 26 jan. 1888.

51 Ibid.

Em outros casos, citam apenas o endereço de onde encontrá-las: na rua Brigadeiro Bittencourt⁵², na rua do Príncipe⁵³ no Largo do Quartel nº 23⁵⁴, na rua da Conceição nº 5⁵⁵.

Os anunciantes usavam de todos os ardis para oferecer sua mercadoria. Torna-se moda se fazerem anúncios em forma de versos. O jornal "O Mercantil" em 1861 chega até a anunciar a venda de versos para o carnaval⁵⁶.

Com a adoção das máscaras, o comércio destas tomou um grande impulso, conseqüentemente, o anúncio das mesmas especifica o material usado para sua confecção, como cetim, cera, arame, massa, papelão, seda. Por exemplo:

Máscaras de cetim de cores a 1\$000; cera com mola 1\$800; de cera sem mola 1\$00; arame com mola a 1\$800; de arame sem mola 1\$200; de fantasia a 2\$000; de papelão para homens a \$240; de fantasia para homens a 1\$000, de nariz de cera com óculos a 1\$000⁵⁷.

Inclusive aparecem máscaras com barba⁵⁸, e especiais para os zé pereiras⁵⁹.

Também eram vendidos chapéus para as festividades, apa-

⁵² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 448, 30 jan. 1873.

⁵³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 452, 16 fev. 1873.

⁵⁴ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 548, 5 fev. 1874.

⁵⁵ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 4, 11 jan. 1880.

⁵⁶ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 13, 10 fev. 1861.

⁵⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 24, 2 fev. 1883.

⁵⁸ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 351, 11 fev. 1872.

⁵⁹ Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 22, 26 jan. 1884.

recendo em um único anúncio, chapéu de pele para o zé pereira ⁶⁰.

Em 1860, encontramos um anúncio de venda de um "ramo de amêndoas" para os festejos, no Hotel do Vapor ⁶¹.

Ofertavam-se luvas "frescas"⁶²; de pelica branca, preta e colorida ⁶³, para homens e senhoras ⁶⁴.

As cabeleiras postiças eram muito usadas e de grande procura, devido ao elevado número de anúncios. Muitas destas, eram feitas sob encomenda, como pode-se observar: "Compra-se cabelo preto ou loiro. Aceita-se encomendas" ⁶⁵. "Aceita-se encomendas com antecedência" ⁶⁶. "Qualquer tipo de encomenda" ⁶⁷.

As cabeleiras eram: pretas, loiras, brancas, castanhas, ruivas, crespas, cacheadas e "calva para velhos" ⁶⁸. Como também vendiam-se barbas ⁶⁹ e tranças ⁷⁰.

Aparecem propagandas de flores francesas, perfumaria, leques ⁷¹, meias de seda branca e colorida, de fios de escócia, de algodão "cor de carne"⁷² e lanternas de papel para iluminação ⁷³.

⁶⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 3; 4 jan. 1885.

⁶¹ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 558, 18 fev. 1860.

⁶² Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 22, 26 nov. 1884.

⁶³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 943, 21 fev. 1878.

⁶⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.048, 18 fev. 1873.

⁶⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 272, 20 jan. 1888.

⁶⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 18, 24 jan. 1885.

⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 12, 17 jan. 1883.

⁶⁸ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 592, 8 fev. 1879.

⁶⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 18, 24 jan. 1885.

⁷⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 273, 20 jan. 1885.

⁷¹ Jornal. A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 943, 21 fev. 1878.

⁷² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 15, 19 jan. 1882.

⁷³ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 29, 1 fev. 1883.

"Anunciavam-se chapéus armados (de ministros e de militares, dragonas, bandas e outras peças) pois as fantasias de militar eram permitidas" ⁷⁴.

O carnaval também veio aprimorar a moda, introduzindo enfeites nas fantasias e os mais variados aviamentos, tais como: fitas, gregas, lantejoulas, gorgorões, plumas, estrelas, rendas, franjas, plissés ⁷⁵.

Até essa época, e quando longe vinham ainda os três dias da loucura, já a maior parte da população forte desta cidade andava em movimento, trabalhava, comprava, esquadrinhava. Cada qual queria apresentar-se mais luxuosamente vestido; cada qual queria atrair atenção pública pelas sedas, pelos armarinhos, pelos veludos, pelas lantejoulas finalmente ⁷⁶.

"Mas, havia gente que não hesitava em endividar-se para se esbaldar no Carnaval. Dizia um jornal por aqui quem chegasse a contrair dívida de 200 a 300 mil réis só para fantasiar-se e brincar durante os três dias" ⁷⁷.

Os foliões esmeravam-se na confecção e criação de suas fantasias escolhendo os melhores tecidos, incentivando e ampliando o comércio local e também incrementando a importação de tecidos, como se verá neste anúncio: "lindíssimos cortes de vestido de garça, prateado (...) chegados no último pacote da Europa a 20\$000,

⁷⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p.237.

⁷⁵ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 28, 2 fev. 1884.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 22, 26 nov. 1884.

⁷⁶ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 592, 8 fev. 1879.*

⁷⁷ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 237.

prestão para dominós" 78.

As fazendas mais utilizadas para a elaboração das fantasias eram cetim, tarlatana, popeline, linho, seda, manzuk, escócia, belbutina e metin*.

Através de todo este movimento comercial que se deu no Desterro, em função do carnaval, nota-se que o mesmo tinha grande importância e participação na vida do desterrense.

Existia uma produção e comércio dedicados a produtos carnavalescos, que serviu de fonte de renda para muita gente, apesar de que nunca foi suficiente para armazenar riqueza.

Vai-se notar quatro tipos de produção e comércio carnavalescos distintos:

- 1º - Produção artesanal e provinciana: a elaboração e venda dos limões-de-cheiro, era uma atividade familiar, mais rudimentar, talvez o mais antigo.
- 2º - Comércio de produtos industrializados: as bisnagas, os tecidos, os armarinhos, perfumes e outros. Dentro desta qualificação aparecem os produtos nacionais e importados (bisnagas e os tecidos).

* belbutina - tecido de algodão aveludado.
 tarlatana - tecido de algodão delgado e ralo.
 manzuk - tecido encorpado próprio para armações.
 metin - espécie de cetineta.

78 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 4, 11 jan. 1880.

- 3º - Comércio dos produtos confeccionados na própria cidade do Desterro: as perucas e as fantasias feitas pelos alfaiates. Sua produção era ordenada e organizada, apesar de não poder serem classificados como produtos industriais.
- 4º - Comércio de roupas ou fantasias usadas, vendidas ou alugadas: eram muito bem aproveitadas, participando desta atividade não apenas comerciantes, mas qualquer pessoa que desejasse se desfazer de suas fantasias velhas ou usadas, sem ter grandes prejuízos*.

Nunca foi exportado do Desterro qualquer produto carnavalesco, pois, "o movimento importador sobrepujou, quase sempre o exportador" 79.

A produção e comércio de artigos carnavalescos de uma maneira geral, pouco influenciaram na vida econômica do Desterro.

Esta era uma atividade que se concentrava nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, no restante do ano não se fez sentir. Aparece como uma atividade paralela às demais atividades econômicas.

* ENEIDA., op. cit., p. 265 e na Bahia (VIANNA, Hildegardes., op. cit., p. 286).

No Desterro não apareceu uma espécie de comércio do "disfarce", que existia no Rio de Janeiro e na Bahia. Eram lojas que possuíam "salas particulares" onde os foliões trocavam de roupa, garantindo assim o anonimato que o mascarado requeria. Além de que tinham cabeleireiras e maquiadores especialistas em disfarces.

2. - O CARNAVAL E OS BONS COSTUMES

2.1. - REPRESSÃO E CONTROLE

Havia um rígido controle sobre os divertimentos carnavalescos, e conseqüentemente a repressão. Os festejos eram limitados pela lei, pela ação policial, pela regulamentação interna das sociedades carnavalescas e também pela imprensa.

Como já dizia Oswaldo Cabral:

(...) em verdade, tudo que havia de bom, capaz de distrair, de divertir, de dar um pouco de alegria à população, coletivamente, as Posturas, as famigeradas Posturas, proibiam⁸⁰.

Em toda a festa alegre e extrovertida que envolve muitas pessoas, como o carnaval, ocorrem conflitos e incidentes, mas que na sua maioria são contornados pela intervenção policial.

A imprensa se tornou uma espécie de fiscal dos divertimentos, de várias maneiras interferindo no carnaval do povo. Conclamava a polícia e as autoridades, com objetivo de que houvesse um maior controle sobre os divertimentos. Estava atenta sempre a qualquer desvio da lei, e alteração da ordem pública. Se algum acontecimento se passasse despercebido pelas autoridades, lá estava o jornal para denunciá-lo*.

* VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes., op. cit., p. 73-6.

Também a imprensa paulista no século XIX, "assumiu um papel muito importante ao mesmo tempo esclarecedor, incentivador e controlador dos novos folguedos e de total condenação aos folguedos antigos, utilizando-se de artifícios diversos para influenciar claramente a opinião pública". Assim como "visando a transformação dos festejos carnavalescos e clamavam a polícia e as autoridades para agirem(...)

⁸⁰ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 205.

Dos divertimentos carnavalescos, o entrudo foi o mais perseguido pelas leis municipais a fim de discipliná-lo ou extingui-lo.

Nestas leis os foliões que desrespeitassem as normas exigidas, eram castigados com cadeia e com pagamento de multa que variava dependendo da gravidade da falta. Além disto também eram aplicadas penas que variavam de indivíduo para indivíduo. Uma pessoa livre recebia 2 dias de cadeia, enquanto que o escravo era premiado com 6 dias.

Fica proibido o jogo do entrudo dentro do município, qualquer pessoa que publicamente o jogar, incorrerá na pena de 2\$000, a 8\$000 de condenação, e não tendo com que satisfazer sofrerá de dois a seis dias de prisão. Sendo escravo sofrerá seis dias de cadeia, caso o Sr. não mande castigar com 50 açoites, devendo uns e outros infratores serem conduzidos pelas rondas policiais à presença do juiz para o julgar à vista das partes, e testemunhas que presenciaram a infração ⁸¹.

Em 1857 a lei permitiu o jogo do entrudo, mas restringindo o seu uso sob determinados aspectos e novamente proibindo a participação do escravo, como veremos:

É permitido às pessoas descentes o antigo uso do (...) entrudo, somente nos três dias do costume, empregando para isso os limões-de-cheiro - devendo os vendedores tanto das lojas, tabernas, armazéns, e os que venderem ou mandarem vender pelas ruas, tirar licença da Câmara, pelo que pagarão 2\$000 réis

⁸¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício do Presidente da Província para Câmara Municipal, postura da Câmara Municipal. Desterro, 26 julho 1832 (mss.).

por taboleiro, em conformidade da Lei Provincial nº 380, aos que não tiverem tirado pagarão 6\$000 réis de multa.

Fica absolutamente proibido usar outra coisa para tal divertimento que não sejam os limões. Não se consentirá que os cativos andem nas ruas ocupadas neste divertimento, de qualquer maneira que ele seja, sob pena de 24 horas de cadeia ⁸².

Novamente em 1859 o entrudo tornou-se proibido, anulando as leis anteriores, que o permitiam.

Artigo Único. Fica expressamente proibido o jogo chamado de entrudo pelo menos que era permitido segundo as disposições do art. 122 do Código de Posturas; e sujeitos os infratores à multa de 10 mil réis, e o dobro nas reincidências ⁸³.

O cidadão que queria divertir-se não podia sequer molhar a roupa do outro, estando sujeito a pesadas multas, a exemplo disso:

Quem molhar qualquer pessoa com água ou limão, ou manchar-lhes as vestes com tinta ou qualquer ^(sic) outra coisa, mormente durante o tempo de carnaval, será multado em 10\$000, e no duplo nas reincidências ⁸⁴.

⁸² SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc.

Resolução nº 429, artigo 130, cap. XII, rendas municipais. Desterro, 28 março 1857. (mss.) / Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

⁸³ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Desterro, 29 março 1859. (mss.).

⁸⁴ SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc.

Lei nº 606 de 30.04.1868. Aprova o Código de postura da Câmara Municipal de Itajaí. cap. 4. Tranquilidade pública. art. 54. Desterro. Typ. Joaquim Augusto do Livramento, 1868. p. 42. / Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Nota-se através de algumas leis, que os fiscais da Câmara Municipal já eram tentados a não cumpri-la, deixando de multar os infratores. Além de que a lei chegava a atingir a intimidade das residências de cada um, como veremos:

Art. 1º - Fica proibido o jogo do entrudo, quer pelas ruas, quer pelas casas particulares, durante os 3 dias de carnaval. Os infratores serão multados em 20\$000 réis e o duplo na reincidência, e recolhidos às cadeias por três dias.

O fiscal que não cumprir à risca estas disposições, sofrerá a multa de 40\$000 réis imposta administrativamente.

Art. 2º - Antes do carnaval e somente por 8 dias poderão vender-se os limões, obtendo o vendedor (...) licença do presidente da câmara pelo qual pagará 10\$000 réis, além do selo. A infração será punida com 20\$000 réis de multa⁸⁵.

Já em outra lei de 11 de junho de 1869, feita um mês após a anterior que permitia a venda dos limões, passa a proibir totalmente a sua comercialização.

Art. 1º - Fica proibido o jogo do entrudo, bem como a venda dos chamados limões-de-cheiro. Os contraventores pagarão 5\$000 réis de multa, e o dobro na reincidência, perdendo, além disso, os limões-de-cheiro, os vendedores ou seus donos⁸⁶.

⁸⁵ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Desterro, 01 maio, 1869. (mss.).

⁸⁶ SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc.
Lei nº 625. : posturas. [Desterro]/ s.n., 11 junho 1869./Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Um ano após esta lei, ficou registrado o cumprimento desta, pelo fiscal da Câmara, que encontrou um ramo de limões dentro do navio de Guerra Encouraçado Cabral. De acordo com o relato do fiscal da Câmara Luiz de Souza Fagundes ao Presidente da Câmara Municipal o sr. Manoel José de Oliveira, aconteceu desta forma:

Um fato bastante desagradável e que podia trazer séria consequência, deu-se hoje no antigo trapiche da alfândega desta cidade entre mim e o piloto do navio de guerra Encouraçado Cabral. O fato tratou-se da maneira seguinte, um vapor trazia um ramo de limões feitos de cera sem água dentro, naturalmente para serem empregados depois cheios, eu na qualidade de fiscal da câmara inutilizei esses limões observando o cumprimento do artigo N^o 1 - da Lei n^o 625 de 11 de junho de 1869 aprovado pela Assembléia Provincial, que manda que os vendedores ou seus donos percão os chamados limões de cheiro, pouco depois apareceu o dito piloto do Encouraçado Cabral, tomar-me uma satisfação pelo motivo de ter eu inutilizado tais limões, eu observei que o que eu tinha feito era em observância à Lei a que como fiscal que era da Câmara podia fazer; não se contentando com a observância que lhe dirigi com calma e sangue frio, principiou a designar-me insultos que eu o repeli como devia e ultimamente ameaçou-me de ir com a marinhagem do dito navio vingar-se do que eu lhe tinha feito, e isto em observância da Lei, o que tudo levei ao conhecimento de V.S^a, para que não se reproduzão atentados de tal ordem 87.

No mesmo dia o Secretário da Câmara envia ofício ao chefe de polícia a fim de que o referido oficial fosse punido:

87 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício do Fiscal da Câmara para o Presidente da Câmara. Desterro, 28 janeiro 1870. (mss.).

Levando a câmara municipal, o conhecimento de V.S^a, o fato praticado pelo piloto do navio de guerra Encouraçado Cabral sendo neste porto, constante da parte oficial; espero que V.S^a submetendo-o ao conhecimento do Exmo. Senhor Presidente da Província, seja devidamente punido, esse oficial, que assim desrespeitou a Lei e ameaçou a um empregado d'esta Câmara, no exercício de seus deveres, para que não reproduza o fato, e se evitam conflitos lamentáveis ⁸⁸.

Em 1880 foi publicado em edital por ordem do chefe de polícia, a referida lei nº 625 de 11 de junho de 1869.

De ordem do Exmo. Sr. Dr. Chefe de Polícia, se fez público que é proibido o jogo do entrudo, bem como a venda dos limões-de-cheiro, os contraventores pagarão 5\$000 réis de multa e o dobro na reincidência, perdendo, além disso, os limões-de-cheiro, os vendedores ou seus donos, conforme dispõem o art. 1º das posturas da Câmara Municipal, aprovado pela lei nº 625 de 11 de junho de 1869 ⁸⁹.

Durante os dias de carnaval a cidade de Nossa Senhora do Desterro sofria reforço policial, a fim de manter a ordem e se fazer cumprir a lei, sinal de que o carnaval não era um festejó tão pacífico. O que se poderá observar no texto a seguir:

Rogo a V. Ex^a a expedição de suas ordens, para que sejam apresentados ao Comandante de Polícia, durante os três

⁸⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício do Secretário da Câmara Municipal para o Chefe de Polícia da Província. Desterro, 28 janeiro, 1870. (mss.).

⁸⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.761, 24 jan. 1880.

dias de carnaval, às duas horas da tarde, mais de 6 praças de linha, a fim de coadjuvarem o policiamento da cidade ⁹⁰.

A polícia tinha a obrigação de proteger as sociedades carnavalescas nos seus desfiles de rua, dando-lhes toda segurança possível. Foi o que aconteceu no ano de 1860, quando um guarda policial, a cavalo, fechou o préstito da "Sociedade Carnaval Desterrense", para garantir a integridade dos carnavalescos ⁹¹.

No texto abaixo está clara a idéia de que as sociedades carnavalescas possuíam uma certa imunidade, a qual deveria ser preservada pela polícia.

A polícia deve tomar a sério tão grave desacato, responsabilizar o seu autor ou autores, que arrogando-se atribuições autoritárias, e antepondo-se à polícia, humilharam-na, infringiram a lei e afrontaram as sociedades, quebrando-lhes em plena rua as imunidades que têm ⁹².

O serviço policial também tinha o dever de defender a religião católica, para que esta não fosse ridicularizada nas festividades carnavalescas. O que se verá nesta pergunta: "Onde estão as nossas autoridades que têm por obrigação de seus cargos e de seus respectivos juramentos, acatar e defender a religião do mártir do Calvário?"⁹³

⁹⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício do Chefe de Polícia para Vice-Presidente da Província. Desterro, 22 fevereiro, 1879. (mss.).

⁹¹ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 182, 29 jan. 1860.

⁹² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.

⁹³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

Num acontecimento de 1884, foi necessário a intervenção policial para acalmar o povo, havendo prisões de civis e alguns marinheiros da armada.

Levo ao conhecimento de V.Ex^a o seguinte fato, ocorrido hontem à noite, nesta capital. Por ocasião de efetuar um passeio, anunciador do carnaval, a Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro, depois de ter percorrido algumas ruas da cidade, ao chegar à Praça Barão de Laguna, houve um conflito entre o povo e um grupo de praças e marinheiros da armada, achando-se envolvido um Guarda-Marinha, que nessa emergência com parecendo, recebeu um ferimento leve.

O ânimo popular achando-se agitado, envidei todos os esforços para acalmá-lo, conseguindo dispersar a multidão, que sempre em ocasiões tais apresenta-se de forma a inspirar cuidados.

Dentre os marinheiros obstinados, foram presos os de nome (...) no intuito de restabelecer a ordem no que foi oficialmente auxiliado por V.Ex^a.

Não posso por enquanto precisar a causa de um acontecimento tão desagradável ⁹⁴.

O controle dos mascarados era muito rigoroso, a polícia dava licença para as pessoas poderem se mascarar, mas com uma série de restrições.

Edital: Repartição de Polícia.

Manda o Exmo. Sr. Dr. Chefe de polícia prevenir aos cidadãos que tencionarem mascarar-se nos três dias do carnaval, que solicitam as competentes

⁹⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício do Chefe de Polícia para o Presidente da Província. Desterro, 14 jan. 1884. (mss.).

licenças nesta repartição, até o dia 4 do corrente, não sendo, porém, permitido a nenhum desses indivíduos usar de máscara senão até as 8 horas da noite dos referidos dias, bem como que serão conduzidos à sua presença, ou de qualquer outra autoridade policial, todos aqueles que não se acharem munidos das referidas licenças ⁹⁵.

Em 1879 vai aparecer um novo elemento para controlar as licenças, a senha, que cada mascarado deveria possuir, e a proibição à participação de escravos e suspeitos da polícia:

Edital: Repartição de Polícia.

(...) que as licenças para as pessoas que quiserem mascarar-se nos três dias de carnaval, serão passadas nesta repartição, somente da publicação deste até o dia 22 corrente, e que as sociedades carnavalescas para esse fim organizadas, deverão os respectivos diretores, como é de costume, apresentar as relações dos sócios com a competente senha que combinarem distribuir.

Fica desde já prevenido que não se passará licença a escravos, nem a pessoas suspeitas à polícia ⁹⁶.

As sociedades carnavalescas, nos seus programas, deixavam bem explícitas as exigências de que os seus membros que quisessem participar dos desfiles de rua durante o dia, e os bailes à noite, mascarados, teriam que pegar autorização da polícia com a sua respectiva senha.

No programa da "Sociedade Carnaval Desterrense", nos anos de 1859 e 1860, fica bem clara esta necessidade:

⁹⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.148, 10 fev. 1874.

⁹⁶ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 595, 15 fev. 1879.

Art. 9º. A diretoria em cada dos 3 dias distribuirá uma senha ou sinal reconhecido pela polícia, não só para o sócio ser conhecido de dia, como de noite ao entrar e sair do baile, e não se confundir com qualquer outro mascarado se for encontrado pela polícia.(...)

Art. 17. Os sócios que concorrerem ao baile, com máscaras, têm obrigação de fazerem-se conhecer do porteiro, mostrando-lhe o rosto ⁹⁷.

No programa da "Sociedade Recreio Carnavalesco" do ano de 1860, encontra-se o seguinte comunicado:

1º. As 3 horas da tarde do dia indicado se reunirão os Srs. Sócios, que se quiserem mascarar, em casa do Diretor da Sociedade (...)

2º Antes dessa digressão a Diretoria distribuirá pelos Srs. Sócios uma senha reconhecida da polícia (...)

6º À entrada serão obrigados, os que forem mascarados a declarar em particular seu nome ao Sócio reconhecedor, e a receber uma senha do mesmo quando queirão sair com o intuito de voltar ⁹⁸.

A "Sociedade União Improvisada" e, 1863, publica em jornal a seguinte recomendação aos seus associados:

Recomenda-se aos Srs. Sócios que só podem entrar para o baile de máscaras os que se achão indicados na lista dos sócios, e que no caso de alguém consentir em ter substituto de

⁹⁷ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 940, 10 fev. 1859.

Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 182, 29 jan. 1860.

⁹⁸ Jornal O ARGOS. Desterro, n. 566, 17 mar. 1860.

ve prevenir com antecedência essa substituição de pessoa para que o sócio reconhecedor que deve estar na escada do sobrado não obstar a entrada do substituto, e mesmo porque os outros sócios devem saber quais as pessoas que fazem parte do baile ⁹⁹.

A "Sociedade Recreio Carnavalesco", em 1868, anuncia aos "Srs. sócios que se mascararem, deverão receber do Sr. Procurador o sinal da Sociedade, que será colocado no ombro direito" ¹⁰⁰

A "Sociedade Carnavalesca dos Artistas", em 1868, aos "Srs. Sócios que quiserem mascarar-se devem procurar as senhas na casa do baile, das 10 horas da manhã em diante" ¹⁰¹.

As sociedades carnavalescas não só controlavam os mascarados, como também interferiam na maneira dos seus sócios trajarem-se, seu comportamento, suas ações, suas danças, suas músicas, estipulando uma série de regulamentos e precauções para o andamento normal de suas atividades.

A "Sociedade Carnaval Desterrense", faz em 1859 uma série de recomendações em relação aos trajes de seus associados, para que eles se apresentassem da melhor maneira possível, tornando o evento mais requintado.

A diretoria recomenda aqueles dos Srs. sócios que pretendem mascarar ou fantasiarem-se ou cingirem-se a algum figurino, a fim de evitar a

⁹⁹ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 212, 12 fev. 1863.

¹⁰⁰ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 707, 13 fev. 1868.

¹⁰¹ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 710, 23 fev. 1868.

a aparição de figuras ridículas que nenhum chiste tem: bem como roga aos que levarem suas famílias aos bailes que prescindão dos vestidos de seda, apresentando-se antes se for possível vestidos à fantasia, o que deixará de agradar dando assim maior realce aos referidos bailes ¹⁰².

No programa desta mesma sociedade, no mesmo ano, vamos encontrar outra série de exigências:

Artigo 4º. Poderão os sócios formarem os grupos que entre si combinarem, para percorrerem as ruas, sem ser com a banda de música, com danças e cantorias decentes, e que de nenhum modo ofendam a moral e bons costumes. (...)

Artigo 12º. Os sócios que deixarem de portar-se com a devida decência e se mostrarem remissos às admoestações do diretor ou dos sócios por ele encarregados, quer nos grupos ou nos bailes, serão despedidos pelo mesmo diretor, e no caso de recusa será auxiliado (se for preciso) pela autoridade policial. (...)

Artigo 14º. É proibido aos sócios.

1º Propor convidados em vista da doutrina do artigo 10º.

2º Toda sorte de jogos de água ou qualquer líquido.

3º Polvilho ou pós de qualquer natureza.

4º Todo jogo de frutas ou ovos.

5º Dirigir-se a alguma pessoa e lembrar-lhe seus defeitos e vícios e usar de gestos por qualquer modo ofensivos que possam atacar a moral e bons costumes.

6º Apresentar-se com vestuários indecentes ou ridículos ¹⁰³.

¹⁰² Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 174, 25 fev. 1859.

¹⁰³ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 94, 10 fev. 1859.

A "Sociedade Recreio Carnavalesco" em 1860 fez recomendações no seu programa, onde a moral e os bons costumes estavam em primeiro plano:

3º Durante o passeio da Sociedade só é permitido aos Srs. Sócios executar quaisquer ações que não ofendam a moral pública, bem como ofertar poesias análogas ao dia, doces, flores, frutas, e dirigir palavras honestas a quem lhe aprouver ¹⁰⁴.(...)

5º Durante as digressões da Sociedade, só é permitido aos Srs. Sócios executar quaisquer danças e cantorias, que não ofendam a moral pública ¹⁰⁵.

Nos anos de 1859, 1870, 1879 e 1890, a polícia nada teve a fazer, pois manteve-se a ordem pública ¹⁰⁶.

Ocorreram incidentes causados pelas sátiras apresentadas pelas sociedades carnavalescas, ou mesmo, um mascarado qualquer, ofendendo os brios de uma pessoa, autoridade ou até mesmo uma nação. Causando um certo transtorno às autoridades e à ordem pública*.

* VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes., op. cit., p. 68.

A polícia em 1896, já se precavia, a fim de evitar futuros problemas, proibindo as sociedades carnavalescas e mascarados, de se vestirem "indecentemente ou fazerem alegorias contra quaisquer pessoas ou empregados civis, militares, eclesiásticos bem como usarem emblemas ofensivos à religião", inviabilizando críticas ousadas de última hora.

104 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 566, 17 mar. 1860.

105 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 554, 9 fev. 1860.

106 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 414, 11 mar. 1859.

Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 153, 2 mar. 1870.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.667, 25 fev. 1879.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.767, 14 fev. 1880.

Em 1870 um mascarado foi agredido pelo Sr. Manoel de Oliveira, o qual supôs estar sendo ofendido, terminando a questão com uma queixa à polícia por agressão ¹⁰⁷.

O citado acontecimento, de 1882, em que apareceu um mascarado de casaca preta, chapéu alto com penacho e espada na cinta, empunhando uma bandeirola. Os fervorosos admiradores do Visconde de Taunay sentiram-se ofendidos achando que fosse uma crítica a tão ilustre figura, o Presidente da Província. Indignados cercaram o folião impedindo que este continuasse com seu divertimento. O mascarado era um oficial do exército que amedrontado não conseguiu se defender de tão ardorosos defensores. E assim os fanáticos simpatizantes de Taunay conseguiram acabar com o inocente brinquedo do folião em questão *. "Foi uma imprudência dos adoradores do Sr. Taunay, e desacreditadores do seu penacho: o carnaval de hoje quase desabou em lamentável tragédia. Ao que conduz o supersticioso zelo" ¹⁰⁸.

No ano de 1885, a polícia se envolveu com dois incidentes.

O delegado de polícia teve que intervir no incidente causado pela apresentação de um carro alegórico da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos", em que satirizava uma questão havida entre o vice-cônsul português, e trazia no alto as armas portuguesas. O Sr. Portilho Bastos, vice-cônsul sentiu-se ofendido,

* Será tratado com mais detalhes em "O Carnaval como meio de crítica e de sátira".

¹⁰⁷ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 153, 2 mar. 1870.

¹⁰⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.

mas logo a confusão foi dissolvida, exigindo que se retirassem as referidas armas. Assim a sociedade carnavalesca pôde continuar o seu passeio, sem maiores conseqüências ¹⁰⁹.

Vai aparecendo também um contratempo, até certo ponto cômico, com o Mr. dela Prise, capitão da Marinha. Este senhor muito animado e fantasiado de príncipe ou "princez", saiu à rua atirando limões às graciosas e pudicas senhoritas: "Tome lenha!" Causou um escândalo! Este alto signatário burlando a lei, conseguiu deixar em maus lençóis a polícia que sentia-se impotente para admoestar tão alta personalidade. O senhor Paranaguá, Presidente da Província, não queria deixar de se fazer cumprir a lei, então lavou as mãos, e passou a incumbência ao diretor-instrutor, mandando um ofício ao tão grande funcionário. Este defendeu Mr. dela Prise, enaltecendo seus arrombos carnavalescos e fazendo ver o quanto teriam prejuízo com tal ato. E o dito ficou pelo não dito ¹¹⁰.

A rivalidade entre as sociedades carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos" fez com que algumas vezes houvesse hostilidades uma com a outra, por meio de críticas e provocações, mas que não trouxeram maiores conseqüências. Prova disto, veremos a seguir:

Apesar do cavaco, não houve desarmonia alguma, a não ser o casual encontro no dia, na rua da Constituição: nem outra coisa era de se esperar de jovens polidos e cordatos, como o são os de um e outro lado ¹¹¹.

¹⁰⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.272, 4 fev. 1885.

¹¹⁰ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 46, 28 fev. 1885.

¹¹¹ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

Em 1860 durante o desfile de rua da "Sociedade Recreio Carnavalesco", um cavalo que estava atado pelas rédeas em frente à casa do Sr. Comendador Silveira de Souza, assustou-se com o toque da música marcial que acompanhava o curso, e saiu a pisotear o povo que acompanhava o desfile, ferindo algumas pessoas, inclusive o menor órfão de José Martins Vieira, que teve escoriações mais graves ¹¹².

Em relação a este acontecimento relatado acima, o jornal "O Argos" dá uma nota de repúdio ao não-cumprimento das posturas municipais. "Se as posturas municipais tivessem execução, deixaria de dar-se esse triste caso; mas as tais posturas são consideradas em nossa terra - imposturas" ¹¹³.

No baile da "Sociedade Carnavalesca União", do ano de 1861, no edifício do Liceo, aconteceu um incidente que quase transforma tal acontecimento social, em verdadeira "entrudada". Quase foram jogadas vasilhas com água suja nos participantes, mas alguns cavalheiros do "deixa disso", conseguiram evitar a tragédia ¹¹⁴.

A imprensa enaltecia os responsáveis pela ordem pública, louvando seus predicados.

Não podemos deixar, neste momento, de levantar um voto de louvor a Ilma. Câmara Municipal de Desterro, bem como ao distinto chefe de polícia, que soube fazer cumprir a postura relativa ao entrudo.

¹¹² Jornal O ARGOS. Desterro, n. 559, 21 fev. 1860.

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

Ainda bem! que possuímos cará-
res como o do Sr. Dr. José Joaquim
Fernandes Torres! 115.

O desempenho na perseguição do entrudo pelas autorida-
des policiais, era altamente elogiado 116.

Encontra-se inúmeros clamores da própria sociedade e
da imprensa, para uma ação mais específica e intensa da polícia,
um melhor cumprimento das leis, e criação de novas leis referen-
tes aos festejos carnavalescos. As proibições nem sempre eram
cumpridas. E para não fugir à regra, novamente o entrudo vai ser
o mais atacado.

Na seção competente publicamos um
edital da secretaria de polícia
proibindo o jogo do entrudo, a ven-
da de limões-de-cheiro e impondo
multas. Cremos que esta advertên-
cia é inútil, porque já não é a
primeira vez, os amantes desse má
divertimento não o deixão por fi-
nal algum 117.

Pedimos ao S. Ex. Dr. Chefe de Po-
lícia se digne a tomar as providên-
cias que julgar acertadas, para que
os transeuntes e mesmo os máscaras
não sejam vítimas do brutal jogo
do entrudo 118.

Resta que o Sr. Dr. Chefe de Polí-
cia tome algumas providências sérias con-
tra o brutal entrudo 119.

Compete à polícia evitar que o bru-
tal entrudo venha interromper a
festa com seus prejudiciais brin-
quedos 120.

-
- 115 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.
116 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 301, 23 fev. 1899.
117 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.761, 24 jan. 1880.
118 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.068, 31 jan. 1883.
119 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.163, 9 jan. 1884.
120 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.176, 23 fev. 1884.

Entrudo. Já começa a manifestar-se este jogo (...) Seria bom que o Sr. Chefe de Polícia fizesse apreender tais instrumentos, que nos parece estão compreendidos nos que as posturas municipais proíbem 121.

É como órgão da opinião, o jornal tem competência para sugerir a proibição do entrudo, que é um mal em face do período calmoso que atravessamos 122.

Também alerta a polícia ao uso proibido das seringas, a fim de que ela agisse contra os infratores.

Vimos, na mão de alguns rapazes, colossais seringas de folha de Flandres, capazes de apagar um incêndio. Seria bom que o Sr. Dr. chefe de polícia fizesse apreender tais instrumentos, que nos parece estão compreendidos nos que as posturas municipais proíbem 123.

O jornal "O Despertador", em 1872 também dá mostras de sua indignação em relação ao não-cumprimento das leis municipais. referente à proibição do limão-de-cheiro.

Carnaval. O deste ano tem sido muito frio, talvez por isso, reaparecesse o uso estúpido e selvagem dos limões-de-cheiro, em contravenção às posturas da nossa municipalidade 124.

Em 1876 novamente o "Despertador" aponta a falta de respeito das pessoas para com as posturas que proíbem o entrudo.

Dando lugar ao reaparecimento do perigoso entrudo que tantos prejuízos causão à saúde e à bolsa, sem se importarem os influentes da existência de uma postura municipal que

121 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.161, 2 jan. 1884.

122 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 286, 7 fev. 1891.

123 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.161, 2 jan. 1884.

124 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 944, 13 fev. 1872.

proíbe com multa a venda dos tais limões ¹²⁵.

Mas também neste ano houve uma pequena tentativa de reviver os feitos carnavalescos das sociedades.

À tarde e parte da noite de terça-feira, felizmente e como um protesto a quase completa monotonia dos dias antecedentes, em que só o velho entrudo campeou arroga de o desabrito com todo o seu elemento de bisnagas e laranjinhas - vieram trazer ao povo, aglomerado nas ruas e praças, umas recordações longínquas dos feitos carnavalescos das duas antigas e caprichosas sociedades Bons Arcanjos e Diabo a Quatro, que há dois anos estão descançando das lutas tão gualharda e cortezmente se empenharam e sem dúvida-retemperando as forças para novas conquistas ¹²⁶.

Ainda neste ano, o "Conservador" menciona o declínio do carnaval com o advento da Guerra do Paraguai, e o fortalecimento do entrudo, mas a partir de 1878, o carnaval começa a dar sinal de sua ascensão.

Durante o tempo da guerra, que o Brasil tão gloriosamente sustentou contra a república do Paraguai, essa animação esplêndida cessou.

Apenas mascarava-se uma meia dúzia de pessoas, sem espírito tanto físico como moral, continuando as coisas assim até 1878, que neste ponto, foi talvez o melhor de há dez anos a esta parte.

O entrudo, nesse tempo, desenfreado, nocivo e muitas vezes fatal, substitue o carnaval. Agora parece querer reviver a máscara. Bem vinda seja ¹²⁷.

¹²⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.361, 3 mar. 1876.

¹²⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 290, 12 fev. 1891.

¹²⁷ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 592, 8 fev. 1879.

Algazarras barulhentas à noite dos zé pereiras, causavam grande indignação por parte da população, devido à não-repressão da polícia para com estes, criticando-os.

Pedem-nos que chamemos a atenção da polícia para os bandos de rapazes vadios, que vagando todas as noites nas ruas desta cidade atormentavam os seus habitantes com o infernal e intempéstico zé pereira acompanhado de todos os desatinos filhos da boa educação que lhes é distribuída pelos seus condignos progenitores e curadores ¹²⁸.

E outro exemplo:

No domingo uma infinidade de zé pereiras, percorreram, durante a noite, todas as ruas da cidade, aturdindo a população com a infernal batucadela em latas de querosene etc.

A maior parte destes grupos era composta de crianças, mas havia um ou dois, formados por adultos, e em totalidade escravos.

Vestidos de farrapos com as caras cobertas com máscaras ou pintadas de branco e encarnado, estavam estes indivíduos acobertos de serem conhecidos. Ignoramos se a polícia tinha ou não conhecimento deles, mas entendemos que teria, porque não devia sair à rua sem a competente licença policial. Em todo o caso não sabemos até onde vai o direito de meia dúzia de sujeitos incomodarem uma população inteira, até adiantadas horas da noite, com tal barulho infernal ¹²⁹.

Tentava-se influenciar os jovens a se fantasiarem de acordo com as mudanças de vestimentas do século, deixando uma

¹²⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 286, 7 fev. 1891.

¹²⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.175, 20 fev. 1884.

idéia progressista. É o que se viu em 1879, em um diálogo entre duas moças, referindo-se às vestimentas dos moços no baile à fantasia que aconteceria no Clube Doze de Agosto.

Ora, pois num baile à fantasia, como o que houve no Quatro, é crível que somente quatro cavaleiros tivessem a lembrança de sair fora do comum, sendo que a maior parte das nossas companheiras exibirão-se primorosamente?

É condenável semelhante procedimento, impróprio do século em que vivemos.(...) é preciso não seres tão exigente e injusta, nem todos os moços gostam de fantasias; uns apreciam o positivo das coisas - a realidade, outros finalmente enxergão este mundo por um prisma diverso(...)

E o progresso (...), queres porventura que fiquemos estacionários quando o mundo marcha, como disse Palletan? vestindo sempre e sempre a mesma coisa, nós as anáguas de caudas ou sem ela, eles tais casacões anacrônicos? ¹³⁰.

Nota-se uma grande preocupação na maneira de vestir-se dos foliões, sendo condenadas as roupas mais simples, velhas, estragadas e sujas.

O jornal "O Cacique" em 1871 refere-se a "meninos e homens grotescamente trajando vestuários antigos e esfarrados"¹³¹.

O jornal "O Conservador" em 1887 cita que não apareceram "os descabidos máscaras a pé, desses que muitas vezes(...), pela licenciosidade de suas vestes, fazem subir o rubor às faces de quem os observa" ¹³².

¹³⁰ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 597, 20 fev. 1879.

¹³¹ Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 30, 25 fev. 1871.

¹³² Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 37, 24 fev. 1887.

O jornal "A Regeneração" em 1878 critica a falta de espírito de alguns mascarados, "e que em vez de flautearem o público, era o público que os flauteava" 133.

O mesmo jornal em 1883 trata da "graça e a vida do carnaval não consiste somente no luxo, nas custosas vestes, mas sim na confecção das idéias felizes, na sátira e na crítica fina e espirituosa", e que "no carnaval tudo é permitido desde que não se transponhais às raias da decência" 134.

A imprensa evocava a população para que participasse dos festejos, através de enfeites e decoração das ruas da cidade por onde as sociedades carnavalescas fossem passar, como forma de agradecimento a elas:

As sociedades carnavalescas preparam-se para percorrer diversas ruas desta cidade, é natural que os moradores as recebam com flores, confeites, etc. 135.

De nossa parte pedimos a todos os moradores por onde tem de passar estas sociedades adornem e iluminem as suas ruas, imitando assim a do Príncipe que se achará decentemente ornada 136.

Já se vê que são três dias cheios, em que a população não toma parte no folgado, pode à vontade recrear a vista e divertir-se a gosto; portanto é justo que concorra também com sua parte, para o brilhantismo da festa, e por isso, em nome das duas sociedades (sem que tenhamos procuração) pedimos aos moradores das ruas por onde elas têm de passar as enfeitar e iluminar, pelo menos durante os trajetos dos bandos carnavalescos 137.

133 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 947, 7 mar. 1878.

134 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

135 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.663, 11 fev. 1879.

136 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

137 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.068, 31 jan. 1883.

Chegando ao ponto de descrever com detalhes a decoração da rua do Príncipe, como um exemplo a ser imitado. "A rua do Príncipe desde o canto da rua da Paz até a rua Sete de Setembro achava-se primorosamente embandeirada e ornada com cestões de flores e verduras, e à noite esteve iluminada, assim como várias casas de outras ruas" 138.

O jornal "O Correio da Tarde" em 1884 fez uma denúncia grave à falta de interesse do povo em ornamentar suas ruas e casas durante os dias de carnaval.

O maior desfrutante de tais festejos é o povo, para agradar ao qual fazem as sociedades o sacrifício, de que a cabamos de dar testemunho.

Se quiséssemos, porém, ajuizar de um carnaval pelo esforço público para receber os bandos, não passaríamos da primeira linha, que tentaremos descrever. Nem uma palmeira, nem uma ban-deira, um galhardete, qualquer coisa enfim que denunciasse a passagem dos grupos carnavalescos. Pode-se contar as casas, que assistiram a passagem dos celebrantes de Momo com fogos de bengala!

Nem uma comissão foi nomeada para o enfeite das ruas, mais que isso, tendo chovido muito antes e durante a segun-da-feira do carnaval, nem as poças d'águas fronteiras as casas dos moradores mandaram atulhar!

Ora, este abandono, esta negligência serve sim para atestar que a nossa população não está ainda na altura de tão grandes esforços 139.

As ruas da capital por onde passariam as sociedades carnavalescas, em 1886, estavam mal conservadas. Pela primeira

138 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

139 Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 49, 29 fev. 1884.

vez, aparece um apelo da imprensa à Câmara Municipal para tomar providências no sentido de consertá-las, não depositando esta responsabilidade à população, como era de costume.

Os pontos das ruas que necessitam reparos, e nós tomamos o incômodo de indicar alguns:

Rua do Príncipe: junto à loja da Âncora (esquina) junto ao clube alemão (esquina).

Rua do Senado: ao voltar para a travessa Sete de Setembro.

Rua Trajano - Praça Barão de Laguna - descida junto à casa tenente-coronel Gama d'Eça, contornando pela frente dos edifícios da Tesouraria, quartel de polícia até a cadeia.

No areão os trilhos que impedem a passagem de carros.

Afora outros pontos¹⁴⁰.

"Apesar de tudo, continuavam as ruas pessimamente aparelhadas, mal empedradas, desniveladas, sem qualquer conservação" ¹⁴¹.

Quanto à iluminação, "salvo nas noites de plenilúcio ou numa qualquer outra noite festiva, quando a Câmara pedia aos moradores que iluminassem as fachadas das suas moradas e ela própria, a troca de 800 a 900 réis, mandavam iluminar alguns logradouros públicos, de preferência a Praça" ¹⁴².

Era criticada também a demora e repetição dos passeios das sociedades, que além de se tornarem cansativos para quem assistia e participava torna-se mais oneroso. Sugerindo mudanças nos programas carnavalescos.

¹⁴⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 51, 5 mar. 1886.

¹⁴¹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 142.

¹⁴² Ibid., p. 152.

Pensamos que todos o carros de dois dias não deviam sair nessa ocasião, e sim, simplesmente, os mácaras a pé, ou de carro, seguidos do carro significativo apenas, ainda assim, o trajeto devendo limitar-se à praça.

E a razão é fácil de compreender.

Esse passeio noturno pelas mesmas ruas que percorrem o grupo, à tarde, só tem a vantagem de onerar as sociedades de folgarem, de dançarem à noite.

Sobretudo: carecem as sociedades de modificar os seus planos carnavalescos; que estão já grandes de mais e talvez superiores às forças da terra ¹⁴³.

Ainda sobre o controle exercido pelos jornais, eles sentiam-se no papel de apaziguadores das sociedades carnavalescas. Sentiam-se na obrigação de acalmá-las com relação as suas rivalidades, principalmente entre a "Bons Arcanjos" e a "Diabo a Quatro".

Em 1880, o jornal "A Regeneração" tenta impor a moral nas rixas carnavalescas.

Combatam, mas como Ajaz e Heitor, brinquem, mas como Romualdo e Monte, em cada sociedade confraternizem-se os sócios e entre ambas atem-se os nós da fraternidade: que união é força, - é vida, é luz: separação é fraqueza, é morte, é escuridão. O que desejamos é a prosperidade de ambos ¹⁴⁴.

O "Jornal do Commercio" no mesmo ano afirma que "embora" a rivalidade que há entre as duas sociedades, não é de admirar, atenta a índole pacífica do povo catarinense ¹⁴⁵.

143 Jornal CORREIO DA TARDE. Desterro, n. 49, 29 fev. 1884.

144 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

145 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 1, 19 fev. 1880.

O mesmo jornal em 1881, refere-se novamente à rivalidade vergonhosa das suas sociedades carnavalescas, e também dá sugestões em relação ao sistema de cobranças destas sociedades, que deveriam passar de mensal para anual.

Seria bom que desaparecesse a rivalidade que existe entre as duas sociedades.

Não desejamos que se unam mas também não achamos airoso que se hostilizem. Se por qualquer motivo não podem ser amigos levem a sua generosidade ao ponto de serem indiferentes uma a outra.

Não é necessário que se critiquem e tentem desmoralizar-se mutuamente, quando há tanta coisa que se presta a crítica.

Se hostilizando conseguiram ambas brilhar, se não se hostilizassem muito mais conseguiriam.

Não apertem as mãos, mas cumprimentem-se.

Organizem-se em regra, cobrem com regularidade as mensalidades dos sócios e para o ano futuro terão quantia mais que suficiente para festejar o carnaval com maior luxo e brilhantismo.

O sistema de esperarem que se aproxime o carnaval para procederem às cobranças é péssimo, porque muitos poderiam concorrer mensalmente com dois, três ou quatro mil réis, não podem dar de uma só vez quinze ou vinte réis, vendo-se isso forçados a despedir-se das sociedades como a não poucos sucedeu este ano¹⁴⁶.

Como se vê, o divertimento carnavalesco era controlado e reprimido. Sente-se uma ação da lei através das autoridades policiais e mesmo da Câmara Municipal, através da elaboração destas.

¹⁴⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 48, 3 mar. 1881.

Se existiam leis para tal, é porque realmente nem sempre estes divertimentos eram bem aceitos.

Percebe-se que estas repressões legais por parte das autoridades competentes, se faziam por necessidade da própria população, ou melhor, de uma parcela dela, que exigia uma ação mais específica no sentido de frear os atos humanos durante os festejos, e moldá-los aos seus ideais.

Pela imprensa da época, aparecem muitos apelos para que a lei fosse eficaz. E o entrudo novamente vai ser o mais combatido.

A repressão era manipulada por uma minoria, que usava a polícia como meio de servir aos seus interesses.

Até mesmo nas entidades particulares como nas sociedades carnavalescas, havia um controle intenso dos seus associados, sendo os programas carnavalescos recheados de normas rígidas que deveriam ser cumpridas à risca. A ação de manipulação abrangia as máscaras, as vestes, as danças, enfim, todo comportamento dentro dos padrões da moral e bons costumes.

O controle sobre os mascarados era feito em ação conjunta da polícia e da própria diretoria das sociedades carnavalescas. Era uma forma muito eficaz de verificar os atos de qualquer indivíduo mascarado, pois este poderia ser identificado a qualquer momento, tirando deste, uma parcela de liberdade para brincar o carnaval.

Pelo que foi visto, os conflitos e incidentes identificados no período carnavalesco estudado, não foram muitos e nem trouxeram graves consequências.

Alguns podem até ser denominados cômicos. Porém, não

apareceu nenhum incidente mais grave.

Conclui-se portanto, que o carnaval desterrense no século XIX não era violento, apesar de existir todo um sistema representativo sob suas atividades*.

2.2. - POSICIONAMENTO DA IGREJA CATÓLICA

Conforme já foi tratado, anteriormente, a Igreja Católica na Idade Média, como não conseguiu acabar com o carnaval, aturou-o e disciplinou-o.

Acredita-se que no século XIX a Igreja, em Nossa Senhora do Desterro, não recebia grande controle da administração eclesiástica superior. E, esta por sua vez, estava influenciada por idéias liberais, não se notando interferência dela, nos divertimentos do povo, principalmente no carnaval.

* VIANNA, Hildegardes., op. cit., p. 287.

Comparando-se o carnaval desterrense com o baiano do século passado, se verá que o primeiro era bem mais pacífico que o segundo, como mostra o texto a seguir:

"A mascarada do teatro público, por exemplo, era sempre morna nos dois primeiros dias, mas esquentava no último devido à grande concorrência. A saída dos mascarados, após o baile, excitados pela dança e pela bebida, constituía motivo para muito 'Aqui de Rei' por parte de incautos retardatários. Na manhã seguinte(...), ainda se podia encontrar muito vestígio desses desatinos; máscaras rotas, pedaços de fantasias ou manchas de sangue. As mulheres eram maltratadas de tal feito que muitas precisavam guardar o leito depois do carnaval".

Talvez porque o carnaval desterrense era um acontecimento elitista, dentro dos padrões de um bom comportamento social, a Igreja não se opunha publicamente.

Deixando uma lacuna nas hipóteses e dúvidas iniciais, nada foi encontrado em relação à opinião da Igreja sobre o carnaval.

Acha-se que realmente na época, pouco interferia neste tipo de divertimento popular.

Caso tenha se manifestado contra ou a favor, foi com tão pouca intensidade que não se fez sentir, ou pelo menos registrar.

Para se ter uma idéia do pouco caso que se dava à ligação da religião a este evento, no ano de 1885, devido à chuva e vento sul nos três dias de carnaval, os festejos foram transferidos para o primeiro dia da quaresma, sendo concedida licença pela autoridade competente. Este procedimento causou indignação a alguns "espíritos religiosos"¹⁴⁷.

3. - INFLUÊNCIA EXTERNA NO CARNAVAL

O Brasil a exemplo dos novos países, sofria enorme influência dos países mais desenvolvidos da Europa. Tudo que se fazia lá, imitava-se aqui. Da mesma maneira, Desterro tentava copiar tudo que acontecia na corte, em matéria de divertimento. E está claro que a grande difusão dos costumes do Rio e Europa

¹⁴⁷ JORNAL O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.

era feita com sensacionalismo pela imprensa, tanto local, quanto da corte*.

A influência dos divertimentos da corte em Desterro, era tão grande, que esta passou a ser modelo ideal de carnaval.

Aparecem nos jornais desterrenses, do século XIX, muitos artigos descrevendo como se passavam os dias de carnaval no Rio de Janeiro e Petrópolis, tentando sempre de uma maneira ou de outra, mostrar à população, como deveriam ser os dias carnavalescos na província. Faziam comparações a fim de igualá-lo ao da corte e a países europeus. Prova disto é a seguinte reportagem que cotejou o carnaval carioca e europeu com o desterrense, usando termos poéticos, rebuscados, tornando o carnaval de fora um modelo a ser copiado.

Os festejos dos três dias de loucura, tiveram lugar nesta capital, sem pompa das grandes e ricas cidades, mas com a descência possível e natural de um povo civilizado, que procura em inocentes distrações, vingar-se do tédio da vida monótona que constantemente sofre, pela deficiência de meios que lhe proíbe o gozo dos grandes divertimentos próprios da corte¹⁴⁸.

Assim, têm-se mais um exemplo desta tentativa de igualar-se aos demais. "Embora pequeninos, queremos parecer grandes e desejamos que se diga - O Carnaval de Santa Catarina - assim como se diz - O Carnaval de Veneza, de Roma, de Paris, do Rio de

* VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes., op. cit., p. 72.

A imprensa de São Paulo também apontava os carnavais europeu e carioca como modelo para o paulistano. •

¹⁴⁸ Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

Janeiro. As conseqüências é que são elas ¹⁴⁹.

A imprensa compara e felicita o carnaval desterrense. "A capital da província de Santa Catarina já pode ufanar-se de que caminha na vanguarda da civilização, e dizer às suas irmãs do norte que aqui o carnaval de 1882 rasgou novos horizontes, surgindo radiante de vida e animação" ¹⁵⁰.

Nota-se novamente a preocupação da comparação e competição deste carnaval com as demais capitais do país. "Não há no Brasil cinco capitais de província que possam competir com estas nas festas consagradas ao rubicundo deus Momo! Seja esta a cora que orne os vossos pavilhões ovantes e gloriosos" ¹⁵¹.

Sente-se a necessidade de afirmação de que o carnaval desterrense encontra-se ao lado dos melhores e mais civilizados do país.

Terminaram os folguedos carnavalescos. A distinta mocidade desterrense ainda uma vez acaba de provar que, apesar de nascida em uma província que não ocupa um dos primeiros lugares entre as suas irmãs, marcha contudo ao lado dos filhos das mais importantes no caminho da civilização ¹⁵².

Mais uma vez aparece o interesse em demonstrar além das fronteiras da Província, o luxo e o requinte deste carnaval. "O estrangeiro que saltasse em nossa capital no domingo ou terça-feira de carna-

¹⁴⁹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

¹⁵⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

¹⁵¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 fev. 1883.

¹⁵² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 43, 24 fev. 1882.

val, retirando-se em seguida, iria fazendo de nós uma idéia muito lisonjeira, supondo-nos uma população rica e de muito bom gosto"¹⁵³

Assim eram publicados os artigos referentes a países europeus na tentativa de mostrar uma cultura avançada e superior, a ser transplanteda na nossa sociedade provincial.

Os bailes a caráter formam um dos principais divertimentos do mundo elegante, França, Espanha, Itália, Portugal, e nos outros adiantados países.

Em Londres ainda não há muito, os jornais noticiaram o grande baile à fantasia dado nos salões de Hanover-Square, no qual sobresairão a Condessa de Jersey, as Duquezas de Manchester, de Willington, e de outras fidalgas ¹⁵⁴.

Nice ainda costuma festejar o carnaval com a pompa dos tempos antigos (...) cidade iluminada, salvas de artilharias, fogos de artifícios, passeatas, passeio dos ingleses, grande carro de gala, batalha de flores, quermesse, curso carnavalesco, curso à noite flambeaus, baile na câmara municipal, desfile de préstitos, distribuição de prêmios de honra, espetáculos em todos os teatros ¹⁵⁵.

A preocupação também de informar sobre a decorrência do carnaval, abrangia localidades mais próximas da província como: Paranaguá no Paraná ¹⁵⁶, no Rio Grande no Rio Grande do Sul e outras ¹⁵⁷.

¹⁵³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.

¹⁵⁴ Jornal O CRUZEIRO DO SUL. Desterro, n. 182, 29 jan. 1860.

¹⁵⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 285, 7 fev. 1888.

¹⁵⁶ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 42, 24 mar. 1855.

¹⁵⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 31, 11 fev. 1883.

Encontra-se também referências ao carnaval de São Paulo, Recife, Buenos Aires e Montevideu ¹⁵⁸.

Da própria Província de Santa Catarina, foram citadas: Itajaí ¹⁵⁹, São José e Laguna ¹⁶⁰.

Laguna aparece sendo comparada com Desterro, como forma de instigar a rivalidade entre ambas, demonstrando ser o carnaval lagunense mais animado e melhor que o da capital.

Quem vem da mimosa cidade do Desterro para a Laguna, quem vê a grandeza d'aquela e a pequenez proporcional desta, quem conhece o número de homens ricos do delicioso Eden e o limitado da ex-cidade Juliana, quem compara a mocidade desterrense, quem aprecia todas estas coisas, dizemos, fica por força admirado como eu da influência que aqui se vê no carnaval, muito superior a nossa ainda de 1860, 1861 e 1862! ¹⁶¹

É visto que as inovações no carnaval desterrense tiveram toda uma influência externa, esta apoiada e divulgada pela imprensa, pois quanto mais próximo do carnaval carioca e europeu, mais luxuoso e requintado seria, tornando-se assim mais digno de um povo civilizado.

¹⁵⁸ Jornal A REPÚBLICA. Desterro, n. 41, 20 fev. 1896.

¹⁵⁹ Ibid.

¹⁶⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

¹⁶¹ Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 7, 17 set. 1870.

4. CARNAVAL COMO MEIO DE CRÍTICA E SÁTIRA

O carnaval desterrense possuía um aspecto muito peculiar, à sátira e à crítica. Era o chiste a certos acontecimentos da época, o que o tornava divertido aos olhos do povo.

A imprensa também manifestava sua opinião, nada imparcial, relativa às sátiras e críticas apresentadas pelas sociedades carnavalescas no decorrer de suas aparições públicas.

A política, era a mais criticada, começando a partir de 1882. Neste ano vai-se encontrar nos carros alegóricos das sociedades carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos", referências a acontecimentos políticos.

A "Diabo a Quatro" fez alusão à mudança da capital para Lages, idéia debatida inflamadamente pela Assembléia Provincial. Carros alegóricos representavam três edifícios do governo, a Assembléia Provincial e o Tesouro Provincial. Seguiam-se dois cavaleiros preparados para a viagem, simbolizando os funcionários públicos da capital. Famílias e estudantes despediam-se tragicamente de seus amigos e familiares, contrariados e aborrecidos, lamentando a sua dura sorte. Um outro carro conduzia quatro viúvos lastimando chorosamente a falta dos restos mortais de suas companheiras a jazerem nos cemitérios da antiga capital, representados por 4 pesos de 500 Kg depositos sobre uma essa.

Uma magérrima vaca, com o úbere esgotado ordenhada por um rapaz ávido e insaciável, demonstrava o estado precário das finanças da província e um grande número de pessoas com aspirações a cargos públicos.

A "Bons Arcanjos", mostrava o Porto de Imbituba, que se achava destinado a principal escoador da Estrada de Ferro Do

na Tereza Cristina, salientando os constantes naufrágios de navios que ali se encontravam ancorados. Sobressaindo-se a discussão travada entre o Visconde de Barbacena e o representante da companhia de seguro contra a perda destes navios ¹⁶².

Em 1883 a "Bons Arcanjos", apresentara os partidos Conservador, Liberal e Republicano, que iam falando ao povo, ser vindo de tribuna a boca, as orelhas e uma enorme cabeça política. Uma imensa panela, caracterizando a Câmara Municipal contendo grande quantidade de papéis da emigração do Vaticano.

A "Diabo a Quatro" satirizou os partidos Conservador e Liberal, representados por dois velhos segurando a sua coluna, ambas arruinadas, questionando sobre os princípios de seus parti dos. Significando a república minúscula, agarrada à árvore da liberdade. Simbolizando o aniquilamento do país, com dois caste los em ruínas, sendo cada qual o partido político Liberal e Conservador, cujos destroços formavam o partido Republicano. E a extinção de Jaguaruna ¹⁶³.

¹⁶² Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.976, 25 fev. 1882.
 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 41, 21 fev. 1882.
 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 43, 24 fev. 1882.
 JORNAL A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 14, 23 fev. 1882.

¹⁶³ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.070, 10 fev. 1883.
 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

Em 1884 a "Diabo a Quatro", caracterizou alguns elementos da Assembléia Provincial; o fiscal municipal e o descontentamento das árvores; a sociedade abolicionista, que só conseguia dar liberdade aos escravos depois da sua morte; a discussão entre as cidades do Desterro e São Francisco, com as respectivas plantas de seus portos, para ver qual conseguiria a preferência como ponto de partida da Estrada de Ferro D. Pedro I; as senhoras idosas de Jaguaruna, satisfeitas e eufóricas com a decisão da Assembléia da não-extinção daquela freguesia.

A "Bons Arcanjos", criticara a intensa propaganda do café, com uma imensa "cafeteira-monstro". A gangorra liberal e no centro o Imperador. O chefe de estado manipulando, com a chibata, seus subordinados diretos, representando-os com cabeça de burro. As pretensões das províncias vizinhas, simbolizadas por um grande queijo, roído por dois ratos.

Em 1885 são satirizados os resultados das eleições diretas, com uma gaiola contendo pássaros, sendo os papagaios do 1º e 2º distritos; a vaidade do embelezamento municipal; o jornalismo em duelo; a rivalidade entre os partidos políticos da província, e a excessiva liberdade dos presos da capital ¹⁶⁴. A "Bons Arcanjos" também mostrara uma questão havida entre o vice-cônsul português e o dono de uma confeitaria, expondo as armas portuguesas ¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.

¹⁶⁵ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.272, 4 fev. 1885.

Em 1886 a "Diabo a Quatro", faz uma apologia ao enfraquecimento da monarquia na América, sendo um fósforo que se acende, mas logo se apaga ¹⁶⁶.

Em 1887 a "Diabo a Quatro", ridicularizava o comando superior da Guarda Nacional, representada por uma casa de roça, dois ou três valentes oficiais, exibindo os seus galões, com seus grandes sacrifícios obtidos nas batalhas (eleitorais). E a Guarda Nacional, com dois gualhardos oficiais ¹⁶⁷.

A "Bons Arcanjos" em 1888, criticava as escavações na Rua da Princesa em que apareciam os operários, um proprietário protestando contra, e a comissão de obras da Câmara Municipal discutindo energicamente sobre tal. Uma coluna triangular onde se exibiam as cabeças de seis ministros rodeando o presidente do conselho que calorosamente discutia. A Assembléia denominada Carambola Provincial. O benefício no circo de cavalinhos em favor dos cofres municipais.

A crítica religiosa era incomum, mas também se deixou registrar. Em 1883, a "Bons Arcanjos" ironizava a emigração dos jesuítas e a aparição de Nossa Senhora de Lourdes. Em 1885 satirizou-se a cobrança do fisco, com a entrada da quaresma ¹⁶⁸.

¹⁶⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 54, 9 mar. 1886.

¹⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 4, 24 fev. 1887.

¹⁶⁸ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 277, 21 fev. 1885.

Em 1861 começaram a aparecer críticas acerca de figuras do cotidiano que se tornaram populares. A "Sociedade Carnavalesca Familiar", mencionou os escritores do "Chaveco", representados por um certo vendedor de melancias muito conhecido do trapiche; outro personagem figurava um libidinoso e glutão enchendo o "pandulho" de mocotós e "forçuras"; um outro era um boleiro fazendo de conta que era um licenciado com duplo diploma; e o último fazia às vezes de escritor ganhador vendo por cem olhos o interesse que lhe dava o progresso dos progressistas ¹⁶⁹.

Em 1870 na rua, um mascarado figurando uma enorme botija onde se liam dísticos satíricos, subentendendo-se referir-se ao Sr. Manoel José de Oliveira ¹⁷⁰.

Em 1882 o Sr. Alfredo D'Escragnolle Taunay, na época deputado à Câmara do Império por Santa Catarina, foi supostamente caricaturado por um oficial do exército ¹⁷¹.

As sociedades carnavalescas, rivais, procuravam insultar-se mutuamente, como foi o caso em 1882 a "Bons Arcanjos", em relação à "Diabo a Quatro".

Seguia-se iluminado o giorno, o carro triunfal, substituída a cadeira do arcanjo por um painel, cujo verso representava o mestre-çuca tendo na mão um leitão assado, à direita copos em cima da mesa, à esquerda um bujão a tocar tambor, debaixo

¹⁶⁹ Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

¹⁷⁰ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 153, 2 fev. 1870.

¹⁷¹ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.

da quadra seguinte:

Os gastrônomos privados.
 Já da suína gordura.
 Suas barrigas consolam.
 Ao menos com tal pintura.

O reverso era um ovo, no qual morre-
 ra um diabo de barreto, frigio, que
 se esforçava para sair da casca, de-
 baixo a seguinte quadra:

O diabo republicano (Oh! que triste
 desventura)
 Buscando surgir da casca.
 Nela encontrará a sepultura ¹⁷².

Manifestavam reflexões aos problemas e às transforma-
 ções do século.

Em 1882 a "Bons Arcanjos" simbolizou o "mundo às
 avessas" com uma rã engolindo uma cobra. A "Diabo a Quatro" fi-
 gurou a indústria, o comércio e as classes sociais. Aparecen-
 do também um painel com a inscrição: "leilão dos heróis de 1882"
 - em que uma figura de mulher era agitada em forma de sino, cuja
 corda era puxada por um padre, terminando com um carro onde iam
 mulheres em fralda.

Em 1884 a "Diabo a Quatro" expôs de maneira cômica, a
 primitiva colonização: a africana, a da época e a futura ¹⁷³.

Em 1885 é apresentada a "atualidade", pela mulher, o
 jogo e o vinho; tendo como resultado a sífilis, o suicídio, o ga-
 lé e o jogador ¹⁷⁴.

Em 1887, satirizava-se a "luz elétrica", na figura
 de uma horrenda velha, preconizando a superioridade da candeia
 sobre a luz elétrica, com um gigantesco candeeiro de quatro bi-

172 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

173 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.177, 1 mar. 1884.

174 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.

cos, ainda da época de seus avós ¹⁷⁵.

Em 1888, a "Bons Arcanjos", criticava os burgos agrícolas, os emigrantes e os abolicionistas ¹⁷⁶. A "Diabo a Quatro" ironizou a indústria ¹⁷⁷.

Salientavam-se problemas referentes à província de Santa Catarina e ao município de Desterro.

Em 1888 a "Diabo a Quatro", fez um chiste à remoção dos professores públicos, intitulada "a dança dos professores"; à agricultura; à guarda dos cavaleiros de ouro; aos quiosques ¹⁷⁸.

Em 1889 a "Sociedade Carnavalesca da Praia de Fora", criticou a saúde pública e a mudança do centro da cidade para a freguesia de S. Sebastião e S.S. Trindade ¹⁷⁹.

Em 1889 são levantadas as questões do pescado e do mercado novo ¹⁸⁰.

A imprensa dava vários predicados para as críticas apresentadas pelas sociedades carnavalescas, tais como: fina ¹⁸¹, es-

175 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 4, 24 fev. 1887.
 176 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 290, 12 fev. 1888.
 177 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.
 178 Ibid.
 179 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 34, 11 fev. 1889.
 180 Jornal O ESTADO. Desterro, n. 260, 24 jan. 1899.
 181 Jornal O CATHARINENSE. Desterro, n. 32, 23 fev. 1861.

pirituosa ¹⁸², inofensiva ¹⁸³, chistosa ¹⁸⁴, de boas idéias e bom gosto dos espíritos delicados ¹⁸⁵; que deveriam ser "fina e boa, mas nunca partindo para a ofensa direta" ¹⁸⁶.

Assim, os jornais apoiavam a sátira e a crítica carnavalesca, mas com ressalvas, que estas fossem moderadas e inofensivas, mas indispensáveis aos festejos.

Sabemos, nós catarinenses, que o carnaval é a crítica em ação, a crítica viva, o ridendo castigal mores. Carnaval sem crítica, é como um clube sem palestra, um crítico sem espírito, uma frota sem bandeira ¹⁸⁷.

O carnaval só se completava com a existência da sátira e da crítica. "A graça e a vida do carnaval não consiste somente no luxo, nas custosas vestes, mas sim, na coleção das idéias felizes, na sátira e na crítica fina e espirituosa" ¹⁸⁸.

As sociedades carnavalescas foram aconselhadas a popularizarem mais as suas críticas a fim de que a maioria das pessoas as pudessem compreendê-las.

Uma sátira em setim e lantejoulas, passa no espírito de uma grande parte do nosso "zé povinho, sem deixar impressão" ¹⁸⁹.

-
- 182 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 14, 25 fev. 1882.
 183 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 43, 24 fev. 1882.
 184 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 48, 28 fev. 1884.
 185 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 36, 15 fev. 1885.
 186 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.871, 19 fev. 1881.
 187 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.975, 22 fev. 1882.
 188 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.
 189 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 29, 9 mar. 1883.

O jornal "A Regeneração" em 1880 publicou um artigo em que define a sátira.

Que são as divinas parábolas de Cristo senão verdadeiras sátiras?

A sátira não o insulto, a grosseria e a insolência; a sátira não é o riso do bobo, não a gargalhada do truão, não a embigada do capoeiro, não os cacos da garrafa dos moleques e dos garotos, não o bacalhau do feitor, não a corda do carrasco, não a faca do assassino! A sátira é já um purgante, já um sinapismo, já um lancetar a espremer de chaga! Pode ser um purgante de sal amargo como as sátiras de Juvenal, Bocage e Macedo, pode ser também uma agradabilíssima li monada de magnésio, como as sátiras de Horácio, Boileau e Tolentino¹⁹⁰.

A crítica e a sátira eram indispensáveis à animação das brincadeiras. As sociedades e a imprensa as incentivavam, pois sem elas os festejos carnavalescos não teriam graça.

Nota-se que o carnaval não era um movimento isolado, apesar de ter no divertimento o seu principal objetivo, ele captava diversas modalidades da vida política, econômica e social do país, mostrando ser algo dinâmico, reflexivo e crítico.

A sociedade ou mesmo uma parcela dela, a elite, através das brincadeiras satíricas tinha poder de criticar ou mesmo demonstrar o seu contentamento ou insatisfação a determinadas circunstâncias da sua época.

Eram fundamentais para o dinamismo do carnaval, sendo o mesmo, considerado uma forma de expansão da inteligência popular. Fazendo a crítica e a sátira, o povo dava um enfoque grotesco aos acontecimentos e às lideranças do país.

190 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 15, 22 fev. 1880.

5. PARTICIPAÇÃO DO ESCRAVO NO CARNAVAL E O ABOLICIONISMO

Como já é sabido, ao negro era vedado uma série de divertimentos, principalmente aqueles ditos "próprios dos brancos".

Na pesquisa efetuada, pouca documentação foi encontrada em relação à participação do negro no carnaval, ou até mesmo sua proibição, o que a princípio, foi algo inesperado.

No tópico anterior "O Entrudo", já se tem uma noção das suas restrições, inclusive ao branco. Mas dentre as punições aos infratores da lei, os escravos eram os mais penalizados; enquanto uma pessoa livre recebia dois dias de cadeia, o escravo recebia seis, ou então deveria ser castigado com 50 açoitadas¹⁹¹.

Mesmo assim, divertiam-se de longe, vendendo os limões -de-cheiro em balaios e tableiros, sendo risonhos espectadores das vítimas encharcadas, muitas vezes seus senhores¹⁹².

Os ajuntamentos para formar danças e batuques, como reisados africanos, também não eram permitidos, sendo duramente punidos¹⁹³.

¹⁹¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província. Postura da Câmara Municipal. 26 jul. 1832. (mss.).

¹⁹² Jornal O ARGOS. Desterro, n. 250, 18 fev. 1858.

¹⁹³ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 92.

Nos bailes das sociedades carnavalescas, de acordo com o regulamento em 1863 da "Sociedade Carnavalesca União Improvisada", era proibida a presença de criados e criadas ¹⁹⁴.

Os escravos que acompanhavam os sócios aos bailes ficavam do lado de fora do salão, sendo óbvio que "se ajuntassem no bate-papo até em cantorias e risadas"¹⁹⁵.

Era proibido aos escravos se mascararem durante os três dias de carnaval, e de acordo com o Edital de Polícia de 1879, estes eram tratados como bandidos. "Fica desde já prevenido que não se passará licença a escravos, suspeitos à polícia" ¹⁹⁶.

Mesmo com toda esta série de restrições, em 1884 aparecem grupos de zé pereiras, formados por adultos, em sua totalidade escravos. Apresentavam-se disfarçados com máscaras ou pinturas no rosto, pobremente vestidos aos farrapos, improvisando instrumentos musicais com latas de querosene ¹⁹⁷.

Apesar das proibições, os escravos davam uma escapada para se divertirem no carnaval, a sua maneira, de acordo com suas possibilidades, arriscando até mesmo a "liberdade" e "integridade física", ao contrário de outras cidades do Bra-

¹⁹⁴ Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 212, 12 fev. 1863.

¹⁹⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 93.

¹⁹⁶ Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 595, 15 fev. 1879.

¹⁹⁷ Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.175, 20 fev. 1884.

sil, onde não havia a proibição da participação negra na festa*.

Mas houveram sociedades carnavalescas no Desterro que defenderam a causa abolicionista.

A primeira sociedade abolicionista do Desterro em 1883, já possuía na sua Diretoria, membros de ambas as sociedades carnavalescas. Germano Wendhausen e José Fialho Filho da "Diabo a Quatro" e Virgílio Várzea da "Bons Arcanjos".

A segunda sociedade abolicionista formou-se em 1884, tendo como orador principal o Sr. José Ramos da Silva Júnior; segundo Vice-Presidente Camilo José de Souza; segundo Secretário Germano Wendhausen, membros da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro". E, primeiro Vice-Presidente Jacinto Pinto da Luz; Procuradores Francisco de Assis Costa e Henrique da Silva Tavares, membros da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos".

Colaboraram, nessa campanha, todas as entidades sociais e recreativas do Desterro de então. Sociedades carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos", dramáticas, "Amadores da Arte" e "Fraternidade Beneficiente" e musical "União Artística".

De 1877 em diante, quase se fundem o "Clube Abolicionista" e a "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro", que realizam uma benemérita tarefa. Em princípios de 1887, quando Germano Wendhausen assumiu a presidência da "Diabo a Quatro" e é coadju-

* ENEIDA. Op. cit., p. 112.

No Rio de Janeiro em 1888 já aparece a "Sociedade Carnavalesca Triunfo dos Cucumbis", o primeiro cordão organizado por negros fantasiados, com instrumentos primitivos, músicas e danças africanas.

vado por Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt, José Alves Portilho Bastos, Raimundo Lorlet e João Custódio Dias Formiga, toma novo e definitivo rumo.

Em junho a "Diabo a Quatro" promoveu um bando precatório em favor da libertação dos escravos, dando mais um passo avante ¹⁹⁸. Obtém a colaboração e adesão das congêneres "Bons Arcanjos", "Críticos", "Silenciosos", Sociedades Recreativas "Clube Doze de Agosto", "Estrela D'Álva" e, Clube Germânia", "Caixa dos Empregados no Comércio", "Liceu de Artes e Ofícios", "Centro Catarinense" do Rio de Janeiro, "Grupo Dramático Doze de Agosto", da "Sociedade Dramática Fraternal Beneficiente". Deram, também a sua solidariedade à Câmara Municipal, o Chefe de Polícia e outros.

Esse bando precatório empolgou a população da capital e por onde ele passou foram feitas demonstrações de solidariedade, recebendo todos que tomaram parte no préstito, auxílios em dinheiro e trabalhos manuais.

No terceiro dia de percurso do bando precatório, recebeu a Diretoria da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" duas cartas de liberdade.

O bazar para a venda das prendas realizou-se em diversos dias do mês de setembro, no "Clube Doze de Agosto".

Remeteram donativos em dinheiro várias entidades e pessoas particulares, entre elas, a "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" 500\$000 foi a que mais arrecadou, e a "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos" coletou 41\$000.

¹⁹⁸ PIAZZA, Walter F. O escravo numa economia minifundiária.

Florianópolis, UDESC, 1977. p. 179-82.

Ao lado da "Diabo a Quatro", a Câmara Municipal se empenha pela luta abolicionista, da qual eram vereadores os Srs. Eliseu Guilherme da Silva, Antônio Carlos Ferreira, João Francisco Duarte Oliveira, Arthur Satiro Izetti, Gustavo Richard e Francisco Firmo de Oliveira.

No dia 2 de fevereiro, na mencionada Câmara, realizou-se uma sessão solene para entrega de 42 cartas de liberdade adquiridas pela "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" com o produto do bando precatório e o bazar ¹⁹⁹.

Tal foi o trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal e pela "Diabo a Quatro", que, em poucos dias foram libertos os últimos escravos existentes na capital, porém, a completa abolição da escravatura na Província, deu-se somente a 13 de maio de 1888.

A 23 de março, foram alforriados os últimos escravos do Desterro, que no dia 25 receberam as respectivas cartas.

As cartas de alforria eram entregues com solenidades pela "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro", onde todos os associados e a população em geral eram convidados a comparecerem.

Tal influência teve a "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" na luta à libertação dos escravos, que mereceu por parte da Câmara Municipal do Desterro o título de Benemérita.

¹⁹⁹ BLUM, Heitor. A campanha abolicionista na antiga Desterro: subsídio para a história da campanha abolicionista da província de Santa Catarina. Florianópolis, IHGSC, 1939, p.41.

A diretoria da Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro, no dia 2 de fevereiro, data da Padroeira desta Capital, a 1 hora da tarde, fará entrega das cartas de liberdade em plena sessão que será publicada nos Salões da Câmara Municipal, cedido para esse fim por essa corporação. Convida portanto todos os Ilmos Srs. e Exmas Sras. a todas as sociedades e mais corporações que quiserem honrar este ato com sua presença; assim como convida também e faz os mais firmes votos para que compareçam a essa festa dos livres todos os distintos oradores e todas as inteligências que podem e se devem manifestar com a palavra ardente e entusiástica, em tão importante e humanitário assunto. A Sociedade Diabo a Quatro faz ainda um apelo aos senhores para concederem liberdade em nome da honra e do caráter desses mesmos senhores, a seus escravizados até esse dia a fim de sermos possível anunciar, como num estandarte de glória e de triunfo.

A capital está livre de tão degradante e vergonhosa instituição.

O presente convite é dirigido a toda população desterrense, sem distinção de classe, da qual a Sociedade Diabo a Quatro espera toda a consideração, comparecendo à sessão somente que vem de anunciar²⁰⁰.

No baile de carnaval de 1888, da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro", estava exposto o estandarte da sociedade coroado por uma grinalda de flores naturais, oferecida pelos escravos libertos pela mesma sociedade²⁰¹.

No baile de 1889, "mais uma vez foram lembrados os serviços prestados à causa da abolição pela brilhante sociedade, ser

²⁰⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 279, 29 jan. 1888.

²⁰¹ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 292, 16 fev. 1888.

viços que lhe valeram o título de benemérita confirmado pela Câmara Municipal desta capital" ²⁰².

Efetuuou-se domingo em o vasto e esplêndido salão do Teatro Santa Isabel, um grande e magnífico sarau, da do pela entusiasta sociedade carnavalesca Diabo a Quatro. Essa sociedade, que galharda e triunfantemente já conta 11 anos de brilhante existência, e que mereceu da Câmara Municipal desta capital, o título de Benemérita, pelo honroso fato de tomar a peito com afinço e democraticamente nobre humanitária causa que produziu o 13 de Maio²⁰³.

O diretor da "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro", Germano Wendhausen, foi um homem de grande idealismo, que lutou ferrenhamente para a abolição da escravatura em Santa Catarina. Além de pessoa altamente esclarecida, era talvez o folião mais animado da sociedade, contribuindo grandemente para que se pudes se comemorar, no dia 13 de Maio, o dia da abolição. Nada mais justo do que o baile em sua homenagem oferecido pela "Diabo a Quatro", no dia 13 de maio de 1891.

Com o importantíssimo serviço que entre nós prestou, arrancando das senzalas os escravos fazer deles homens livres, oferecerá no dia 13 de maio próximo um grande baile ao seu digno Diretor Germano Wendhausen, o valente chefe abolicionista catariense ²⁰⁴.

Até mesmo Cruz e Souza se manifestou aplaudindo a nobre causa da dita sociedade.

²⁰² JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 17, 12 mar. 1889.

²⁰³ Jornal POLYANTEA. Desterro, n. 3, 17 mar. 1889.

²⁰⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 53, 23 abr. 1891.

Eu faço significar, com toda lealdade, o meu aplauso a essa estimável corporação e ponho ao seu dispor e ao dispor da bela causa dos tristes, não só a minha insignificante pena, não só o meu pequenino préstimo intelectual, mas todo o meu coração de patrício, que é, para estes casos, o principal fator absoluto, aberto como um estandarte de paz e de democracia²⁰⁵.

O movimento abolicionista era encarado pela imprensa como progressista, o que originou artigos jornalísticos felicitando o seu diretor e a sua causa, que tanto contribuiu ao desenvolvimento catarinense.

Digno Diretor Germano Wendhausen, o valente chefe abolicionista, catarinense. Louvamos desde já o procedimento de tão heróica falange e fazemos votos pelo deslumbramento de tão significativa prova de apreço e admiração àquele cidadão, que sempre foi devotado às boas idéias ao progresso de sua terra natal²⁰⁶.

O tema da abolição introduzido nos desfiles carnavalescos foi imensamente elogiado e classificado como civilizador.

Não podia haver pensamento mais elevado e nobre do que este, pois a idéia de extinção do elemento servil é o grandioso problema agitando o seio da sociedade brasileira, e cuja realização não só trará como consequência a substituição do braço escravo pelo braço livre, como ainda o progresso e a grandesa moral e intelectual do país²⁰⁷.

²⁰⁵ Jornal DIÁRIO CATARINENSE. Fpolis, n. 34, 11 jan. 1988.

²⁰⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 53, 23 abr. 1981.

²⁰⁷ Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 9, 4 fev. 1883.

A "Diabo a Quatro", tornou-se uma espécie de sociedade com fins de divertimento e filantropia, alcançando âmbito social e político na capital da Província de Santa Catarina. Tornou-se a líder no Desterro, do movimento de emancipação do escravo.

Chegou a tal atividade abolicionista, por entusiasmo e iniciativa de seu Diretor Germano Wendhausen, que demonstrou ter um pensamento de vanguarda e de transformação social.

Apesar de que todo esse movimento abolicionista tenha partido destas sociedades carnavalescas, não se tem notícias do ingresso de ex-escravos nas mesmas.

Mesmo com a abolição em 1888, o ex-escravo continuou a ocupar a mesma posição social; as instituições os libertaram, mas o preconceito e a segregação continuaram. Houve uma demora na integração negra à sociedade branca, isto se refletiu no retardamento da influência negra (música e dança), no carnaval desterrense. Por isso o carnaval de Florianópolis se manteve intato, dentro dos moldes europeus, até começos do século XX.

6. - TEMPOS DE MONOTONIA

Vários fatores influenciavam na animação dos festejos carnavalescos.

O tempo era um deles. Muitas vezes a chuva, se não impedia, pelo menos atrapalhava o carnaval de rua.

No ano de 1860, apenas no domingo à tarde quando abriu o sol, os mascarados puderam percorrer as ruas da cidade ²⁰⁸.

208 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 559, 21 fev. 1860.

Na segunda-feira de carnaval de 1879, os mascarados e as sociedades não puderam fazer seus passeios noturnos, em consequência das chuvas ²⁰⁹.

Mesmo com as chuvas inoportunas de 1882, os festejos momescos voltaram a brilhar ²¹⁰.

Por interferência da chuva e do vento sul, o carnaval do ano de 1885 foi transferido para o primeiro dia da quaresma, "o que de certo modo incorreu nas censuras de alguns espíritos religiosos, por verem nessa deliberação um menos caso ou desrespeito à religião do Estado" ²¹¹.

Até mesmo a falta de ânimo da política nacional refletiu-se na monotonia carnavalesca em 1874 ²¹².

Por vários motivos não identificados, tem-se uma relação de denominações e desânimo do carnaval no decorrer dos anos:

1865 "sem nenhuma animação" ²¹³

1872 "tem sido muito frio" ²¹⁴

1874 "monótono" ²¹⁵

1877 "indiferente" ²¹⁶

1889 "queda na animação" ²¹⁷

209 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

210 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 41, 21 fev. 1882.

211 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 2.277, 21 fev. 1885.

212 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 553, 26 fev. 1874.

213 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 224, 7 mar. 1865.

214 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 944, 13 fev. 1872.

215 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 553, 26 fev. 1874.

216 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 401, 17 fev. 1877.

217 Jornal O CONSERVADOR. Desterro, n. 34, 11 fev. 1889.

Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.768, 18 fev. 1889.
JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 11, 3 mar. 1889.

1891 "quase completa monotonia" 218

e, em 1878, tem-se o seguinte relato:

Nunca em nossa terra presenciámos uma festa carnavalesca como a deste ano. Reinava a indiferença em todos os ângulos da cidade. A flor da mocidade desterrense que podia muito bem promover-nos um agradável passatempo circulava pelo largo do Palácio, ponto de reunião, para apreciar o quê?

O sujo, isolado caminhando ao som de uma caixa de rufo, tocada por ele mesmo e no seu modo de pensar coisa digna de ser apreciada. Um indivíduo de dominó, imitando Diógenes, com uma lanterna apagada um letreiro se lia: Diógenes, procura uma cabeça. Não teve espírito, porque Diógenes, não procurava uma cabeça, mas sim um homem 219.

7. - OS MASCARADOS

O uso de máscaras foi introduzido no Rio de Janeiro, por tanto no Brasil, em 1834, por influência francesa 220.

Os mascarados eram indivíduos isolados ou em grupos que se apresentavam nos bailes de carnaval ou nas ruas, com máscaras. Inspiravam-se no carnaval europeu.

As máscaras apareciam de várias maneiras.

Os elementos das sociedades carnavalescas de maior poder aquisitivo apresentavam-se com máscaras luxuosas, de modelos

218 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 290, 12 fev. 1891.

219 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 947, 7 mar. 1878.

220 ENEIDA. Op. cit., p. 110

requintados, geralmente importadas.

Os participantes dos zé-pereiras, apresentavam-se com máscaras mais humildes.

O povo apesar de sem recursos não deixava de brincar na folia com criatividade, mesmo sujo e maltrapilho, representando monstros diabólicos ou caricaturas.

O uso de máscaras permitia brincadeiras pesadas, pois a pessoa fica por detrás, incógnita, possibilitando atitudes mais ousadas e frases acintosas, surgindo um determinado jogo de perguntas indiscretas, chamado "Você me conhece?".

Não sei se anteriormente os mascarados se aproveitaram da ocasião de não serem reconhecidos para colocar "os podres" dos amigos de fora(...)E se andavam a fazer gestos indecentes pelas ruas, quebrando os padrões tradicionais da moral e dos bons costumes. Acho a coisa um pouco forte. Em todo caso, vá lá que um ou outro os fizesse 221.

Em 1885 é mencionada a brincadeira do "Você me conhece?" como algo indesejável.

Há na cidade uma grande expansão alegre, um movimento desusado. O mascarado percorre as ruas solta do dito picante, ou o desenxabido. Você me conhece? E saltando a troçar lá vai fustigando o ridículo atirando a pilheria o deus dos rapazes e daqueles que ainda sabem rir 222.

221 CABRAL, Oswaldo Rodrigues., op. cit., p. 223.

222 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 36, 15 fev. 1885.

Como foi visto em "O Carnaval e os Bons Costumes", para evitar excessos havia um rígido controle policial que só permitia o uso de máscaras a indivíduos que possuíam senhas autorizadas pela polícia. Os mascarados não-autorizados, se descobertos, recebiam reprimendas, chegando até mesmo a serem punidos.

No ano de 1858 já apareciam ranchos de mascarados compostos por jovens elegantemente vestidos, que desfilavam ao som da música marcial, chamando a população a chegar às portas e janelas de suas habitações, a fim de assistir àquele espetáculo ²²³. No ano seguinte repetiu-se o evento da mesma forma ²²⁴.

Em 1871 se faz referência ao declínio do carnaval, sendo que apenas "um ou outro máscara mais decentemente trajado, que se apresentou" ²²⁵.

O jornal "A Regeneração" mencionou em 1874 o luxo dos mascarados de tempos atrás.

"Outrora as ruas enchião-se de bando ricamente adornados, e de espirituosas máscaras que sabiam deliciosamente divertir as famílias(...)" ²²⁶

As máscaras luxuosas é que tinham valor para a imprensa. "Não houve carnaval, meia-dúzia de meninos e homens grotescamente trajados com vestuários antigos e esfarrapados, salvo um ou outro

223 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 559, 21 fev. 1860.

224 Jornal O ARGOS. Desterro, n. 414, 11 mar. 1859.

225 Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 30, 25 fev. 1871.

226 Jornal A REGENERAÇÃO. Desterro, n. 553, 26 fev. 1874.

mais decentemente, digo, vestidos foram os máscaras que se apresentaram este ano" ²²⁷.

O uso de máscaras toma novo impulso em 1879, em que "grande número de máscaras avulsos percorreram as ruas e praças da cidade, uns a pé, outros de carro, e alguns ricamente vestidos. Dentre estes sobressaíram dois que andavam em um carro elegantemente preparado e que se dirigião ao povo por meio de um porta-voz como se usa no Rio e em outras grandes cidades, nos festejos deste gênero" ²²⁸.

Há um declínio neste tipo de divertimento em 1891, em que aparecem "alguns mascarados sem graça" ²²⁹. E, finalmente, em 1893 apenas poucos se manifestaram ²³⁰.

8. - PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA

Pouca notícia foi encontrada referente à criança no carnaval.

De acordo com a "Sociedade Carnaval União Improvisada" em 1863, só poderiam ser admitidos aos bailes, crianças "que pudessem dançar" ²³¹.

É difícil identificar a idade da criança para estar apta a dançar. Na época uma menina de 11 anos já era considerada moça não mais recebendo a denominação de criança, participando livre-

227 Jornal O CACIQUE. Desterro, n. 30, 25 fev. 1871.

228 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.668, 28 fev. 1879.

229 JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, n. 288, 10 fev. 1891.

230 Jornal O ESTADO. Desterro, n. 81, 14 fev. 1893.

231 Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 212, 12 fev. 1863.

mente das atividades sociais ²³².

Ter-se-á, também, referências às crianças no carnaval de rua.

Primeiramente no entrudo, como já fora exposto, participavam pessoas de todas as idades, incluindo crianças.

Em 1877, observa-se o aparecimento de crianças mascaradas "sem espírito", podendo ser máscaras sem graça, sem expressão ²³³.

E novamente se tem notícia em 1884 de grupos compostos de crianças, em atordoantes zé pereiras, que saíam às ruas com outros grupos de escravos até altas horas da noite, causando incômodo à população. Eram zé pereiras pobres, sem luxo, blocos de sujeitos mascarados e pintados. Provavelmente estas crianças pertenciam a uma classe social mais humilde, pois como foi visto acima, as crianças pertencentes à elite, participavam do carnaval de clube.

As festividades carnavalescas chegavam até mesmo a influenciar o andamento normal do período escolar em que as crianças frequentavam.

Em 1869 as aulas do Colégio S.S. Salvador foram interrompidas durante aqueles dias ²³⁴.

As escolas públicas em 1881 também suspenderam suas aulas até a quarta-feira de cinza ²³⁵.

232 Jornal MERCÚRIO. Desterro, n. 8, 14 mar. 1886.

233 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 40, 16 fev. 1877.

234 Jornal O MERCANTIL. Desterro, n. 804, 28 jan. 1869.

235 Jornal O DESPERTADOR. Desterro, n. 1.874, 2 mar. 1881.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Devido à pobreza documental do carnaval desterrense no século XIX, enfrentou-se grandes dificuldades em enfocar um retrato mais amplo do evento.

Entretanto, como se viu, a pesquisa do carnaval de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, foi de grande importância e utilidade, pois além de recuperar o passado do divertimento em si, possibilitou a ampliação de um leque de conhecimentos a respeito da sociedade desterrense, da época.

O carnaval não se resumia apenas a um destaque do calendário anual, mas algo mais complexo.

No século XIX ainda existia o entrudo, que era um resquício do carnaval lusitano fortemente enraizado, que perdurou durante todo o período, mesmo com as muitas tentativas de discipliná-lo e extingui-lo. Este divertimento foi o que mais sofreu com a repressão ideológica e legal.

Para a imprensa da época o entrudo não era considerado carnaval, mas algo retrógrado. O carnaval ideal era aquele com características ítalo-francesas, considerado progressista e civilizado.

Em suma, o carnaval deste século XIX, era um carnaval transplantado aos moldes europeus, com poucas características nacionais; ainda não era um carnaval propriamente brasileiro.

Nossa Senhora do Desterro estava dentro do contexto nacional e internacional. A corte recebia influências européias, e a cidade, por sua vez, recebia influências da corte.

A imprensa muito contribuiu para a difusão das festas carnavalescas da Europa e do Rio de Janeiro, como modelos ideais de divertimento para a capital da Província de Santa Catarina.

Um dos elementos carnavalescos que estava de acordo com esses moldes eram as sociedades carnavalescas, que foram criadas com o objetivo de substituírem o entrudo.

Em 41 anos apareceram 34 sociedades carnavalescas, todas de pouca duração. As que mais se destacaram foram as sociedades carnavalescas "Diabo a Quatro" e "Bons Arcanjos".

Essas sociedades eram bem organizadas, suas festividades dividiam-se em clube fechado e desfiles de rua. Porém, suas atividades requeriam muitos gastos, por isso apenas uma parcela da população, com melhores condições financeiras, podia delas participar.

As diretorias eram compostas de pessoas influentes, como políticos, militares, profissionais liberais, artistas, escritores, jornalistas e comerciantes.

Apesar da grande participação de políticos, as sociedades carnavalescas não tinham uma uniformidade partidária, pois havia na mesma sociedade indivíduos de partidos com tendências políticas diversas.

As atividades das sociedades carnavalescas iam além dos divertimentos propriamente ditos, participavam de movimentos ideológicos, sociais e filantrópicos, como a causa abolicionista em que a "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" liderou.

O uso das máscaras, de influência veneziana, era frequente. As mais luxuosas eram usadas em bailes e desfiles, e as mais simples para os zé pereiras e blocos de sujos, ou mesmo por

um brincalhão isolado.

O uso de máscaras era controlado pela polícia, pois além do disfarce que facilitava às pessoas procuradas esconderem-se, possibilitava brincadeiras indesejáveis.

Devido ao tipo de fonte documentária encontrada, a maior parte do presente trabalho trata de um carnaval elitista. Pouco se sabe das brincadeiras momescas da parcela mais pobre da população, principalmente dos escravos.

Estes eram proibidos de participarem do carnaval, mas, mesmo com as penalidades, às vezes arriscavam-se a divertirem-se.

No século XIX, nenhuma influência da cultura negra se faz sentir no carnaval desterrense, como no século atual, e era um carnaval regido por uma sociedade branca.

As crianças também participavam das festas, apesar da pouca referência que se tem delas.

A Igreja Católica, nesta época, não se manifestou nem contra nem a favor do carnaval.

Os inúmeros anúncios nos jornais de venda de artigos carnavalescos, provam a importância do carnaval para a sociedade desterrense, pois havia um grande consumo destes produtos.

A festa veio incrementar o comércio local nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. No restante do ano este não se fazia sentir. No contexto geral, entretanto, pouco influenciou no comércio, pois era uma atividade paralela e secundária frente às demais atividades econômicas.

A produção e comércio de artigos carnavalescos, dividiu-se em quatro tipos distintos: artesanal mais rudimentar; ar

tesanal mais organizado, feitos na própria cidade; industrializado com produtos nacionais e estrangeiros; e um último de roupas e fantasias usadas.

O carnaval desterrense do século XIX não foi um acontecimento violento, pois existia todo um sistema repressivo para controlá-lo.

Os festejos eram limitados pela lei, pela polícia, pela regulamentação interna das sociedades carnavalescas e pela imprensa.

A sátira e a crítica eram indispensáveis no carnaval. Estas captavam várias modalidades da vida política, econômica e social do país; traziam reflexões sobre os problemas e transformações do século, mostrando-se dinâmicas.

Como se viu nesta dissertação, o carnaval da capital, no século XIX, não era um acontecimento estanque, isolado, ele pertencia a um contexto mais amplo, refletindo-se em diversas facções da vida desterrense e nacional.

Desta maneira, pretende-se que este trabalho tenha contribuído para a historiografia catarinense em particular, e para a história social e dos divertimentos do Brasil, em geral.

Pelas características das fontes utilizadas e outras a serem descobertas, não se pode dar por encerrado o assunto, tanto pelo fato de que limita-se o estudo ao século XIX, quanto pela possibilidade de novas discussões sobre o mesmo tema. Assim sendo, espera-se que a continuação deste estudo seja uma realidade para o aperfeiçoamento do conhecimento da sociedade florianopolitana atual.

FONTES

FONTE

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

- 1 - SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc...
Resolução nº 29 artigo 130 de 28 de março de 1857. Desterro, Typ. de J.J. Lopes, 1857. p.37.
- 2 - SANTA CATARINA. Leis , Decretos,etc...
Lei nº 606 de 30.04.1868. : aprova o código de postura da Câmara Municipal de Itajaí cap. 4 tranqüilidade pública art. 44. Desterro. Typ. Joaquim Augusto do Livramento,1868, p.42.
- 3 - SANTA CATARINA. Leis, Decretos, etc...
Lei nº 625 de 11 de junho de 1869; aprova alguns artigos de postura da Câmara Municipal da Capital. Desterro, Typ. de J.J. Lopes, 1869. p.32-3.
- 4 - Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província.
Postura municipal. Desterro, 26 de julho de 1832.(mss.).
- 5 - Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província.
Desterro, 26 de março de 1859. (mss.).
- 6 - Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província.
Desterro, 01 de maio de 1869. (mss.).
- 7 - Ofício do Fiscal da Câmara para o Presidente da Câmara.
In.——: ofício do chefe de Polícia para o Presidente da Província. Desterro, 28 de janeiro de 1870. (mss.).
- 8 - Ofício da Secretaria da Câmara Municipal para o chefe de Polícia. In. ——: ofício do chefe da Polícia para o Presidente da Província. Desterro, 28 de janeiro de 1870.(mss.).
- 9 - Ofício do chefe de Polícia para o Vice-Presidente da Província. Desterro, 22 de fevereiro de 1879. (mss.).
- 10 - Ofício do chefe de Polícia para o Presidente da Província.
Desterro, 14 de janeiro de 1884. (mss.).

FONTE

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA (FLORIANÓPOLIS)

- 1 - O ARGOS - 1858 - 1861.
- 2 - O CACIQUE - 1870 - 1871.
- 3 - O CATHARINENSE - 1861.
- 4 - COMMERCIAL - 1868.
- 5 - O CONSERVADOR - 1855 - 1877 - 1899
- 6 - CORREIO DA TARDE - 1874; 1884.
- 7 - O CRUZEIRO DO SUL - 1859 - 1860.
- 8 - O DESPERTADOR - 1863 - 1868; 1872 - 1879; 1880 - 1890.
- 9 - DIÁRIO CATARINENSE - 1988.
- 10 - O ESTADO - 1893; 1899.
- 11 - JORNAL DO COMMERCIO - 1879 - 1893.
- 12 - MATRACA - 1888.
- 13 - O MERCANTIL - 1863; 1868; 1869.
- 14 - MERCÚRIO - 1886.
- 15 - O MOLEQUE - 1885.
- 16 - POLYANTEA - 1889.
- 17 - A REGENERAÇÃO - 1870 - 1874; 1878 - 1879; 1880 - 1884.
- 18 - REPÚBLICA - 1896; 1898.
- 19 - O RONCO - 1861.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

01. ALENCAR, Edigard de. O carnaval carioca através da música. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1965.
02. ARAUJO, Marcos Goursand de. O carnaval como fenômeno comportamental de comunicação. Florianópolis, UFSC, 1980./Trabalho apresentado para concurso de Professor Adjunto ao Departamento de Psicologia.
03. BLUM, Heitor. A campanha abolicionista na antiga Desterro: subsídio para a história da campanha abolicionista da província de Santa Catarina. Florianópolis, IHGSC, 1939. p.41.
04. BOITEUX, Lucas Alexandre. Dicionário bio-bibliográfico catarinense. (mss.). "Original em poder do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina".
05. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro: memória I e II, notícia I e II. Florianópolis, Imprensa Universitária, 1971.
06. CALIXTO, Vasco. O carnaval lisboeta no tempo de nossos avós. Diário de Notícias, Lisboa, fev. 1984.
07. CALIXTO, Vasco. Há cem anos já se notava a diferença: carnaval de Lisboa em 1885. Diário de Notícias, Lisboa, fev. 1885.
08. ENEIDA. História do carnaval carioca. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1958.
09. HUBENER, Laura Machado. O comércio da cidade do desterro no século XIX. Florianópolis, UFSC, 1981.
10. LIMA, Herman. História da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro, J. Olympio, v.2. 1963. p.523.
11. MORAIS, Mello Filho. Festas e tradições populares do Brasil. Rio de Janeiro, F. Briguriet, 1946.
12. PEREIRA, Nereu do Vale. A modernização em Florianópolis. Florianópolis, UFSC, 1974./ Tese submetida para obtenção do Título de Livre Docente em Sociologia.

13. PIAZZA, Walter F. O escravo numa economia minifundiária. Florianópolis, UDESC, 1977.
14. PIAZZA, Walter F. Dicionário político catarinense. Florianópolis, Ed. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p.462.
15. SEBE, José Carlos. Carnaval, carnavais. São Paulo, Ática, 1986.
16. SILVEIRA, Adélia dos Santos. Catálogo analítico descritivo dos jornais do Desterro : 1850- 1894 o jornal como fonte histórica. Florianópolis, UFSC, 1981./ Dissertação de Mestrado em História.
17. VIANNA, Hildegardes. Do entrudo ao carnaval na Bahia. Revista Brasileira de Folclore . Rio de Janeiro, 5(13):283-98, 1965.
18. VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Cadernos CERU. In: _____ os poderes públicos e a imprensa na transformação do carnaval paulistano no século XIX. São Paulo, USP, 1985. n.l. p.65-78.

ÍNDICE DE GRAVURAS

	Pág
1 - Resultados do Entrudo	21
2 - Programa dos Festejos da "Sociedade Recreio Carnavalesco".....	51
3 - Figura de anjo.....	61
4 - Figura de diabo.....	62
5 - Figura de máscaras	63
6 - União das duas sociedades	106
7 - Qual das duas sociedades vencerá?	108
8 - Derrota da "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos".	110
9 - Posicionamento do "Jornal do Commercio".....	113
10 - "Jornal do Commercio" tirando satisfação do jornal "Matraca".....	114